JUDAH SMITH

JESUS É _____.

COMO VOCÊ COMPLETARIA ESSA FRASE?

MC

JESUS É ____.

JUDAH SMITH



JESUS É ___.

COMO VOCÊ COMPLETARIA ESSA FRASE?

Traduzido por DANIEL FARIA

MC
mundocristão
São Paulo

Copyright© 2013 por Judah Smith
Publicado originalmente por Thomas Nelson, Nashville, Tennessee, EUA.
Direitos negociados por Silvia Bastos, S. L., agência literária.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Internacional* (NVI), da Biblica Inc., salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

S646j

Smith, Judah
Jesus é : como você completaria essa frase? / Judah Smith ; tradução Daniel Faria. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2015.
208 p. ; 21 cm.

Tradução de: Jesus is: find a new way to be human

1. Jesus Cristo - Exemplo. 2. Vida espiritual - Cristianismo. I. Título.

15-21647

CDD: 232.904
CDU: 27-318

Categoria: Inspiração

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil – CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

1ª edição: maio de 2015

Este livro é dedicado à comunidade da qual tenho o privilégio de fazer parte desde meus 13 anos, a City Church. Esta é a nossa jornada.

Sumário

Agradecimentos 9
Prefácio à edição brasileira 11
Introdução 13

JESUS É AMIGO
1. Muito mau ou mais ou menos mau 19
2. Lado sombrio 29
3. Amigo de pecadores 37

JESUS É GRAÇA
4. Abrace a graça 51
5. A graça é uma pessoa 65
6. Abandone a Terra do Merecimento 79

JESUS É O SENTIDO
7. Venham a mim 99
8. O sentido da vida 115

JESUS É FELIZ
9. Boas-novas de grande alegria 127
10. Conosco e por nós 141

JESUS É PRESENTE
11. Aquele a quem amas 151
12. Sou feliz 161

JESUS É VIDA
13. Vida de verdade 173
14. Jesus zumbi 183
15. Jeito novo de ser 195
Conclusão: Jesus é 203

Agradecimentos

Obrigado, Jesus.
Obrigado, Chelsea.
Obrigado, pérolas (Zion, Eliott e Grace).
Obrigado, pai.
Obrigado, mãe.
Obrigado, família.
Obrigado, amigos.
Obrigado, igreja.
Obrigado, Hillsong.
Obrigado, Thomas Nelson (EUA).
Obrigado, Esther.
Obrigado, Justin.
Obrigado, Sean.
Obrigado, Andrew.

Prefácio à edição brasileira

Você pode saber muito sobre uma pessoa sem jamais conhecê-la de verdade. Talvez haja alguma celebridade, algum artista, músico, pregador ou simplesmente alguém que você admire e, por essa razão, conhece muito sobre ele. Existe gente que sabe tudo sobre os famosos: a idade, o nome dos pais, onde nasceu, o que gosta de comer, os *hobbies*, os lugares que gosta de frequentar, e até mesmo detalhes de sua vida íntima — isso tudo mesmo sem nunca sequer ter tido qualquer contato verdadeiro com aquela pessoa.

Quem é Jesus para você? Muita gente poderá descrever coisas sobre Jesus sem jamais ter tido uma experiência real com ele. Conhecem a história de seu nascimento, ouviram falar de suas curas, milagres e prodígios, sabem onde morou e por onde andou, e têm informações detalhadas sobre sua morte. Algumas pessoas sabem isso tudo e, no entanto, nunca o conheceram de fato.

Quando me fizeram essa pergunta, imediatamente parecia fácil respondê-la. Mas, à medida que tentei descrevê-lo, fui vendo que a cada palavra parecia faltar algo na resposta. Então, fui acrescentando vários adjetivos e qualidades à maravilhosa pessoa de Jesus e, mesmo assim, não pareciam descrevê-lo em sua totalidade.

Curiosamente, a resposta vai variar de pessoa para pessoa. Cada indivíduo tem um ponto vista diferente a respeito de Jesus com base naquilo que representa sua fé. Por exemplo, para narrar seus dias na terra como Filho do homem, foram escritos quatro evangelhos,

e apesar de descreverem praticamente as mesmas histórias, cada relato contém a ótica pessoal de seu autor nas experiências que teve com Jesus ou no que ouviu a respeito dele.

Essa pergunta parece simples, mas quando Jesus pergunta a seus discípulos: "Quem os outros dizem que o Filho do homem é?" (Mt 16.13), as respostas foram as mais variadas: um profeta, um operador de milagres, um libertador. Até que Pedro parece ter acertado "na mosca" e respondeu o que Jesus gostaria de ouvir naquele momento: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo!" (Mt 16.16).

Quando pensamos sobre quem é Jesus, ele nos revela quem *nós* somos. Foi o que aconteceu com Pedro: ao dizer "Jesus, tu és o Cristo...", o discípulo jamais imaginaria que Cristo revelaria quem ele era: "Você é Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha igreja" (Mt 16.18).

Jesus é ___, do pastor Judah Smith, é um livro vibrante e ao mesmo tempo simples, que levará você a pensar mais sobre Jesus e talvez o apresentará de uma forma diferente daquela que outras pessoas possam ter compartilhado com você até o momento. Com uma abordagem diferenciada, a obra o ajudará a compreender o significado de sua própria vida e a importância que ela tem para Deus. Aprecie a leitura e experimente Jesus em cada página — e ele revelará quem você é. Então, vamos começar? Jesus é...

NELSON JUNIOR

Idealizador da Campanha Eu Escolhi Esperar

Introdução

Tenho 33 anos, nasci e fui criado no noroeste dos Estados Unidos, o que significa que sou viciado em café e em reclamar do clima. Sou marido, pai de três crianças e um golfista razoável. Também sou pastor.

Essa última parte costuma deixar as pessoas desconfortáveis. Elas tentam não falar palavrões perto de mim, o que na maioria das vezes me faz rir. Acham que não consigo me identificar com elas. Um pastor, é claro, não fala palavrões, não tem pensamentos impuros, não grita com os filhos, não vê pornografia, não fica bêbado, não usa drogas, não engana a esposa nem sonega impostos. Ele também julga todas as pessoas que encontra pela frente, não se diverte e só faz sexo porque é um mal necessário para a perpetuação das espécies.

Trata-se de estereótipos, obviamente. Alguns são verdadeiros, outros não. Nenhum deles, porém, conta toda a história sobre o que significa ser um pastor, um cristão, ou mesmo uma boa pessoa.

Nos últimos anos, estive numa jornada de desafio aos estereótipos — de mim mesmo, do pecado e dos pecadores, e do próprio Jesus. É difícil descrever a profundidade da transformação pela qual estou passando, mas de uma coisa eu sei: jamais serei o mesmo novamente.

O cristianismo não tem a ver com não falar palavrões. Não tem a ver com não ter pensamentos impuros. Na verdade, não tem nada a ver com coisa alguma.

O cristianismo tem a ver com Jesus.

A campanha

Cerca de três anos atrás, pouco depois de me tornar pastor, me reuni com a equipe de comunicação de minha igreja e lhes disse que queria empreender uma campanha de *marketing* em nossa cidade. Meu objetivo: inserir Jesus na mente de Seattle.

Eu não queria promover nossa igreja. Eu não queria promover uma doutrina. Eu só queria que as pessoas pensassem mais a respeito de Jesus.

Daquela pequena reunião nasceu a campanha *Jesus é* ____. Nosso *marketing* consistia em cartazes, letreiros de ônibus, anúncios de Facebook, ímãs para carros (não adesivos — as pessoas têm paixão por seus automóveis), e um *site*, <jesus-is.org>, no qual era possível preencher o espaço em branco da frase. Também organizamos centenas daquilo que chamamos de "Projetos Jesus é ____": eventos de alcance social organizados por pessoas de nossa igreja que limpavam parques, trabalhavam como voluntários em escolas, além de outros serviços comunitários.

A premissa da campanha era simplesmente fazer as pessoas pensarem em Jesus. A nosso ver, a indiferença era o grande inimigo. Acreditávamos que, se levássemos as pessoas a pensar em Jesus, ele era mais que capaz de revelar a si mesmo a elas.

O resultado foi avassalador. As páginas de nosso *site* foram visitadas mais de 1,5 milhão de vezes. Na última contagem, 75 mil pessoas haviam enviado suas respostas ao espaço em branco. A campanha foi mencionada em *sites* ateus, pornôs e eclesiásticos. *Hackers* o visaram inúmeras vezes.

Ao que parece, Jesus obteve uma reação das pessoas.

As respostas enviadas são impressionantes. Uma análise do *site* proporciona uma visão fascinante sobre o conceito que nossa cultura tem de Jesus. Muitas das respostas recebidas, é lógico, são a favor de Jesus. Outras são simplesmente engraçadas. Algumas são

bizarras. Outras, abertamente opostas a Jesus: são blasfemas, odiosas, até mesmo perversas.

Poucos meses após o lançamento da campanha, descobrimos algo. *Jesus é* ____ era mais que uma campanha bem sacada ou um mantra de *marketing*. Era a missão de nossa igreja.

Uma enorme lousa no átrio de nossa igreja traz as seguintes palavras: "Nossa missão: mostrar quem Jesus é". Embaixo há centenas de definições escritas à mão por pessoas em nossa igreja que celebram semana após semana quem Jesus é para elas.

Não consigo pensar numa missão melhor na vida. Provavelmente escreverei outros livros, mas duvido que escreverei outro tão importante. Seja como for, este livro apenas resvala a superfície de quem Jesus é. Descobrir as profundezas de seu amor tornou-se minha obsessão, minha paixão e meu prazer.

A Bíblia

Eu sou uma pessoa da Bíblia. Não acho que meu cérebro funcione na medida suficiente para descobrir o sentido da vida, mas o fato é que a Bíblia é um livro maravilhoso, divino e sobrenatural que nos mostra o plano de Deus. Ela nos oferece a perspectiva adequada da vida. Acredito que Deus usou homens para escrevê-la, mas ele guiou o que eles escreveram, e tudo que nela há é exato.

Não me incomodo se você não acreditar nisso, então espero que você não se incomode por eu acreditar. Na verdade, acho que a Bíblia faz sentido mesmo que você não creia nela, de modo que seria ótimo se todos olhassem para esse livro com a mente aberta. Ninguém detém toda a verdade, e incluo a mim mesmo, mas podemos aprender uns com os outros.

A Bíblia foi criada para o mundo de verdade. Ela foi escrita por pessoas reais enfrentando questões reais. Assim, quando prego e escrevo, costumo recontar as narrativas bíblicas usando minhas palavras. Não se trata de uma nova tradução; é mais uma paráfrase,

geralmente com uma boa dose de humor na combinação. Às vezes dou risada sozinho; mas rir é bíblico, portanto me sinto quase santo ao rir de minhas piadas.

Meu cérebro *Post-it*

Vocês logo descobrirão isso, então talvez seja melhor explicar antes. Eu não sou uma pessoa muito linear.

Isso encantará alguns e frustrará outros. Tenho a concentração de uma criança de 5 anos, o que para mim é ótimo, uma vez que crianças de 5 anos aproveitam muito mais a vida que a maioria dos adultos.

Alguns de vocês têm o cérebro repleto de prateleiras cheias, todas alinhadas em fileiras. Tudo está indexado e em ordem alfabética. Vocês quantificam e qualificam e calculam sua vida, e isso é incrível. Deus os abençoe.

As paredes de meu cérebro, por sua vez, estão cobertas de *post-its*. E os *post-its* estão cheios de rabiscos. E os rabiscos estão realçados em várias cores néon. Portanto, se eu der muitas voltas neste livro, vocês já sabem por quê. Orem por mim.

Um comentário final

Eu não seria quem sou sem a influência de meu pai, Wendell Smith. Ele faleceu de câncer em dezembro de 2010, e eu sinto sua falta todos os dias. Ele foi meu mentor, meu amigo e meu herói.

Ele e minha mãe, Gini, fundaram a City Church em 1992. Pastorearam por dezessete anos antes de entregar a igreja à minha esposa, Chelsea, e a mim em 2009. A fé, a generosidade e o amor de meu pai eram incomparáveis.

Meu pai me mostrou quem Jesus é. Ele me iniciou numa jornada de alegria e descobertas que prossegue dia após dia.

Minha oração é que, na leitura deste livro, você enxergue Jesus como ele realmente é. E, uma vez feito isso, ele se tornará irresistível.

JESUS É amigo.

1

Muito mau ou mais ou menos mau

"Se Deus pode ajudar fulano de tal, ele pode ajudar *qualquer um*!"

Já disse isso a mim mesmo algumas vezes. O "fulano de tal" sempre se refere a pecadores de talento, famosos por sua competência em fazer coisas erradas. São ótimos para pecar, pecam muito e adoram seu pecado.

"Ficou sabendo? Aquela atriz se divorciou outra vez. É o quinto casamento fracassado, e o último durou apenas três meses. Meu amigo, se Deus conseguir endireitá-la, ele é capaz de ajudar qualquer pessoa!"

"Aquele líder se diz cristão, mas dá para acreditar na confusão em que ele se meteu? Ele devia ter vergonha de si mesmo. Se Deus pode ajudá-lo, ele é capaz de ajudar qualquer pessoa!"

Sejamos honestos. A maioria das pessoas boas gosta de se referir com desprezo à maioria das pessoas más. Os sentimentos de pena condescendente ou de indignação hipócrita nos causam prazer. Apontamos com alegria para malfeitores notórios como maravilhas da depravação, exemplos de quão baixo as pessoas más podem descer. Em seguida, terminamos nosso café com leite, colocamos os filhos em nosso carro recém-pago e saímos para contribuir com a sociedade.

Observe que eu acabei de me incluir na categoria da "maioria das pessoas boas". Nem pensei a respeito. Apenas o fiz.

Isso é o que mais me incomoda.

A escala da maldade

O problema com a declaração "se Deus pode salvar..." é que ela implica um sistema de classificação para o pecado. Trata-se de uma escala de maldade arbitrária, não formalizada e muitas vezes impulsionada pela cultura (ou talvez uma escala de bondade, dependendo de quem estamos avaliando, os outros ou a nós mesmos).

Em nossa escala, classificamos os pecados entre pequeno, médio-pequeno, médio, médio-grande, grande, extragrande e superpecado. Se avistarmos alguém com pecados pequenos e médios, pensamos: "Ele é um cara bonzinho. É um sujeito decente e de boa índole. Parece evidente que ele está próximo de Jesus. Deus não terá problemas com ele".

Então avistamos alguém com pecados médios e grandes e ficamos mais tensos. "É, a gente precisa orar por essa pessoa. A vida dela está indo ladeira abaixo. Deus precisará lhe chamar a atenção do jeito mais difícil. Ela precisa muito trabalhar para tomar jeito e se aproximar mais de Deus".

Quando deparamos com o superpecador, alguém que comete os pecados grandões, só balançamos a cabeça, cheios de piedade ultrarreligiosa.

Todavia, em nenhum lugar da Bíblia encontramos Deus fazendo distinção entre níveis de pecado. Deus não compartilha de nosso sistema de classificação. Aos olhos dele, todo pecado é igualmente mau, e todos os pecadores são igualmente passíveis de serem amados. É óbvio que os pecados têm consequências diferentes: alguns vão colocar você na cadeia ou no hospital, enquanto outros nem sequer serão notados. Mas Deus só chama o pecado de *pecado*.

Zaqueu, o gângster

Jesus também não tinha um sistema de classificação para o pecado. Ele estava disposto a aceitar e amar a todos. Em nenhum lugar essa

disposição é mais evidente que na história de Zaqueu, o cobrador de impostos.

Antes preciso mencionar que, na minha leitura das histórias bíblicas, todos os personagens possuem sotaques. É assim que minha mente funciona. A concentração nunca foi meu forte, e eu suspeito que os sotaques são uma manobra desesperada do meu cérebro para me manter focado.

Na minha mente, Zaqueu era tipo um gângster. Se você não conseguir enxergar um pouco de fanfarrice nas palavras dele, você e eu não vamos nos conectar muito bem nas páginas seguintes. Talvez você precise ouvir alguns álbuns de *hip-hop* e tentar de novo.

Caso ainda não conheça a história, Zaqueu era um cobrador de impostos. Na realidade, ele era o chefe dos cobradores de impostos. Ele também era bem baixinho. Essa parte é importante.

Lá vai a história, direto das páginas da Bíblia:

> Jesus entrou em Jericó, e atravessava a cidade. Havia ali um homem rico chamado Zaqueu, chefe dos publicanos. Ele queria ver quem era Jesus, mas, sendo de pequena estatura, não o conseguia, por causa da multidão. Assim, correu adiante e subiu numa figueira brava para vê-lo, pois Jesus ia passar por ali.
>
> Quando Jesus chegou àquele lugar, olhou para cima e lhe disse: "Zaqueu, desça depressa. Quero ficar em sua casa hoje". Então ele desceu rapidamente e o recebeu com alegria.
>
> Todo o povo viu isso e começou a se queixar: "Ele se hospedou na casa de um pecador".
>
> Mas Zaqueu levantou-se e disse ao Senhor: "Olha, Senhor! Estou dando a metade dos meus bens aos pobres; e se de alguém extorqui alguma coisa, devolverei quatro vezes mais".
>
> Jesus lhe disse: "Hoje houve salvação nesta casa! Porque este homem também é filho de Abraão. Pois o Filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido".
>
> Lucas 19.1-10

O contexto é interessante: os israelitas da época de Jesus viam os cobradores de impostos como ladrões e cafetões. Eles eram judeus que trabalhavam para o governo romano, que naquele tempo dominava Israel. Tinham como função coletar impostos de seu povo e entregar o dinheiro à odiada potência estrangeira. Sua renda provinha do valor que tomavam das pessoas após terem completado a cota reservada a Roma. Assim, Zaqueu e seus colegas traidores inventavam valores sem o menor escrúpulo. Ele era um trapaceiro profissional, um fraudador que tomava dinheiro de velhinhas pobres. Em suma, um ladrão.

A propósito, acredito que Zaqueu manjava de cultura *pop*. Acho que ele gostava de fazer aparições surpreendentes, de estar no meio da ação. Quando desenrolavam o tapete vermelho e as câmeras surgiam, lá estava Zaqueu, uma garota em cada braço, olhando por cima de seus óculos escuros para a equipe de televisão. "E aí, rapaziada." Quando ele dava coletivas de imprensa, referia-se a si mesmo na terceira pessoa.

Zaqueu era um sujeito baixo, mas não se deixe enganar por sua estatura. Ele tinha muita grana. Em algum momento, anos antes, havia sido recrutado pelos romanos. Era provavelmente um prodígio. Começou como assistente de cobrador. Depois, tendo provado seu valor, foi promovido. Por fim, quando aparece nessa história, ele já havia se tornado o chefe dos cobradores. Possivelmente supervisionava um distrito inteiro, além de uma gangue de cobradores subordinados que lhe entregavam parte do que conseguiam.

Isso leva o índice de rejeição de Zaqueu às alturas. Ele é infame e famigerado, um pecador notório. Há quanto tempo ele faz isso? Cinco anos? Possivelmente mais — ele é chefe dos cobradores. Dez anos? Vinte?

Não acho que ele se importe de ser odiado. Na verdade, acho que ele adora a vida que tem. Podemos vê-lo em sua casa enorme,

com vista para a cidade, relaxando em sua imensa piscina, com servos abanando-o e pondo uvas em sua boca.

Todo mundo tem medo dele. Sim, eles o odeiam — mas pelo menos o respeitam. Na época da escola, era desprezado por sua altura. Mas agora todos temem o baixinho. Zaqueu é o cara da pesada do bairro.

Corria o rumor de que Jesus pudesse ser o Messias prometido. Zaqueu havia crescido na cultura judaica e sabia alguma coisa sobre as profecias. Sem dúvida ele tinha ouvido falar de que algum dia o Messias viria. E agora Jesus está passando pela cidade, e Zaqueu diz: "Vou conferir quem é esse cara. Ele é cheio de seguidores. Muita gente comentando a respeito. Estou curioso".

Duvido que Zaqueu estivesse pensando: "Cara, eu espero de verdade que Jesus me salve". Salvá-lo de quê? De sua mansão? De todas as mulheres que o adoravam?

Não, ele só queria dar uma conferida no cara popular. *Status* era tudo para Zaqueu. O sujeito não se torna cobrador de impostos e depois chefe dos cobradores sem gostar muito de dinheiro e de *status*. Ele era famoso num sentido negativo, mas era famoso.

Então Jesus começa a passar. As pessoas formam filas nas ruas, tentando ter um vislumbre dele, e Zaqueu se dá conta de que não consegue ver por cima da multidão. "Isso aqui tá complicado", ele diz para si mesmo. "Não vou conseguir ver o tal Jesus."

Zaqueu é um cara inovador, acostumado a dar um jeito nas coisas. Então ele dobra as mangas de seu manto estilo *bling-bling* e sai correndo, as correntes de ouro a tilintar, e sobe numa figueira.

Agora sim ele consegue ver a nuvem de poeira e toda aquela gente em torno de Jesus. Algum desavisado poderia pensar que se tratava do Justin Bieber ou algo do tipo. Ele está descendo a rua e, de repente — Zaqueu não consegue acreditar em sua sorte —, interrompe sua passagem bem junto à árvore em que se encontra o nosso baixinho.

"Que doideira", ele pensa. "Dá para conferir o cara daqui; quem sabe até seja possível ouvir o que ele tem a dizer."

Então, para surpresa de Zaqueu, Jesus olha em sua direção. Ele o chama pelo nome.

— Zaqueu.

— Quê? Como você me conhece? Eu não conheço você. Quem falou de mim para você?

Dizem que o som mais doce para o ouvido humano é o som do próprio nome. Deus chama esse homem rejeitado, endurecido e egoísta pelo nome.

— Zaqueu, desça depressa! Vou para sua casa já, agora mesmo.

— Você? Uh, sem problema. Tranquilo.

Zaqueu curte o momento. Todos os judeus religiosos decentes querem um minuto com Jesus, um aceno, um aperto de mão. E agora, no entanto, o chefe dos cobradores de impostos — o maior vilão da área — recebe um convite pessoal. Na minha visão, ele está olhando para todos ao redor e dizendo: "Qual foi, galera?". Ele manda avisar seus parceiros e comparsas cobradores que cheguem mais e conheçam o tal Jesus. Todos os holofotes estão voltados para ele.

"Vou mudar tudo"

Naquela tarde, porém, algo inesperado e inexplicável aconteceu no coração de Zaqueu. Quanto tempo ele ficou frente a frente com o Deus vivo? Duas horas? Quatro horas? Não sabemos. Sobre o que conversaram? Só é possível imaginar.

Podemos presumir que fizeram uma refeição juntos e que Jesus provavelmente ouviu bastante. Zaqueu deve ter pensado: "Ninguém me ouve, com exceção de alguns caras que trabalham para mim. Mas esse aqui se importa. Ele ouve. Ele entende".

Consigo imaginar Zaqueu olhando para os olhos mais compassivos que já viu e pensando: "Será que Jesus sabe quem eu sou? Será

que ele sabe quem está ao redor da minha mesa? Sabe o que fazemos para ganhar a vida? Sabe com que eu paguei o peixe que ele está comendo? Sabe como eu banquei está casa? Ele deve saber... mas mesmo assim não me rejeita!".

Depois de algumas horas com Jesus, Zaqueu não consegue mais se conter. De forma abrupta, ele se põe em pé, aparentemente comovido com quem esse Jesus é. Diante da família, dos parceiros e dos funcionários, ele deixa escapar:

— Vou mudar tudo!

Quê?

— Vou mudar tudo, Jesus. Vou começar a doar meu dinheiro. Na verdade, a todo mundo que eu trapaceei, vou devolver quatro vezes o que roubei.

O mafioso durão, voraz por dinheiro, está prestes a ir à falência e não se importa. Um momento com Jesus mudou tudo.

Tento imaginar o que Jesus disse naquela tarde breve a ponto de transformar um usurpador de longa data num doador generoso. Mas não é esse o ponto central da passagem. A meu ver, a Bíblia pula a parte da conversa porque, do contrário, tentaríamos transformá-la numa receita ou num programa a ser seguido. Não se trata do que Zaqueu falou, mas sim da pessoa com quem ele falou. Trata-se de estar com Jesus.

O que transformou Zaqueu? Princípios bíblicos? Devoção pessoal? Deveres e práticas religiosas? Não — foram alguns momentos com o Deus encarnado. Não há sequer um registro de alguém dizendo a Zaqueu que ele precisava se arrepender ou devolver o dinheiro. E, no entanto, quando esse homem encontrou Jesus, algo aconteceu.

Desça depressa

A verdade é que eu sou Zaqueu. Posso não ser baixo de estatura, mas sou baixo espiritualmente, em minhas habilidades e capacidades.

Mesmo que desejasse chegar até Jesus, mesmo que desejasse vê-lo, não consigo enxergar além de mim mesmo. Não consigo enxergar além de meu pecado, de minhas distrações, de meu ego.

Como nós buscamos alcançar Jesus? Correndo mais rápido e escalando as árvores das práticas religiosas. Pensamos conosco: "Vou chegar até Jesus. Vou impressioná-lo com a pessoa que sou".

Acredito que a maioria das pessoas possui um senso de inadequação e fracasso profundo dentro de si. Não importa quanto se esforcem ou o que realizem, sabem que estão num lugar sombrio. Em termos espirituais, estão devendo. Pecam e não conseguem alcançar o padrão glorioso de Deus. Então pensam: "Vou correr mais rápido, encontrar uma árvore e subir, e vou chamar a atenção de Deus".

Como se Deus fosse atraído por sua capacidade de correr e de escalar árvores!

Não foi isso que salvou Zaqueu. Foi a misericórdia de Deus. Foi a graça de Deus. Foi a iniciativa de Deus.

Achamos que Deus se detém e toma conhecimento de nós porque nos vê ali em nossas belas figueiras. É porque somos bons, pensamos. "Viu só, fiz Deus me notar. É porque oro bem alto, oro bastante, frequento a igreja."

Mas não foi por isso que Jesus parou naquele dia. Ele parou por livre escolha. Ele parou porque é cheio de graça e bondade. Ele parou porque conhecia Zaqueu pelo nome, assim como conhece a mim e a você.

Jesus mandou Zaqueu descer depressa, e ele nos ordena a mesma coisa. "Desça depressa da religião. Desça depressa das tradições. Pare de tentar elevar a si mesmo. Somente minha graça pode salvá-lo. Desça agora, venha para cá. Não gaste nem mais um minuto confiando em si mesmo. Preciso estar com você hoje."

Enquanto Zaqueu falava, Jesus devia estar sorrindo. Agora, porém, é sua vez de falar. "Hoje veio salvação a esta casa. Zaqueu é um filho de Abraão, um verdadeiro judeu".

Zaqueu está perplexo. Ele é o traidor por excelência, o vilão da história, a antítese do bom judeu. Até onde consegue se lembrar, ele estava no lado de fora, olhando para dentro. E agora ele pode entrar? Agora ele é um cara bom?

Como eu gostaria de ter visto o rosto dos amigos dele. "Se existe esperança para Zaqueu, deve existir para mim também!"

Em seguida, Jesus resume sua missão de vida: "Estou aqui para encontrar e ajudar os perdidos. É por isso que vim".

Os fariseus pensavam que o Messias só viria para os escolhidos, os santificados, os religiosos. Mas Jesus disse repetidas vezes que veio para os quebrantados, os maus, os viciados, os sobrecarregados, os desiludidos, os perdidos, os feridos.

Às vezes somos muito parecidos com Zaqueu. Estamos nessa história de pecado faz um bom tempo. Temos problemas, fraquezas e propensões a cometer erros. Ficamos um pouco calejados e insensíveis à coisa toda — talvez até cínicos. Estamos desamparados, sem esperança. "Nem Jesus conseguiria me libertar", pensamos. Afinal, fizemos o que era possível, e nada mudou. Seja como for, ele não encontraria nada digno de ser salvo em nós.

Quem sabe seja um pecado secreto: um caso de oito anos atrás do qual nem seu cônjuge sabe. Talvez seja algo que domine sua vida, como o alcoolismo ou algum outro vício. As pessoas lhe dizem que você nunca vai mudar, e agora você começa a acreditar nelas.

Jesus não é seu acusador. Ele é seu amigo e seu resgatador. Assim como fez Zaqueu, passe tempo com Jesus. Não se esconda dele por vergonha nem o rejeite por autossuficiência. Não permita que a opinião alheia molde seu conceito a respeito dele. Conheça-o por si mesmo e permita que a bondade divina o transforme de dentro para fora.

2

Lado sombrio

Zaqueu não foi o único cobrador de impostos a ter seu mundo abalado por Jesus. Havia também Mateus. Ele foi um dos discípulos de Jesus, e o livro que escreveu descreve vários eventos fundamentais no ministério de três anos do Messias.

O primeiro encontro de Mateus com Jesus revela que, no que diz respeito a pecadores, Deus possui duas categorias. Só duas.

> Saindo, Jesus viu um homem chamado Mateus, sentado na coletoria, e disse-lhe: "Siga-me". Mateus levantou-se e o seguiu.
>
> Estando Jesus em casa, foram comer com ele e seus discípulos muitos publicanos e pecadores. Vendo isso, os fariseus perguntaram aos discípulos dele: "Por que o mestre de vocês come com publicanos e pecadores?"
>
> Ouvindo isso, Jesus disse: "Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. Vão aprender o que significa isto: 'Desejo misericórdia, não sacrifícios'. Pois eu não vim chamar justos, mas pecadores".
>
> Mateus 9.9-13

Dois tipos de pecadores

Mateus, assim como Zaqueu, era cobrador de impostos. Por onde fosse, era odiado, temido e rejeitado. Até encontrar Jesus. Mateus

jamais se esqueceu da inexplicável disposição que esse homem havia tido de olhar além de sua profissão e enxergá-lo como pessoa.

Em sua conversa com Mateus, Jesus divide toda a humanidade em dois grupos: pessoas que *pensam* que são justas e pessoas que *sabem* que são pecadoras.

É isso. Nada de escalas móveis, tabelas progressivas, bondade relativa ou rótulos subjetivos. Ou alegamos que não precisamos dele ou reconhecemos que precisamos.

Este é o denominador comum: todos precisamos de ajuda. O problema é que nem todos admitem isso. Em vez de entender que estamos juntos nessa, que todos necessitamos de ajuda, buscamos elevar nossa autoestima olhando para pessoas que, supostamente, fazem coisas piores que a gente.

Precisamos abandonar nossa escala e adotar o padrão de Deus, pois nossos rótulos equivocados nos impedem de interagir com as pessoas da maneira correta. Presumimos que sabemos onde elas estão na escala de classificação e presumimos que sabemos se elas estão prontas ou não para ouvir sobre Jesus e entregar a vida para Deus.

Na realidade, para muita gente, o principal obstáculo à graça de Deus não são seus pecados escandalosos — são suas boas ações vazias.

É óbvio que algumas pessoas têm problemas. Contudo, para o homem que vive num belo condomínio de classe média, que mantém o jardim bem cuidado e os carros sempre limpos, que é fiel à sua esposa, trabalha duro, paga as contas e nunca sonega impostos — para esse cidadão-modelo, não é tão óbvio assim. Talvez ele compare sua bondade com a maldade dos outros e pense: "Sou um cidadão decente. Estou bem na vida. Não preciso de ajuda".

Nosso superficial sistema de classificação garante ainda que jamais encontraremos liberdade sozinhos. É preciso coragem e humildade para reconhecer que somos tão problemáticos quanto o vizinho viciado em drogas, e muitos de nós nunca seremos honestos a esse ponto. Se não conseguimos ser honestos com nós

mesmos, jamais seremos honestos com Deus. Continuaremos a encobrir nossos lados sombrios e a ostentar nossas boas obras, e nada vai mudar.

"Olá, odeio você"

Jesus era amigo de pecadores como Zaqueu e Mateus, e os fariseus, em especial, não conseguiam lidar com isso. Os fariseus eram os mestres espirituais da época. Eram especialistas na lei religiosa judaica — um conjunto de regras humanas que buscavam aplicar a lei de Moisés à vida cotidiana. Tinham regulamentos para tudo, desde lavar as mãos até amarrar cargas em camelos.

Quando os fariseus aparecem na Bíblia, geralmente estão fazendo uma coisa: apontando pecadores. Acusar pessoas era parte de sua rotina diária. Eles haviam feito carreira ridicularizando almas quebrantadas. Era o modo definitivo de garantir o emprego.

Os fariseus zelavam pela lei, mas não entendiam o amor de Deus. Impunham julgamento sem misericórdia, punição sem amor, crítica sem compreensão.

Sob o pretexto de odiar o pecado, os fariseus acabavam odiando os pecadores.

E, talvez o pior de tudo, concluíram que seu distanciamento dos pecadores os tornava santos. O padrão de medida de sua bondade era a maldade das pessoas que eles rejeitavam.

É por isso que os líderes religiosos judeus tinham dificuldade de entender Jesus. Estavam à espera de um Messias, um Salvador, e presumiram que ele seria igual a eles. Usaria vestes distintas e se manteria longe de pessoas imorais. Caminharia pelas ruas de cabeça erguida e esperaria que todos saíssem de sua frente por reverência. Presumiram que Deus viria e seria como eles.

Estavam errados.

Jesus fez questão de buscar pecadores e se tornar amigo deles. Ele não estava preocupado com sua reputação. Ele não estava

tentando elevar sua imagem diminuindo os outros. Ele era Deus e era perfeito e, no entanto, declarou por suas ações que não condenava nem mesmo o pior dos pecadores.

A ironia da história é que as palavras mais ásperas de Jesus se direcionavam aos santarrões fariseus. Ele conseguia ver além da pseudoespiritualidade deles. Ele lhes chamou a atenção em público, e eles o odiaram por isso. No final, foram os líderes religiosos que exigiram a crucificação, e eles incitaram a multidão até que os governantes romanos se vissem forçados a cumprir suas vontades.

Pecadores notórios não mataram Jesus. Pessoas religiosas, sim.

O fariseu em minha cabeça

Antes de ficarmos com raiva demasiada dos fariseus, notemos que dentro de cada um de nós existe um fariseu tentando sair. Já aconteceu comigo. Mal consigo dominar um hábito ruim e me torno o maior crítico de alguém que ainda pratica aquilo que acabei de deixar de fazer.

Acredito que a indignação legítima apareça muito mais fácil que a humildade e a compaixão. Castigar mentalmente os atos maus de outras pessoas é mais confortável que lidar com meus próprios pecados.

Não tardamos em reconhecer que os *outros* têm problemas. Mas pense por um instante: as pessoas más raramente se veem como más. Se elas começam a sentir pontadas de culpa, basta que olhem um pouco mais abaixo para a cadeia alimentar da santidade, encontrem alguém pior e continuem a justificar a si mesmas.

Sendo assim, devo me perguntar: De onde presumi que estou junto ao topo dessa cadeia alimentar? E, a propósito, quem está olhando para mim e usando meus erros para elevar sua autoestima? Só pensar nisso já me deixa na defensiva, mas é uma pergunta legítima.

O que faço é o seguinte: defino leis ou regras que caibam no meu padrão de vida e então julgo você por meio delas. Se você

seguir minhas regras, então é uma boa pessoa. Se você possui regras mais rigorosas que as minhas, então é um moralista que precisa pegar mais leve.

É tão conveniente. E é tão enganoso.

Se nossa definição de *pecado* é "fazer coisas más", então todos concordamos que o pecado existe. As pessoas fazem coisas más. Mesmo que minha definição de *maldade* seja um pouco diferente, ainda assim concordaremos que o estupro é errado. O genocídio é péssimo. A discriminação racial é terrível.

O problema é que não gostamos de nos incluir na mesma categoria dos estupradores e assassinos. Eles pecam. Nós só cometemos algumas bobagens.

Quando confrontados com nossa maldade, nossa reação é uma de duas: lutar ou fugir. Nós atacamos, apontando dedos e proferindo ofensas. Ou então nos escondemos atrás de devaneios filosóficos sobre o bem e o mal cósmico, e divagamos com eloquência sobre amor e tolerância e como isso faria desaparecer todo o mal que há no mundo. Não passa de uma cortina de fumaça, um mecanismo de defesa para desviar a atenção das enormes brechas aparentes em nossa santidade.

Não é minha intenção ofender ninguém. Mas a liberdade começa com a honestidade. Não estamos prestando nenhum favor a nós mesmos ao nos definirmos como bons e os outros como maus. Concordemos apenas que todos precisamos de ajuda, que todos estamos juntos nessa.

A boa notícia é que Jesus veio para revelar um Deus que não nos define por nossas ações, mas sim pelo amor dele.

Por que então eu retorno tão rapidamente às leis e às regras quando avisto pessoas que são consideradas pecadoras de má reputação? Aquelas cujas artimanhas sórdidas são a forragem dos programas de televisão, ou que toda noite vendem a si mesmas por sexo nas ruas, ou que roubam e matam e estupram?

Consigo pensar numa razão, embora prefira não admiti-la: minhas regras me distanciam das pessoas más.

Se eu me separo dos pecadores, não preciso lidar com a dor que eles sentem. Não preciso me pôr no lugar deles, nem amá-los, nem deixar meu coração se compadecer deles. Não preciso sujar minhas mãos ajudando-os a pôr a vida em ordem. Posso justificar a grosseria e a indiferença quando meu coração deveria estar sangrando de compaixão. Posso ignorar o fato de que, não fosse a graça de Deus, eu estaria agindo exatamente como eles.

Sigamos adiante. Se eu me separar dos pecadores, posso me permitir o luxo de celebrar a punição deles. Quando eles recebem o que lhes cabe, sinto um prazer sádico. Eles mereceram, afinal.

Não me leve a mal. Não estou dizendo para abolirmos o julgamento em sociedade — apenas para abolirmos a postura julgadora.

Se eu me separar dos pecadores, não ponho em risco minha reputação. Continuo a ser um membro bem-visto no clube dos santarrões, onde nos reunimos para congratular uns aos outros por aparentarmos ser tão melhores que os demais, enquanto concordamos que o mundo está indo de mal a pior e reclamamos que o governo não cumpre sua função direito e seríamos capazes de fazer melhor se nos pedissem.

E, o mais notável, se eu me separar das pessoas más, me sinto melhor comigo mesmo. Porque, comparado a eles, sou uma pessoa decente.

Mais uma vez, por favor, não me interpretem mal. Não acho que as regras sejam horríveis. É nossa maneira de usá-las que pode ser horrível. Tenho regras para meus filhos que visam à proteção deles. Nossa sociedade possui leis para o nosso benefício. Sou completamente a favor da autoridade, da ordem, da justiça e da organização.

Nós só precisamos lembrar que regras não são prova de nossa espiritualidade. No máximo, são prova de nossa pecaminosidade,

um lembrete de que temos uma inclinação a fazer o que é errado e precisamos de ajuda.

Os fariseus eram tão obcecados pelo cumprimento das minúcias da lei que ignoravam o foco da lei: amar a Deus e ao próximo. Acreditavam que seus sacrifícios faziam Deus feliz, enquanto a pecaminosidade dos demais o deixava furioso. Jesus lhes mostrou que eles não poderiam estar mais longe da verdade. O pecado das pessoas despertava a compaixão de Deus, não sua ira. E os sacrifícios dos hipócritas pouco significavam para Deus, pois tinham o coração distante dele.

Jesus era aficionado por mostrar misericórdia àqueles que menos a mereciam. Sentia paixão por oferecer esperança aos desesperançados e tinha o compromisso de exibir graça ao pior dos pecadores. E, se eu for honesto, isso me inclui.

Lá no fundo, estou dolorosamente ciente de que ainda luto com os pensamentos errados. Ainda fico impaciente com meus filhos e trato minha esposa com aspereza. Ainda tomo decisões movidas pelo ego e pelo mal, não por amor. Se sou melhor ou pior que você, na verdade não importa. O que importa é que reconheço minha necessidade de Jesus.

Em vez de rejeitar as pessoas seguindo um falso senso de superioridade, em vez de julgar e condenar aqueles cuja vida não atende ao meu padrão de santidade, preciso lembrar que ainda necessito desesperadamente da graça de Jesus.

Jesus era amigo dos piores pecadores, portanto Jesus é meu amigo.

3

Amigo de pecadores

Jesus foi à casa de Zaqueu e se tornou hóspede de um notório pecador. Foi à casa de Mateus e jantou com muitos cobradores de impostos e outros pecadores de péssima reputação.

À vista de todos, Jesus andava com os equivalentes hoje a cafetões, prostitutas e viciados. Naquela cultura, comer com uma pessoa significava identificar-se com ela. Jesus se associou a indivíduos evitados por todo cidadão de bem da Judeia. Eram motivo de piadas e alvo de zombarias. Ninguém que se prezasse correria o risco de fazer amizade com tais pessoas, por medo de ser considerado culpado por associação.

Segundo as normas gerais, Jesus era um homem bom. Por isso o fato de ele ser amigo de gente má não fazia sentido. Pregar para eles, repreendê-los, criticá-los, zombar deles — isso era esperado. Merecia até aplausos. Mas sentar-se com eles ao redor de uma mesa contando piadas e curtindo a vida? Isso era chocante, material para jornais sensacionalistas.

Mas Jesus não se importava com o escândalo. Ele se importava com os escandalosos.

O Messias gostava de passar tempo com pecadores. Ele era Deus e era perfeito, porém passou grande parte de seus três anos de ministério acompanhado de gente má. Ele conversava com eles, comia com eles, chorava com eles e os servia. Na visão dele, as pessoas não

eram apenas um projeto de caridade. Ele se importava com elas e lhes dava ouvidos. Oferecia esperança e compaixão incondicionais.

"Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes", disse Jesus. É por isso que ele passava seu tempo com os necessitados, os desamparados, os depravados. Ele desceu ao nível deles porque eles jamais poderiam subir até o dele. Não fez isso para demonstrar quão bom ele era nem quão maus eles eram. Ele só queria lhes oferecer esperança.

Jesus não é apenas um amigo de pecadores: ele é *unicamente* o amigo de pecadores. Jesus é o amigo de pessoas que estão dispostas a admitir que têm problemas. Se admitimos isso, se reconhecemos que há coisas de que não conseguimos ter domínio, então Jesus está próximo de nós.

Você não precisa ser bom para ser amigo de Jesus. Você só precisa ser honesto.

Onde estão seus acusadores?

A visão predefinida que muitos de nós temos de Deus é a de uma divindade furiosa e vingativa à procura de alguma desculpa para nos castigar. Melhor seria se o imaginássemos como Jesus — pois é exatamente quem ele é. Jesus disse que veio para nos revelar o Pai. Em outras palavras, ele deu forma a Deus na terra. Suas palavras, ações, convicções e prioridades eram idênticas às de Deus. Se Jesus ama gente má, significa que Deus ama gente má. Se Jesus é amigo de pecadores, então Deus é amigo de pecadores.

Precisamos entender algo a respeito de Deus: ele não se deixa intimidar pelo pecado, como acontece conosco. De modo geral, quando alguém nos conta algo errado que cometeu, nossa reação é mais ou menos a seguinte: "Você fez o quê? Com quem? Puxa vida! E depois o quê? Sério? Senhor, tem misericórdia!".

Há uma história em João 8 sobre um bando de justiceiros religiosos que arrastam uma mulher, provavelmente uma prostituta, e a

levam até Jesus. Eles tripudiam diante dele e da multidão ao redor dizendo que ela foi pega no ato do pecado sexual. Em seguida, perguntam a Jesus o que deveria ser feito à mulher. Esperam que ele profira uma punição contra ela. Afinal, a lei religiosa exigia que a mulher fosse apedrejada até a morte por seu pecado.

Jesus, no entanto, não atira pedra alguma. Ele não suspira com horror santo. Ele não se enfurece nem vocifera. Em vez disso, olha além do pecado e vê a *pessoa*, e seu coração se enche de compaixão. Na sequência, volta-se para os acusadores:

— Aquele que nunca pecou atire a primeira pedra.

Bem, então, dito dessa maneira...

Os acusadores da mulher, envergonhados, vão embora um a um, começando pelos mais velhos. Engraçado como a idade consegue abrandar a arrogância.

Jesus olha de volta para a mulher:

— Onde estão seus acusadores? Nenhum deles a condenou?

— Nenhum, Senhor — ela responde.

Então Jesus diz:

— Eu também não a condeno. Agora vá e não peque mais.

Estou na igreja faz muito tempo, por isso estou convicto de ter ouvido essa história dezenas de vezes. Ultimamente, porém, o relato vem realmente firmando raízes. Talvez seja porque, como os acusadores da mulher, estou um pouco mais velho agora e tenho consciência de, afinal, não ser uma pessoa tão boa assim. Posso me imaginar no lugar dela: perturbado por um passado sórdido, terrivelmente só, desamparado perante uma multidão de juízes zombadores que detêm minha vida nas mãos. E então, tendo perdido a esperança, o único que realmente tem o direito de me condenar olha para mim. Em seus olhos encontro algo completamente inesperado.

Compaixão.

Empatia.

Esperança.

Muitas vezes somos juízes mais severos que o próprio Deus. O mal alheio desperta nossa ira, de modo que vestimos nossa toga e batemos nosso martelo sem nem mesmo reservar tempo para ouvir a história. Condenamos indivíduos à prisão perpétua sem condicional, enquanto Deus está no céu dizendo: "Espere! Eu amo esse homem. Há esperança para essa mulher. Eles podem ser salvos!".

Um estuprador pode ser salvo? Um pedófilo? Um traficante de pessoas? Um assassino em série? Um chefão do narcotráfico? E, mesmo que pudessem ser salvos, será que deveriam? A nossos olhos, é preciso saciar a justiça.

Se a justiça precisa ser saciada, todos estamos em apuros, pois todos pecamos. Talvez não tenhamos ordenado a morte de milhares de indivíduos de outra etnia, nem estuprado ou assassinado alguém — mas somos todos pecadores. Em alguma medida, todos nos rebelamos contra Deus.

O fato de Jesus ser amigo de pecadores é uma boa notícia para mim. Talvez meus pecados não sejam tão óbvios, mas são igualmente verdadeiros. E, se eu tivesse nascido em circunstâncias diferentes, tremo só de pensar em quem eu poderia ser, o que teria feito e quem teria ferido.

O inimigo não são as pessoas más — é a maldade em si. E, uma vez que todos temos uma medida de maldade, quem somos nós para atirar a primeira pedra? No que diz respeito ao pecado, o único com direito de condenar é Jesus. E ele recusou fazê-lo.

Além de desprezar gente má, desprezamos a nós mesmos depressa demais. Oscilamos do lado autossuficiente do pêndulo ("Aquele pecador imundo merece ir para o inferno!") para o lado autoacusador ("Sou um pecador imundo que merece ir para o inferno!"). Os dois extremos se baseiam em regras, não num relacionamento com Jesus.

Nessa jornada para entender Jesus, aqui estão os estágios pelos quais tenho passado. Cada um deles representa um momento *Isso aí!*

(ou um momento *Ah, não!*), no qual me dei conta de que estava vivendo baseado em falsas premissas do bem e do mal.

Estágio 1. Sou uma pessoa boa e sou justificado ao criticar pessoas más.

Estágio 2. Sou uma pessoa boa, mas devo mostrar compaixão a pessoas más.

Estágio 3. Sou um pecador que precisa de ajuda tanto quanto o cara aqui do lado.

Estágio 4. Sou amado por Jesus exatamente como sou, e assim também é com todo mundo.

Preciso me lembrar constantemente de viver no estágio 4, pois tenho a tendência de regredir sem nem mesmo perceber.

Se Jesus aparecesse neste exato momento para lhe dizer uma única coisa, o que ele diria? Por minha experiência, acredito que a maioria das pessoas esperaria correção ou repreensão. Imaginamos que, se Jesus tivesse uma única tentativa de nos corrigir, ele apontaria para onde agimos da pior maneira.

"Você tem de parar de perder a cabeça com seus filhos."

"Vamos lá, esforce-se mais. Trabalhe com mais afinco. Anime-se e seja forte. Pare de lamentar."

"Você viu pornografia outra vez? O que você tem na cabeça? Dê um jeito em sua vida!"

Na minha visão, se Jesus tivesse uma única tentativa de nos corrigir, ele nos diria quanto nos ama. Foi o que Zaqueu experimentou. E Mateus. E a mulher flagrada em adultério. E incontáveis outros pecadores de má reputação.

Jesus nos ama aqui e agora, exatamente como somos. Ele não está numa torre de marfim, gritando para que saiamos de nosso poço e nos limpemos a fim de nos tornarmos dignos dele. Ele está

adentrando até a cintura a lama da vida, chorando com os quebrantados, resgatando os perdidos e curando os enfermos.

Não me leve a mal — é evidente que o pecado é ruim. O pecado nos machuca e machuca os outros. Mas a Bíblia é clara: nós iremos pecar. Cedo ou tarde, a força de vontade, a educação e os bons modos não serão suficientes. Estragaremos tudo. Por isso, se nossa esperança reside na firmeza moral, estamos arruinados.

Jesus enxerga nosso pecado com mais clareza que qualquer pessoa, porém ele nos ama mais que ninguém. Ele não nos desprezará porque um dia fizemos um aborto ou porque somos viciados em medicamentos ou porque olhamos pessoas nuas na internet. Sim, isso o entristece. O pecado nos destrói, e ele odeia isso. Contudo, nossa maldade não muda em nenhum instante o amor avassalador que Deus sente por nós. No máximo, faz que ele se torne mais determinado a nos resgatar. Ele jamais desiste de nós, não importa quanto fujamos dele.

Nenhum pecado é irreparável nem irremediável. Nenhum pecado é grande demais a ponto de o sangue de Jesus não poder cobri-lo. Seu amor é tão profundo e extenso que ele é capaz de, num único instante de nossa fé, perdoar nossos pecados passados, presentes e futuros. O pecado simplesmente não é um problema para Deus.

Como pastor, não quero que as pessoas em minha igreja escondam hábitos viciosos atrás de um terno caro nem ocultem sua infelicidade atrás de sorrisos falsos. Se os pecadores não são bem-vindos em minha igreja, então é melhor eu encontrar uma nova congregação — pois também sou pecador. E sou o pior de todos, uma vez que estou consciente do pecado.

A igreja é o lugar onde um grupo de pessoas que descobre precisar de ajuda se reúne para amar Jesus e encorajar uns aos outros. E então algo acontece: começamos a mudar. Deus nos transforma um aspecto por vez. Não conseguimos entender muito bem como isso funciona, mas um dia olhamos ao redor e percebemos

que nosso casamento está dando certo. Gostamos de nossos filhos, e eles também gostam de nós. Somos mais gentis com as pessoas e nos irritamos com menos frequência. E não podemos assumir o crédito pela transformação, pois estamos apaixonados por Jesus. Deus fez a parte difícil.

Jesus disse à mulher acusada de pecado sexual: "Vá e não peque mais". Não foi uma ameaça, mas uma declaração de liberdade. Ele não tinha interesse em lhe condenar o passado. Seu desejo era lhe resgatar o futuro. Jesus sabia que ela não queria pecar. Quem pretende, desde o início, ser uma prostituta ou uma estrela pornô ou um pervertido? Mas situações difíceis e escolhas erradas conspiram para nos envolver num estado de desesperança. Jesus veio para romper o ciclo de pecado e condenação e nos devolver o futuro.

O lema da família Smith

Certa vez um pastor amigo meu me perguntou:

— Judah, você conhece algum cafetão?

— Hum, não? — disse, meio confuso quanto ao rumo da conversa.

— Conhece algum traficante de drogas?

— Não.

— Algum viciado?

— Acho que não.

— Alguma dançarina exótica?

— Não!

— E quanto a prostitutas?

— Claro que não!

Nesse momento me senti indignado, como se ele estivesse tentando me acusar de algo. Então, com olhar triste no rosto, ele disse:

— Nem eu. Acho que isso é parte do problema.

Talvez eu tivesse conhecido alguns cafetões, traficantes ou prostitutas, mas não teria como saber, pois nunca havia reservado tempo

para descobrir. Eu tinha bons amigos que eram boas pessoas, partilhavam de meus valores e crenças e seguiam na mesma direção moral. E, como pastor, passava boa parte de minha semana de trabalho em preparação para os cultos da igreja, pregando a pessoas da igreja e participando de reuniões do conselho da igreja.

De acordo com a definição de Jesus, todos com quem eu me preocupava se encaixavam na categoria dos "que têm saúde". E eu me sentia confortável com isso. Estava disposto a ser amigável com os enfermos — mas não a ser amigo deles.

Desde aquela conversa, decidi abrir meu coração a pessoas cuja vida é moralmente diferente da minha. Não para sentir pena delas, repreendê-las, fazer projetos para elas ou transformá-las em troféu do meu evangelismo — mas simplesmente para ser amigo delas.

Jesus veio buscar e salvar os que estão perdidos. Foi o que ele disse a Zaqueu. Sua paixão era procurar almas perdidas e solitárias e trazê-las para casa e para Deus. Ele não enxergava as pessoas como interrupções. Não esperava que elas entrassem pela porta de sua igreja e participassem de seu estudo pastoral. Ele saía à sociedade e as encontrava. Convidava-se a ir à casa delas para comer e não tinha pressa de ir embora.

Seu desejo de estar com pecadores me causa espanto — ainda mais espantoso, porém, os pecadores desejavam estar com ele. De modo geral, pessoas muito más não gostam de andar com pessoas muito boas, e vice-versa. É por isso que os pecadores evitavam os fariseus, e os fariseus desprezavam os pecadores. Os fariseus insistiam que as pessoas cumprissem um rigoroso código de conduta antes que pudessem pertencer aos "diferenciados", antes que fossem aceitos como verdadeiros judeus. De seu púlpito, pregavam às pessoas sobre ideais elevados, impondo normas de comportamento que eles mesmos eram incapazes de seguir. Alienavam as pessoas que mais precisavam de ajuda.

Jesus era diferente. Ele não fingia não ver o pecado, tampouco desprezava os pecadores. Pelo contrário, oferecia fé, esperança e amor. É por isso que, sucessivas vezes na Bíblia, encontramos pecadores barras-pesadas sentados ao redor de uma mesa com Jesus, em total sossego. Passavam horas ouvindo, fazendo perguntas, dando risada, chorando. Eram cativados por sua compaixão e fascinados por suas explicações práticas de como viver. Muito antes de crerem e mudar seu comportamento, Jesus fazia que se sentissem em casa. Ele oferecia libertação dos problemas, das preocupações e das complexidades que lhes assolavam a vida.

Eu tenho um longo caminho a percorrer no que diz respeito a relacionar-me com as pessoas de maneira tão natural e efetiva como fez Jesus, mas é um de meus objetivos. Estou aprendendo a ouvir mais, a fazer perguntas melhores, a rir com mais prontidão e a oferecer menos conselhos.

Meu filho Zion está no primeiro ano do ensino fundamental. Todos os dias, quando eu o deixo na escola, digo a mesma coisa:

— Zion, lembre-se, nós somos os Smiths. O que isso significa?

Então repetimos juntos este lema:

— Somos gentis e encorajadores e procuramos pessoas solitárias.

Às vezes ele revira os olhos, como se quisesse dizer: "Rápido, papai, vou me atrasar". Ele aprendeu isso com a mãe. A pontualidade não está no topo de minha escala de valores; as pessoas, sim. Elas estão no topo, e eu quero instilar isso em meus filhos ao longo da vida deles.

Entendi que não é minha função convencer as pessoas de que elas estão erradas e eu estou certo. Não é minha função transformá-las. Essa é uma abordagem bastante arrogante, na verdade. Quando me vejo como amigo, não como juiz ou reitor, o relacionamento se torna muito mais natural.

Às vezes somos totalmente rudes ao interagir com as pessoas. Conhecemos um sujeito homossexual ou um casal de namorados

que vivem juntos e pensamos que é nosso dever e obrigação adverti-los, já no primeiro momento, a respeito do que Deus pensa sobre sexualidade. Como se a vida sexual dessas pessoas fosse o primeiro item na agenda de Deus.

Não é.

O amor é. A graça é. A misericórdia é. *Jesus é.*

Vou ser honesto — eu ficaria muito irritado se alguém que mal conheço ousasse se intrometer em minha vida pessoal. E eu sou pastor, portanto supõe-se que eu seja compreensivo, gentil e humilde. Eu diria a essa pessoa que ela cuidasse de seus problemas, que estou bem comigo mesmo, obrigado. Em seguida, a descartaria como maluca e a evitaria como a um exame de próstata.

Novamente, não estou dizendo que o pecado é irrelevante, sobretudo se estamos lidando com alguém que prejudica outros. Contudo, quando o pecado se torna mais importante que o pecador, um alarme precisa soar em nossa cabeça.

Não existem atalhos para a amizade autêntica. Os relacionamentos são complicados e imprevisíveis. Não podemos fingir amor só para levar alguém à igreja. Isso é manipulação e hipocrisia, e breve ou tarde o tiro sairá pela culatra.

Deus nos mostra o que é o amor autêntico em João 3.16, provavelmente o versículo mais famoso da Bíblia: "Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna".

Deus tanto amou o mundo. Ele amou o mundo inteiro; não só a parte boa do mundo, a parte que ele já amava, ou a parte que ele sabia que o amaria de volta. Precisamos ampliar nosso coração, nossa zona de conforto e nossa zona de amigos.

Deu o seu Filho Unigênito. Ele estava disposto a fazer sacrifícios de verdade para construir relacionamentos de verdade. Às vezes precisamos pôr de lado projetos e agendas em favor das pessoas. Como Jesus, precisamos estar dispostos à interrupção.

Todo o que nele crer. Ele mostrou amor e aceitação incondicionais. O amor é arriscado. Podemos ser rejeitados. Podemos ser crucificados por aqueles que tentamos ajudar. Mas, no final, o amor prevalecerá.

O pecado em Seattle

Meu desejo, para mim e para minha igreja, é que olhássemos para os pecadores de Seattle como Deus olha para eles. Ou, melhor dizendo, como Deus olha para *nós*. Queria que não apontássemos o dedo para as pessoas, nem as condenássemos, nem tentássemos consertá-las ou salvá-las (como se pudéssemos fazê-lo), mas que apenas as amássemos.

A sociedade já as condena. Seus pensamentos, sua culpa e sua vergonha as atormentam. O que elas realmente precisam é de amigos que possam lhes mostrar quem Jesus é.

Jesus compreendia a necessidade dos perdidos e, aonde quer que fosse, as multidões iam atrás. Minha convicção é que, se agíssemos como Jesus em Seattle, a cidade se apaixonaria por ele. Quando as pessoas veem quem Jesus é de fato, ele se torna praticamente irresistível.

As pessoas estão mais próximas de Deus do que imaginamos, e ele também está mais perto delas. Voltemos à história do sistema de classificação. Presumimos que certas pessoas estão distantes de Deus quando, na realidade, podem estar mais perto da salvação do que aqueles que imaginamos estejam próximos dele. Ao menos o pecador em série entende: "Estou arruinado! Preciso de ajuda!".

Tendo crescido na igreja, desenvolvi essa perspectiva de que as pessoas são muito teimosas em relação ao Salvador Jesus e não querem se envolver com ele. Afinal, eu imaginava, a maioria considera o pecado divertido e Deus, chato.

Na verdade, a maioria das pessoas em nossa cidade gostaria de conhecer o Jesus que nós conhecemos. Tudo que elas têm visto é

um Jesus olhando de cima no alto das catedrais ou pendurado e ensanguentado numa cruz. Ouviram falar que ele era um homem bom, um bom mestre religioso, mas acaso sabem que ele é amigo de pecadores? Que ele não está zangado com elas? Que ele viveu na terra e entende pelo que estão passando? Sabem que ele está aqui para ajudar?

Quando foi a última vez que perguntamos a alguém: "Ei, posso orar por você?". Com mais frequência que o esperado, mesmo as pessoas em minha cidade — uma das regiões menos religiosas dos Estados Unidos — aceitarão gratas a oração.

A maioria das pessoas descobriu há muito tempo que o pecado é superestimado. Elas desejam agir melhor, ser menos egoístas, vencer a tentação sexual, controlar seu temperamento.

Essa batalha lhe soa familiar? Deveria. Consegue se identificar? Aposto que sim. Afinal, se somos "boas" ou "más" pessoas, se conhecemos Jesus há décadas ou acabamos de pensar nele pela primeira vez, se somos pastores ou prostitutas — todos precisamos de Jesus. Estamos todos sentados à mesa, rodeados de outros pecadores, ouvindo Jesus.

Jesus é o amigo de pecadores, portanto Jesus é nosso amigo.

JESUS É graça.

4

Abrace a graça

Sou um abraçador nato. Gosto de abraçar. Na infância, me ensinaram o seguinte lema: "Abraços sim, drogas não". Descobri, porém, que algumas pessoas não são boas abraçadoras. Não é culpa delas — evidentemente nunca aprenderam a retribuir abraços. Tente lhes dar um abraço caloroso e elas vão se virar de lado e você trombará com o quadril delas. Ou então vão abraçar do mesmo lado que você e quase ocorrerá um beijo. Ou ficarão tensas e enrijecidas e você se sentirá como se abraçasse um manequim com o braço robótico. São abraços bastante constrangedores.

Eu me lembro de estar num *resort* com Chelsea, minha esposa, e tentávamos entrar no local em que estávamos hospedados, mas não tínhamos as chaves. Já tinha passado da meia-noite. Um senhor gentil apareceu e nos abriu a porta. Sujeito legal — ele certamente estava dormindo, mas saiu de pijama e nos ajudou a entrar. Chelsea, querendo agradecer, foi lhe dar um abraço e, de repente, ele se contorceu e estremeceu como se estivesse tendo alguma espécie de convulsão.

É típico. Sem ideia do que fazer com um abraço.

Quando a graça vem até nós, é assim que muitas vezes reagimos. É embaraçoso. Deus nos oferece algo bom demais para ser verdade — perdão imerecido, inconquistável e inteiro — e nós ficamos lá, enrijecidos e desconfortáveis, esperando que o abraço termine para podermos retomar nossas tentativas de obter uma entrada para o céu.

Precisamos abraçar a graça. Precisamos aprender a retribuir abraços.

Avistando a graça

Graça é algo que muitos têm dificuldade de definir, quanto mais de abraçar. A palavra é encontrada em toda a Bíblia. Na verdade, é indiscutivelmente o conceito e o termo mais importante das Escrituras. A graça é o alicerce do cristianismo e a essência da salvação, e, como tal, certamente precisamos entendê-la.

O dicionário em língua inglesa *Webster* apresenta oito diferentes definições para graça [*grace*], incluindo estas quatro que você provavelmente já ouviu:

- Traço ou característica charmosa ou atraente ("Ela se comporta com graça");
- Aprovação, favor ("Você caiu nas graças dele");
- Título de tratamento ("Vossa Graça");
- Oração breve antes de uma refeição ("Dê graças pelo jantar").

A primeira definição do *Webster*, porém, se aproxima mais do significado bíblico de graça: "Auxílio divino não merecido dado ao ser humano para sua regeneração ou santificação".

Se você for como eu, seus olhos brilharam ao ler essa definição. Com certeza alguém mais esperto foi abençoado só por ler isso, mas eu preciso de exemplos, uma história real, para que faça sentido para mim.

Uma coisa que eu amo em Jesus é o fato de ele falar usando termos simples. Ele não se expressava de maneira teológica a fim de impressionar as pessoas. Que nada, ele contava histórias. Se estivesse na terra hoje, todos o seguiriam no Twitter e leriam seu *blog*, porque ele era sincero. Era autêntico. O que ele dizia fazia sentido. Ia direto ao âmago da questão.

Minha história favorita dentre as que Jesus contou é aquela que chamamos de "Parábola do filho pródigo", relatada em Lucas 15. *Parábola* é uma palavra sofisticada para uma história de ficção contendo uma moral, como as fábulas de Esopo. *Pródigo* significa "dissipador", mas a história do filho pródigo se tornou tão conhecida que o termo pode descrever qualquer pessoa que se ausenta numa área da vida e depois acaba retornando.

A parábola visa a ensinar algo, de modo que, para entendê-la, precisamos analisar o contexto em que foi contada. Neste caso, os religiosos estão mais uma vez criticando Jesus por ele ser amigo de pecadores. Lucas 15.1-3 declara: "Todos os publicanos e 'pecadores' estavam se reunindo para ouvi-lo. Mas os fariseus e os mestres da lei o criticavam: 'Este homem recebe pecadores e come com eles'. Então Jesus lhes contou esta parábola...".

Na verdade, Jesus contou três histórias na sequência. Todas as três parábolas respondiam às reclamações dos religiosos que diziam, pelo menos em sua mente: "Por que diabos você frequenta churrascarias e come picanha com essa gentinha questionável?".

A primeira história diz respeito a uma ovelha perdida. Jesus descreve um pastor que deixa o restante do rebanho na segurança do aprisco e vai ao deserto para encontrar a que se perdeu. Ao encontrá-la, promove uma festa para comemorar. Na sequência, Jesus apresenta a moral da história: "Eu lhes digo que, da mesma forma, haverá mais alegria no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não precisam arrepender-se" (Lc 15.7).

A segunda história trata de uma moeda perdida. Mais uma vez, Jesus descreve uma busca desesperada por algo perdido e a alegria profusa que acompanha o reencontro. Ele conclui assim: "Eu lhes digo que, da mesma forma, há alegria na presença dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende" (Lc 15.10).

Observação nº 1: quando pessoas "más" têm a vida transformada, todos nós que somos "bons" deveríamos fazer coro à celebração

que acontece no céu. É por isso que, na minha opinião, devemos estar sempre sorrindo na igreja — devemos dançar, celebrar, gargalhar e superar nossa seriedade e, assim, representar a alegria celestial.

Observação nº 2: ouço pessoas dizendo que a religião é tediosa, que viver em santidade é uma chatice e que preferem ir para o inferno, pois lá pelo menos poderão festejar com os amigos. Desculpe-me, mas trata-se de um equívoco. Se alguém sabe como promover uma festa extremamente empolgante do mais alto nível, esse alguém é o Criador do universo, aquele que inventou a diversão e o prazer. Assim, só por dizer.

A história final, a parábola do filho pródigo, é a maior das três, mas vale a leitura completa mesmo que você já a tenha lido.

> Um homem tinha dois filhos. O mais novo disse ao seu pai: "Pai, quero a minha parte da herança". Assim, ele repartiu sua propriedade entre eles.
>
> Não muito tempo depois, o filho mais novo reuniu tudo o que tinha, e foi para uma região distante; e lá desperdiçou os seus bens vivendo irresponsavelmente. Depois de ter gasto tudo, houve uma grande fome em toda aquela região, e ele começou a passar necessidade. Por isso foi empregar-se com um dos cidadãos daquela região, que o mandou para o seu campo a fim de cuidar de porcos. Ele desejava encher o estômago com as vagens de alfarrobeira que os porcos comiam, mas ninguém lhe dava nada.
>
> Caindo em si, ele disse: "Quantos empregados de meu pai têm comida de sobra, e eu aqui, morrendo de fome! Eu me porei a caminho e voltarei para meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus empregados". A seguir, levantou-se e foi para seu pai.
>
> Estando ainda longe, seu pai o viu e, cheio de compaixão, correu para seu filho, e o abraçou e beijou.
>
> O filho lhe disse: "Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho".

Mas o pai disse aos seus servos: "Depressa! Tragam a melhor roupa e vistam nele. Coloquem um anel em seu dedo e calçados em seus pés. Tragam o novilho gordo e matem-no. Vamos fazer uma festa e alegrar-nos. Pois este meu filho estava morto e voltou à vida; estava perdido e foi achado". E começaram a festejar o seu regresso.

Enquanto isso, o filho mais velho estava no campo. Quando se aproximou da casa, ouviu a música e a dança. Então chamou um dos servos e perguntou-lhe o que estava acontecendo. Este lhe respondeu: "Seu irmão voltou, e seu pai matou o novilho gordo, porque o recebeu de volta são e salvo".

O filho mais velho encheu-se de ira, e não quis entrar. Então seu pai saiu e insistiu com ele. Mas ele respondeu ao seu pai: "Olha! todos esses anos tenho trabalhado como um escravo ao teu serviço e nunca desobedeci às tuas ordens. Mas tu nunca me deste nem um cabrito para eu festejar com os meus amigos. Mas quando volta para casa esse teu filho, que esbanjou os teus bens com as prostitutas, matas o novilho gordo para ele!"

Disse o pai: "Meu filho, você está sempre comigo, e tudo o que tenho é seu. Mas nós tínhamos que celebrar a volta deste seu irmão e alegrar-nos, porque ele estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi achado".

Lucas 15.11-32

Três histórias. Três coisas perdidas. Três festas. Jesus deseja muitíssimo que as pessoas que vivem justificando a si mesmas entendam algo: Deus ama os maus e se alegra quando eles se voltam para ele.

Os fariseus eram incapazes de acreditar que Deus de fato celebrasse pecadores. Castigá-los? Sim. Fazê-los pagar por seu mal? Sem dúvida. Mas dar uma festa? Sério? Eles não conseguiam inserir sua mente religiosa, focada em regras, nesse nível de graça. Não conseguiam retribuir à graça com um abraço.

Já ouvi a história do filho pródigo ser pregada dezenas de vezes. Aliás, eu mesmo já a preguei mais de uma vez. Nós pregadores

geralmente nos concentramos na tolice do filho e no horror do pecado. Essa história, no entanto, diz mais respeito ao pai que ao filho. O filho desperdiçou seu dinheiro vivendo de maneira extravagante e desenfreada. O pai recebeu o filho de volta com graça extravagante e desenfreada.

Retorne às duas primeiras histórias. O que a ovelha fez para ser encontrada? Nada. Se fez alguma coisa, foi fugir para bem longe. As ovelhas são bobas assim. Ou pelo menos é o que me dizem — nunca cuidei de ovelhas, e é seguro dizer que nunca o farei. E quanto à moeda? O que ela fez? Nada também. Ela ficou lá parada no meio da poeira até que a mulher a encontrasse.

Não pregamos sermões sobre como a ovelha estava arrependida nem sobre a diligência com que a moeda procurou sua dona. Contudo, quando se trata da história do filho pródigo, gostamos de enfocar sua humilhação e arrependimento, como se isso de algum modo o fizesse conquistar o perdão.

Não era o caso. Segundo os estudiosos, ele não arruinou apenas sua reputação e sua herança, mas também seus direitos de filho. Ele havia zombado de seu pai publicamente. Quando ele se enfiou no meio da lama do chiqueiro, arrastou consigo o nome da família.

Sim, seu arrependimento foi importante, pois do contrário ele não teria retornado ao pai. Mas o fato de condenar e depreciar a si mesmo jamais poderia torná-lo digno de ser aceito.

Querido pai

Acontece que tenho um problema com o pequeno discurso que ele preparou. Posso imaginá-lo tentando escrever. Ele acabou de decidir voltar e se tornar um servo na casa do pai, pois seu pai era tão bom que mesmo os servos sempre tinham o suficiente para comer.

Um pensamento, contudo, o detém. "Não posso voltar de mãos vazias. Preciso de algo a dizer para convencê-lo a me aceitar de

volta." Então ele se senta, pega um papiro, molha a pena na tinta e começa a escrever um discurso.

"Querido pai. O senhor é o melhor! Senti muito sua falta..." Não, isso é estúpido. Ele amassa o papel, molha a pena na tinta novamente e recomeça a escrever.

"Queridíssimo pai, se todos os pais do mundo estivessem alinhados à minha frente e eu tivesse de escolher um, eu escolheria..." Não, isso também é estúpido. Jogue fora.

"E aí, pai, saudade de jogar bola com o senhor no quintal..." Não, isso também não. Vá direto ao ponto.

"Querido pai, eu pequei contra o céu, contra o senhor, contra todo mundo, e não sou mais digno de ser seu filho. Trate-me como um de seus empregados." Ele enrola o papiro, descola uma lambreta, óculos de proteção e um mapa, antes de seguir viagem para a casa da família.

Mas espere um momento. Está bem aí meu problema com esse discurso. O que ele quer dizer com "Não sou mais digno"? *Quando* é que ele foi digno?

Tenho um filho de 8 anos, outro de 5 e uma filha de 3. E se um deles viesse até mim à noite e dissesse: "Pai, acho que finalmente me enchi disso tudo. Tenho sido superbom ultimamente e acho que talvez, só talvez, eu seja digno de ser seu filho"?

Acho que eu ficaria um pouco irritado, para falar a verdade. "Digno? Menino, você não sabe o que está falando. Agora vá comer o jantar que eu paguei. Vista o pijama que eu comprei para você. Deite-se na cama que eu arrumei."

São meus filhos. Eu os amo. Eu morreria por eles. Faria qualquer coisa por eles. Não tem nada a ver com quão bons ou maus eles são, e jamais terá. Ser filho ou filha não tem nada a ver com ser digno. Somos filhos e filhas de Deus por nascimento, não por sermos dignos. É por isso que Jesus diz que devemos nascer de novo. Devemos ser gerados.

Nenhum bebê nasce como resultado dos próprios esforços. O médico não grita pelo canal de parto com um megafone: "Vamos lá, garoto, esforce-se mais! Tente com mais afinco! Tudo depende de você!". A mãe trabalha duro, e o pai diz que trabalha duro, mas o bebê só está nessa a passeio.

O nascimento espiritual se dá pela graça quando cremos. Efésios 2.8-9 diz: "Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie".

Fé em quê? Simplesmente em que Jesus existe, que ele pagou o preço por nossos pecados ao morrer na cruz e que ressuscitou para tornar essa nova vida acessível a cada um de nós. Nossa filiação não depende de nosso desempenho, mas do desempenho consumado de Jesus e de nossa fé nessa obra consumada.

Muito tempo atrás, alguns de nós tínhamos consciência de sermos salvos pela graça, mas por alguma razão, em algum lugar, saímos do trilho. Começamos a pensar: "Agora que somos cristãos, agora que estamos mais conscientes, temos de fazer algo para manter nossa posição perante Deus". Temos de nos esforçar e insistir e lutar para permanecer no caminho estreito e apertado.

Como é? Onde aprendemos isso? Jesus morreu por nós antes mesmo de termos nascido, antes de termos feito qualquer coisa, boa ou má. Por que ele começaria agora a nos fazer viver seguindo regras e leis?

Quando a graça corre

Voltemos a nossa história. O rapaz ainda nem chegou em casa quando o pai o avista a distância. Ele devia estar ali na varanda noite após noite havia meses, talvez anos, fazendo papel de bobo na frente dos vizinhos, examinando o horizonte, com a árdua esperança de ver uma silhueta familiar descendo a estrada.

"Desista, homem", seus vizinhos e amigos provavelmente diziam. "Seu filho o odeia. Você o perdeu. Ele é um fracasso. Pare de perder tempo à espera dele. Aquele rapaz não merece seu amor."

Mas o pai jamais desistia. Para ele, não tinha nada a ver com o que era merecido, o que era justo ou o que era adequado. Não se tratava de visão de mundo ou da lei. Tratava-se de seu filho. Era algo pessoal.

A Bíblia diz: "Estando ainda longe, seu pai o viu". Observe as palavras "ainda longe". Podemos pegar toda a nossa educação, nossa informação, nossos recursos e nossos dons, e podemos fazer planos para encontrar Deus e convencê-lo de nos aceitar; contudo, mesmo com todo planejamento, toda projeção e preparação, o melhor que conseguiremos é um "ainda longe". Jamais regressaremos a Deus por nossa própria conta.

E agora o filho se aproxima. Ele está fazendo tudo quanto é capaz. Montado em sua lambreta, ele pensa: "Vou encontrar o papai". Analisa o mapa. "Nunca estive tão longe de casa. Como vou conseguir voltar para casa?" Ele está tentando com base na própria força.

E então, de súbito, ele avista esse homem de sandálias vestindo uma túnica longa correndo em sua direção.

É o papai.

Aí nós pensamos: "Uau, que legal, o pai correu". Ouvi falar que, na cultura do Oriente Médio daquela época, os homens não corriam. Era algo indigno para os homens, especialmente para alguém daquela posição social.

Lembrem-se, enquanto Jesus narra a história, há uma multidão de gente comum em torno dele. Eles vivem se perguntando por que Jesus vai à cafeteria mais chique da cidade com o sr. Pecador e pede um *latte* duplo superquente de baunilha. Então Jesus explica que o rapaz procurava encontrar seu pai, mas ainda estava muito longe. E o pai *correu* até ele.

Quando Jesus disse "correu", tenho certeza de que todos respiraram fundo, pois estavam pensando: "Nunca vi meu pai correr. Os pais não correm".

O que Jesus procurava comunicar?

Amor desmedido. Amor extravagante, generoso, imenso. Amor que arrebata o pai de tal maneira que ele perde todo o bom senso e põe de lado sua dignidade.

Eu me lembro de ter assistido a um treino de futebol de meu filho Zion quando ele tinha 4 anos. Eu estava na linha lateral com Eliott, de 2 anos. Zion começou a disputar a bola com outros vários meninos de 6 ou 7 anos, correndo freneticamente de um lado para o outro. De repente, a bola saltou do meio da bagunça e caiu nos pés de Zion, que saiu correndo na direção do gol. Comecei a pular, gritando: "Corre, filho! Corre!". E comecei a correr junto dele pela linha lateral. "Chute a bola no gol!" Devo mencionar que não havia nenhum outro pai no lugar. Basicamente, o treino era uma alternativa para a creche. Com certeza o técnico estava pensando: "Céus, quem é esse cara?".

Zion tinha 4 anos, mas alguém teria pensado que se tratava da Copa do Mundo infantil, e eu estava derrubando fotógrafos e gandulas enquanto corria pela lateral ao lado de meu filho. "Chute ao gol, filho!" O tempo todo eu chutava o ar de maneira exagerada, no caso de ele não entender o que eu queria dizer.

A essa altura, Zion olhava para mim — não olhava nem mesmo para a bola — e sorria, feliz por meu orgulho. Então seus pés sem querer trombaram na bola, que saiu veloz na direção do gol. Sem chance para o goleiro.

"Goooooool! Gol! Gol! Isso aí! Esse é meu garoto! Golaço!", eu gritava, sem nenhuma vergonha. Arranquei minha camisa e comecei a girá-la no ar. Depois levantei Zion e desfilei com ele em meus ombros em volta do campo.

Pouco depois, a sanidade retornou e me dei conta do que tinha acabado de fazer. O simpático universitário que recebia por hora para

ajudar meu garoto de 4 anos a chutar uma bola estava olhando para mim e pensando: "Você precisa de atenção, de ajuda profissional. Precisa de um psicólogo".

Na infância, eu tinha visto outros pais agindo de forma exagerada nos jogos. Sempre jurei que não faria aquilo, e ali estava eu num treino — nem era um jogo de verdade, por Deus — e perdi a cabeça. Contudo, quando se trata de sua prole, e eles se parecem com você e agem à sua semelhança, e vestem chuteiras e caneleiras adoráveis sem nem precisar delas, e marcam um gol no treino de futebol, a gente esquece o decoro e o protocolo. Não consigo explicar. Não foi planejado. Eu não pensei: "Hoje vou torcer por meu filho". Só aconteceu de eu ser arrebatado pela emoção do momento.

É amor desmedido. É amor de pai.

Nessa parábola do filho pródigo, o pai representa nosso Pai celestial — Deus. Ele celebra cada coisinha que fazemos. Vive postando fotos minhas na versão celestial do Instagram, e os anjos dizem:

— Deus, o que há de especial nesse cara? Ele é um idiota.

E Deus diz:

— Sim, ele é um rapaz engraçado. Mas ele vai melhorar, e isso não importa, pois tenho muita satisfação nele.

Mesmo em nossos momentos mais sombrios e egoístas, Deus continua a nos amar. Aconteça o que acontecer. E tão logo ele avista um indício de arrependimento, ele se alegra loucamente. Ele nos abraça até sufocar. Manda buscar a melhor roupa, o anel e as sandálias. Promove uma festa em nossa honra.

Isso é graça.

Bom demais para ser verdade

Estou indo além da história. O filho pródigo merecia ser punido. Deserdado. Banido para sempre da presença do pai. Ele sabia disso, bem como a multidão que ouvia Jesus. Mas agora, antes que

pudesse caminhar até seu pai, o pai corre na direção dele. Lucas escreveu: "Estando ainda longe, seu pai o viu e, cheio de compaixão, correu para seu filho, e o abraçou e beijou". Uma tradução da Bíblia diz que o pai "lançou-se-lhe ao pescoço" (Almeida Revista e Corrigida). É um abraço de urso. Chega a sufocá-lo. O pai ignora as restrições e convenções sociais e o enche de beijos.

O rapaz está cansado, solitário, imundo, arruinado pela vida. Cheira mal. Nem bem chegou em casa. Agora tudo em seu íntimo deseja se dissolver nos braços do pai, ser um menino novamente, sem preocupações nem medos.

Contudo, ali, enterrado nos braços do pai, ele se lembra de algo. Ele não merece isso. Não está certo. Não é justo. É o que a lógica diz, afinal. Ele tenta se desviar do abraço para poder fazer seu discurso.

É preciso entender que os ouvintes da história de Jesus estiveram sob a tirania do legalismo e da lei a vida inteira. O modo de pensar deles é idêntico ao do rapaz. Naquele exato momento, eles estão se perguntando: "Quem é esse Jesus? Como ele pode falar de um amor assim? Os fariseus e os sacerdotes dizem que cada um tem o que merece. Que temos de fazer tudo direitinho. Que temos de orar e ler a Bíblia. Que temos de conhecer todo o jargão religioso e ser perfeitos. Mas esse homem fala de um tipo de amor do qual nunca ouvimos falar".

Enquanto Jesus fala sobre o discurso do rapaz, tenho certeza de que todos os ouvintes estão pensando em si mesmos. "Que discurso e tanto. Esse discurso vai funcionar. Veja só, ele vai ganhar o pai com esse discurso". A mente deles diz: "Ah, vou anotar esse discurso. Gosto dele". Eles não estavam entendendo.

O filho escapa do abraço e inicia seu apelo: "Papai, eu pequei contra o senhor e não sou mais digno...".

No meio do discurso, seu pai o detém. Ele ignora sua lógica. É falha, afinal. Ele manda os servos trazerem roupas novas e um anel para o rapaz. Decreta uma festa grandiosa em honra do filho.

Honra? O que o filho fez para merecer honra? Foi essa a pergunta feita pelo irmão mais velho. Foi a pergunta que os fariseus e o restante da multidão estavam fazendo. E, muito provavelmente, é a pergunta que você e eu fazemos toda vez que a graça corre até nós.

Ele não *fez* nada. Não se tratava dele. Tratava-se da graça do pai. O filho rebelde simplesmente teve de aceitar o perdão que o pai lhe ofereceu.

Perplexo, mas subitamente esperançoso, o filho entra na casa do pai. A festa tem início. As pessoas estão muito felizes em vê-lo. Elas lhe dão as boas-vindas. Não há vergonha, nem culpa, nem rejeição.

Ele olha para suas roupas. Ele gira o anel em seu dedo. Ele bate suas sandálias no chão, como nos velhos tempos. É possível? É possível que sua tolice fosse esquecida só porque o pai assim o disse? É possível que haja futuro para ele, mesmo depois de tudo que fez? Parecia bom demais para ser verdade.

Isso é graça.

5

A graça é uma pessoa

Quando alguém lhe der um presente e disser: "Vamos lá, abra! Quero ver sua reação", é sinal de preocupação. Minha experiência diz que, de modo geral, algo bizarro está prestes a acontecer. Tenho certeza de que você já passou por isso. A pessoa está convicta de que você vai adorar o presente. Ela mal consegue esperar sua reação, que pode incluir lágrimas, gritos de alegria e dancinhas no meio da rua.

Então você abre o presente. E não faz ideia do que é aquilo. "Oh, uau", você diz, evasivo e seguro, a fim de obter tempo para recuperar o controle de seus músculos faciais.

— Você gostou de verdade? — a pessoa pergunta ofegante.

— É claro que sim! Era exatamente o que eu queria. Adorei. Precisava de um desse. Como você sabia?

E, depois de a pessoa ir embora, você guarda o presente numa prateleira do armário e só o tira de lá quando ela lhe fizer uma visita, pois você não tem ideia do que fazer com aquilo.

Abuso da graça

É o que muitos acabam fazendo com a graça. Não sabemos o que ela é nem o que fazer com ela, então na maior parte do tempo a deixamos largada numa prateleira. E, quando precisamos nos livrar dos problemas, nós a tiramos de lá.

Essa compreensão superficial faz algumas pessoas abusarem da graça. Elas pecam deliberadamente. Planejam o pecado com antecedência. Estão cientes da verdade, mas dão as costas para ela. Então, quando são pegas, suplicam pela graça e pelo direito de permanecerem caladas. Para elas, a graça é uma maneira de tirar o corpo fora de suas ações. É o Ás na manga definitivo dos cristãos.

Fui pastor de jovens por oito anos e tive minha cota de sujeitos sinistros que queriam viver como o demônio, mas chamavam a si mesmos de cristãos. Costumava lhes perguntar:

— Como vão as coisas? Você vem se tornando uma pessoa mais pura?

— Não muito. Sou um cara normal, sabe como é, com hormônios e tal. Mas está tudo ótimo.

— Eu também sou um cara normal. Não é fácil, mas há esperança. Você quer ficar puro, certo?

— Sei lá, sabe. Acho que estou bem assim. Melhor que muita gente. Claro que o pecado é algo ruim, mas é para isso que serve a graça de Deus.

— A graça de Deus? — eles claramente não entendiam. — Hum, tudo bem... A graça de Deus está lá à sua espera. Está lá também para ajudar você a mudar. Você tem percebido alguma melhora em sua vida?

— Na verdade, não. Para ser sincero, as coisas estão piorando. Mas, cara, a graça de Deus! — e lá seguiam eles, sem mudanças nem preocupações.

As pessoas que ostentam seu pecado em nome da graça não fazem ideia do que é a graça. Não sabendo como agir com o presente que receberam, transformam-no em algo que ele não é: um salvo-conduto, uma salvaguarda, um tapete para debaixo do qual varrer a sujeira. Não é esse o lugar da graça. É como deitar-se na cama abraçado a uma bicicleta. Não se encaixa.

Todavia, se não tomarmos cuidado, acabamos exagerando. A hipocrisia descarada nos faz querer qualificar a graça, enclausurá-la

com restrições e regras para que não abusem dela. No processo, invalidamos as próprias verdades que libertariam as pessoas.

Quando escrevo sobre o favor irrestrito de Deus, o amor generoso que cobre maus comportamentos e abraça pessoas más, consigo ouvir as vozes de preocupação em minha mente: "É melhor não delirar demais com essa história de graça. É melhor equilibrar essa graça com um pouco de verdade. É melhor qualificar o que estou dizendo. Se eu só pregar a graça, as pessoas vão começar a pecar".

Atenção às últimas notícias: elas já estão pecando. As pessoas não precisam da graça para pecar. Elas precisam da graça para lidar com o pecado que *já* cometem.

Há pouco tempo, percebi algo a respeito da graça que mudou minha vida. Não é nada original — as pessoas sabem disso há anos. Vem direto das páginas da Bíblia. Mas tornou-se real para mim e ajudou a fazer muitas coisas se encaixarem.

A graça é mais que um princípio, mais que um conceito, mais que uma doutrina ou um dogma, mais que uma desculpa para o pecado.

A graça é uma pessoa.

E seu nome é Jesus.

Graça extravasante

João, que era discípulo de Jesus e um de seus melhores amigos, escreveu a respeito do Mestre:

> Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade. [...] Todos recebemos da sua plenitude, graça sobre graça. Pois a Lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por intermédio de Jesus Cristo.
>
> João 1.14-17

Existem diversos pontos a observar nessa breve passagem. Primeiro, Jesus era cheio de graça e de verdade. Isso significa que a

graça e a verdade não são inimigas. Elas atuam do mesmo lado. Não precisamos equilibrar a graça com a verdade, ou vice-versa, pois ambas estão personificadas em Jesus. Se nos aproximarmos mais dele, teremos tanto graça como verdade.

Segundo, a passagem diz que a graça de Jesus substitui a lei que foi dada por intermédio de Moisés. Jesus está dizendo que as regras são boas e a lei teve seu lugar. Em última análise, porém, não é pela lei que nos aproximamos de Deus. É pela graça.

E, mais importante, os versículos afirmam que Jesus era "cheio de graça e de verdade", e que de sua plenitude recebemos "graça sobre graça". Em outras palavras, ele deu vida à graça. Ele extravasou graça. Ele *era* a graça. Depois de conhecer Jesus, as pessoas provavelmente diziam coisas como: "Esse homem é diferente. A graça parece fluir dele". Jesus concedeu ao mundo uma imagem da graça. Eles o observaram e o ouviram e, pelo resto da vida, não precisaram se perguntar sobre a aparência da graça. Eles sabiam.

Minha definição favorita da graça vem de Jack Hayford, um pastor e escritor de San Fernando Valley, Califórnia: "A graça é Deus nos encontrando em nosso ponto de necessidade na Pessoa de Jesus Cristo". Em outras palavras, precisamos de ajuda, por isso Deus nos dá graça. *E seu nome é Jesus.*

Não pretendo ser redundante, mas quero deixar claro: Jesus é a fonte da graça, o epítome da graça, a manifestação da graça. Jesus é a graça, e a graça é Jesus.

Se você consegue imaginar Jesus, é capaz de imaginar Deus. Um das coisas mais perniciosas que nós, humanos, fazemos é definir Deus com base em nossas fantasias. Apresentamos definições falíveis e subjetivas e as projetamos nele. Assim, se tivemos um pai ruim ou se somos pais ruins, concebemos Deus como um pai ruim. Se sofremos rejeição, abuso e tirania de alguma autoridade, imaginamos que Deus nos está rejeitando e abusando e impondo controle sobre nossa vida.

Alguns de nós vivem com o medo constante de que Deus está prestes a nos desprezar e a livrar-se de nós, não porque existe um mínimo de evidência para isso, mas simplesmente porque o imaginamos dessa maneira. Sentimo-nos culpados por nossas más ações, e somos seres finitos. Assim, supomos que um Deus infinitamente justo deve estar infinitamente irritado.

Deus está nos céus perguntando: "De onde você tirou essa ideia a meu respeito?".

Foi por isso que Jesus veio. Ele disse a seus discípulos: "Quem me vê, vê o Pai" (Jo 14.9). Jesus veio para revelar o Pai. Ele veio para nos mostrar Deus. Se você deseja saber o que Deus pensa a seu respeito, ou o que Deus diria acerca de seu pecado, ou como Deus responderia se estivesse à sua frente, basta olhar para Jesus e saberá a resposta.

Enganar Chelsea?

Quando compreendemos que a graça é uma pessoa, não um princípio, abusar da graça deixa de ser uma opção. É fácil abusar de um princípio, manipular um sistema ou dispensar uma doutrina. Mas é muito mais difícil abusar de uma pessoa ou violar um relacionamento.

Chelsea e eu somos casados há mais de uma década. Ela é uma mulher extraordinária e maravilhosa. Sem dúvida, me casei com alguém acima do meu nível. Somos melhores amigos, nosso romance é ardente e damos muitas risadas juntos. Espero viver o resto de minha vida ao lado dela.

Devo confessar, contudo, que meus esforços nesse casamento são insignificantes em comparação aos dela. Chelsea é um cônjuge muito melhor que eu. Ela é a razão de nosso casamento funcionar. Ela percebeu como sou elétrico e faz uso disso para me abençoar. E talvez para conseguir o que deseja. Mas me sinto amado e feliz, por isso tudo vale a pena.

Nesses anos todos de êxtase, nunca pensei nada do tipo: "Sabe como é, Judah, Chelsea o ama muito, cuida tão bem de você, é tão leal e fiel... Você poderia enganá-la, e tudo ficaria bem. Ela vai aceitá-lo de volta. Ela continuaria a amá-lo".

Jamais pensei algo assim, nem nunca pensarei. É ridículo. É repulsivo.

O motivo? Eu não sou fiel a uma ideia impessoal chamada "casamento". Sou fiel a uma pessoa. E toda coisa boa que ela faz só reforça meu compromisso e minha fidelidade. Não me deixa tentado a abusar de sua confiança.

Ao ouvir falar da graça, a primeira coisa que algumas pessoas pensam é: "Então eu posso sair fazendo o que quiser e Deus tem de me perdoar?". Elas não encontraram a graça. Encontraram um conceito, uma ideia. Ouviram um sermão simpático.

Quando você olha nos olhos da graça, quando encontra a graça, quando abraça a graça, quando vê as marcas dos cravos nas mãos da graça e o fogo ardente em seus olhos, quando sente o amor implacável por você, não será motivado a pecar. Será motivado a praticar a justiça.

Após encontrarmos a graça, ela se torna o combustível de nossa fé. Oramos, lemos a Bíblia, adoramos e vivemos da maneira mais pura que nos é possível porque amamos uma pessoa. Fidelidade a uma doutrina pode durar algum tempo, mas o relacionamento triunfa sobre todas as coisas. Faremos qualquer coisa por alguém que amamos.

Cuidado com os Smurfs

O filme *Os Smurfs* não é tão antigo. Caso não tenha visto o filme nem a série de desenho animado na década de 1980 no qual foi baseado, a história gira em torno de um grupo de pequenas criaturas azuis chamadas Smurfs que vivem numa terra mágica onde são constantemente perseguidas pelo mago Gargamel e seu gato.

Entre minhas principais lembranças, estão a irritante música-tema e o uso da palavra *smurf* em praticamente todos os diálogos.

"Eu *smurf* você."

"Hoje foi um dia *smurf*."

"Todos os Smurfs estão tendo um ótimo *smurf*, *smurfando* nas planícies *smurfitas*."

E assim por diante.

Eu era criança na década de 1980 e lembro que alguns amigos meus não podiam assistir ao desenho. Por quê? Ora, é óbvio, os Smurfs eram do demônio. Isso era de conhecimento geral em certos círculos cristãos. As pessoas escreviam livros e pregavam mensagens a respeito. Os Smurfs eram diabinhos azuis, e Gargamel era um bruxo, e havia feitiços e magias e um gato preto. Assistir a essas coisas na televisão certamente corromperia as crianças e as desvirtuaria para o mau caminho.

Alguns dos leitores deste livro sabem exatamente do que estou falando. Outros estão coçando a cabeça e se perguntando em que planeta eu cresci.

O raciocínio é o seguinte. Cristãos e igrejas bem-intencionadas queriam proteger seus filhos das más influências. Assim, criaram regras para identificar o que era saudável e o que não era. Não vou dizer se as regras com que cresci eram certas ou erradas, porque não é essa a questão. Havia influências negativas de que as crianças precisavam ser protegidas? Sem dúvida. Alguns cristãos exageraram? Obviamente.

A questão não é discutir se minha infância era mais protegida ou santificada que a de outra pessoa. A questão não é saber se assistir a *SOS Malibu* significava que você carregava a marca da besta. (Se você não sabe o que é *SOS Malibu* nem a marca da besta, não se preocupe com isso.) A questão é a seguinte: alguns de nós depositamos demasiada confiança em regras humanas.

As regras em si não são ruins, mas não podem salvar ninguém. O melhor que uma regra ou uma lei pode fazer é definir limites e

ameaçar punições para quem ultrapassá-los. Ainda assim, as pessoas decidem se vão obedecer à regra ou não.

Meus pais eram muito mais rigorosos que a maioria dos pais que eu conhecia, mas não me rebelei. Não voltei as costas para Deus. Não achava que precisava sair e experimentar o pecado só para conferir se eu gostava.

Por quê? Não se deve às regras. Não se deve às ameaças. Certamente não se deve ao fato de eu ter uma personalidade complacente — meus pais e agora minha esposa podem atestar isso. Deve-se ao relacionamento.

Às vezes eu discordava do julgamento deles. Se a decisão estivesse correta ou errada era menos importante que a motivação por detrás dela.

Tenho observado pais criando regras por medo. Eles tentam usar regras para garantir que seus filhos andem na linha. Isso não funciona. Não é para isso que as regras servem. As regras são feitas para nos conduzir ao relacionamento, não para substituir o relacionamento.

Permita-me uma palavra de cautela. O foco excessivo nas regras e insuficiente na graça comunica aos filhos que aquilo que eles fazem é mais importante que a pessoa que eles são.

Smurf nisso por um tempo.

Esses princípios não se destinam somente aos pais. Nosso relacionamento com Deus também funciona desse modo. Para ele, trata-se mais de relacionamento que de regras. Muito mais.

Jesus comprovou isso. Ele amou os pecadores — nos amou — muito antes que fizéssemos qualquer coisa para merecer. Então ele nos deu sua vida para pagar por nosso pecado, a fim de que tivéssemos um relacionamento eterno com Deus.

Aqui está a parte que deve deixar Deus um pouco frustrado. Nós pegamos esse maravilhoso relacionamento alicerçado na graça e pleno de amor e construímos um muro de regras ao redor. Transformamos relacionamento em religião. Quantificamos,

codificamos e classificamos a graça, até ela dizer mais respeito a nós do que a Deus.

Sim, agimos de bom coração. Compreendemos que nosso pecado enviou Jesus para a cruz e nos determinamos a jamais pecar novamente. Nunca, nunca mais. E criamos regras que nos mantenham longe da fronteira do pecado.

Nossa solução também é nosso problema. Será que tudo tem a ver com "não pecar"? É essa a prioridade de Deus? Quando chegarmos ao céu, Deus examinará sua planilha celestial e dirá: "Foi por pouco, mas sua taxa de santidade é melhor que a média nacional, por isso o deixarei entrar"?

Quando virmos Jesus face a face, o pecado será a coisa mais distante de nossa mente. Tudo em que estaremos pensando será na graça e no amor dele e em como somos felizes por estar em seus braços.

Quando criamos regras por medo de que as pessoas pequem, acabamos dando um drible na fé. Não é o medo que nos salva — é a fé. O medo do fracasso tem um jeito sutil de se tornar uma profecia que cumpre a si mesma. Enfocamos tanto o que não queremos fazer que acabamos atraídos por aquilo como a mariposa é atraída pela luz.

Faça e siga regras quando necessário, mas não viva centrado nelas. Concentre-se na fé. Concentre-se na graça. Concentre-se em Jesus.

Às vezes, em nosso zelo para evitar o pecado, deixamos de lado a graça necessária para fazer isso. A despeito de termos cometido erros no passado, dizemos a Deus: "Obrigado pelo perdão e coisa e tal. Agora eu assumo daqui!". E batemos de cara na parede. Então Deus ajunta nossos cacos, nós agradecemos seu perdão, e fazemos tudo de novo.

Eu não odeio regras, mas acredito que precisamos mantê-las em seu lugar. E mais que isso, precisamos reconhecer a preeminência e a suficiência da graça.

O resumo é o seguinte: tudo que as regras podem fazer, a graça pode fazer melhor, e muito mais.

Por que as regras não são suficientes

Sendo assim, aqui estão algumas observações a respeito das fragilidades das regras e, por extensão, da necessidade da graça. São generalizações, evidentemente, não leis infalíveis da natureza. Por isso, não fique demasiado na defensiva. Seja você um espírito livre frustrado por sua incapacidade de seguir regras ou um perfeccionista que se orgulha de seu estilo de vida rigoroso, o que vem a seguir é para você.

1. As regras costumam ser arbitrárias

Algumas coisas têm a cor cinza, não são brancas nem pretas. O que fazer nessas situações se resume a uma tomada de decisão. Não posso ser o seu juiz, nem você pode ser o meu. Quanto mais atuo como pastor, menos propensão tenho para dizer às pessoas o que fazer e mais rápido sou para abraçá-las e orar com elas.

Se você está à procura de uma lista idiota de coisas a fazer e não fazer para ter uma vida feliz e santa, não posso ajudar. Não sou esperto o suficiente para lhe dizer como agir em todas as circunstâncias. Ou talvez não seja estúpido o bastante — depende do ponto de vista.

Mas existe uma resposta simples e infalível. Funciona para todas as culturas, todas as épocas, todas as famílias, todos os tipos de personalidade.

Jesus.

Quando você se concentra numa pessoa, não num conjunto de regras, as coisas se encaixam.

2. As regras são desprovidas de poder

As regras só nos dizem o que fazer e o que não fazer, mas não nos ajudam de fato a praticá-las. Se formos incapazes de seguir as

regras, acabaremos nos sentindo condenados e sem esperança, o que nos desmotiva e torna ainda mais difícil cumpri-las.

Não à toa, a palavra *graça* na Bíblia possui duplo significado. Por um lado, refere-se ao favor imerecido de Deus para nós. Além disso, porém, refere-se ao poder de Deus agindo em nós para efetuar mais do que poderíamos fazer por conta própria. A graça é o poder que Deus nos concede para uma vida diferente.

3. As regras são exteriores

As regras são restrições impostas a nós por outras pessoas ou por nós mesmos. De modo geral, destinam-se a nos impedir de fazer o que queremos ou a nos motivar a fazer o que não queremos. Em outras palavras, a regra exterior costuma se opor a nossos desejos internos. Isso gera conflitos e dificulta a obediência.

As regras lidam com o comportamento, mas não tratam do coração. Não corrigem atitudes. Não curam as inconsistências e fraturas profundas em nossa alma que podem vir a nos destruir.

A graça, por outro lado, é interior. Ela atua no nível do coração. Enquanto as regras buscam nos forçar a fazer o oposto do que desejamos, a graça transforma nossos desejos. Ela produz consistência interna e integridade. Fazer o que é correto se torna bem mais fácil.

Já conheceu gente que é tão santa a ponto de não conseguir desfrutar da vida e também não deixa que ninguém desfrute? Isso não é santidade, mas arrogância e legalismo. Você pode estar falando sobre qualquer assunto, de futebol a animais de estimação, e eles conseguem introduzir um comentário pseudoespiritual que aponta para a intensidade da espiritualidade deles, uma vez que não partilham de tais prazeres terrenos.

Quando nos concentramos em Jesus, não num código de conduta, quando a graça transforma nossos desejos de modo que sejamos motivados internamente, e não apenas restringidos externamente, nos tornamos pessoas bem mais divertidas. Não é por nada, mas

é muito melhor ser uma propaganda da santidade que sair por aí azucrinando os outros.

4. As regras apontam para nós mesmos

As regras e os regulamentos se referem a nós; a graça diz respeito a Jesus. Se tudo em que nos concentramos e pensamos e colocamos nossos esforços é uma checagem de nossa lista de afazeres para a santidade, tenderemos à arrogância e à autossuficiência. Cedo ou tarde, descobriremos que a perfeição não é sustentável e oscilaremos para o extremo oposto: a condenação — que também não é nada divertida.

A graça nos direciona a Jesus. Ela nos mantém humildes e nos dá a esperança de uma vida decente. Mesmo quando erramos, não perdemos o controle emocional. Ficamos de pé e tentamos outra vez, pois sabemos que Jesus está do nosso lado. Ele não está furioso conosco, nem mesmo decepcionado. Ele está empolgado por estarmos tentando, e estará lá para nos ajudar a aprender e crescer.

5. As regras muitas vezes se baseiam no medo

A maioria das regras só obtém sucesso se tiver impulsões por detrás, se houver algum sistema de recompensa e punição em vigor. Obedecemos por medo de perder uma recompensa ou por medo de punição. Isso é ótimo em muitas situações, como no relacionamento entre empregador e empregado ou entre professor e estudante — mas não é um relacionamento saudável entre pai e filho, que é como a Bíblia chama nossa relação com Deus.

A graça nos motiva a uma vida correta porque, em primeiro lugar, ela nos atrai para perto de Jesus. À medida que o conhecermos melhor, desejaremos cada vez mais nos assemelhar a ele. É algo natural, orgânico e eficaz.

6. As regras enfatizam o lado negativo

A vida não consiste em cerrar os dentes e tomar a decisão de só fazer o que é certo. Se as pessoas acreditam que santidade é passar o resto da vida perdendo toda a diversão porque não querem ir para o inferno, cedo ou tarde acabarão desistindo e correrão atrás de "diversão", à espera de que Deus esteja de bom humor quando decidir nossos destinos eternos. Nossa esperança é a de ter pelo menos 50% de chances de entrar.

A graça enfoca a vida plena que Jesus nos proporciona gratuitamente. As coisas de que abro mão são completamente irrelevantes diante da maravilha que recebo no lugar. Enquanto você não experimentar, é difícil descrever como é sentir a bondade de Deus. Seja como for, vai muito além de uma lista de afazeres.

Na infância, eu achava incríveis os hambúrgueres dessas redes de *fast-food*. O motivo principal era o fato de meus pais só irem a churrascarias quando minha irmã e eu não estávamos por perto. Uns avarentos, meus pais. Então certo dia provei um bife de verdade. Minha vida foi transformada para sempre, pois não há nada que se compare à carne vermelha. Desculpe-me se isso ofende você. Eu seria um péssimo vegetariano.

Hoje, se tivesse de escolher entre uma boa churrascaria e o McDonald's, eu escolheria a churrascaria toda vez. Sem a menor dúvida. E a última coisa que me passa pela mente ao morder um belo bife gorduroso no ponto seria me desculpar por causa de um *cheeseburguer* de que tive de abrir mão.

Depois de experimentar a bondade de Deus, o pecado já não oferece nenhum apelo duradouro.

A bagunça da graça

Antes de passar para o tópico seguinte, devo mencionar que é mais fácil lidar com as regras do que com a graça. Boa parte da atração

delas reside nisso. É por isso que continuamos a criar regras, mesmo que sejamos incapazes de cumprir aquelas que já temos.

As regras estão todas em seu lugar. A graça é uma bagunça, imprevisível e incalculável. Posso medir minha vida com base num conjunto de regras e facilmente determinar se sou uma pessoa boa ou má. Posso fazer o mesmo com a sua vida, e posso fazer isso a certa distância, sem precisar me envolver em relacionamentos e compaixão e asperezas da vida real.

Com a graça é diferente. A graça arrisca sua reputação para dividir a mesa com pecadores notórios. Ela sacrifica sua agenda para ajudar gente ferida. A graça não nos permite o luxo da indiferença. Ela não se deixa distrair por boas ações a ponto de esquecer as pessoas.

Se você escolher viver pela graça, e não por regras, passará por alguns momentos complicados. Mas, uma vez que abraçou a graça, jamais se desprenderá dela.

Caso esteja se perguntando, eu não levei meus filhos para assistir a *Os Smurfs*. Não por medo de que eles se tornassem adoradores do demônio e sacrificassem os animais de estimação dos vizinhos, mas porque um conhecido nos disse que o filme era assustador demais para crianças. Meu filho mais velho poderia ter assistido sem problema, mas não o caçula. Por isso disse não, e assistimos a algum outro filme. Não fiz grande caso disso, tampouco fiquei me explicando. Imagino que algum dia eles possam escrever um livro sobre mim e minhas regras tirânicas, mas tenho certeza de que continuarão a me amar, e isso é o que importa.

6

Abandone a Terra do Merecimento

Muitas pessoas passam a vida toda naquilo que chamo de Terra do Merecimento. É uma espécie de Disneylândia. O lema da Disneylândia é "O lugar mais feliz da terra". Já o lema da Terra do Merecimento é "Você só tem o que merece". É a primeira coisa que nos dizem quando fazemos o *check-in*. Está espalhado em cartazes nas paredes. Alto-falantes repetem a frase o dia inteiro.

A Terra do Merecimento está repleta de problemas. A pintura dos brinquedos está descascando. A roda-gigante tem 3,5 metros de altura e fica travando o tempo todo. O pescoço dói após um passeio nos carrinhos de tromba-tromba, de tanto que eles sacodem. O jardim zoológico é estrelado por uma cabrita magricela e um cão que aparenta sofrer de raiva. A pipoca é da semana passada e tem gosto de gordura queimada.

Muitos de nós continuamos a fazer passeios patéticos pela Terra do Merecimento. Ficamos nos perguntando por que já não é mais divertido, mas não temos dinheiro para pagar outro lugar. Então damos risadas vazias e dizemos uns aos outros como aquele lugar é ótimo.

E, de vez em quando, por cima da cerca, pegamos um vislumbre de um lugar incrível chamado Graçalândia. Não, não é a propriedade de Elvis Presley. Aquela é a Graceland. A Graçalândia está cheia dos passeios mais incríveis. Avistamos pessoas se divertindo como nunca naquelas montanhas-russas enormes. Olhamos por

sobre nosso pequeno carrossel e nos perguntamos o que elas fizeram para entrar naquele lugar.

"Uau", pensamos. "Os ingressos devem custar uma fortuna. Eu nunca conseguiria entrar lá. É bom demais para mim."

Então alguém espreita por um buraco no muro da Terra do Merecimento e diz:

— Cara, por que você não vem pra cá, para a Graçalândia? É ótimo aqui! É maravilhoso!

— Não, não posso. Jamais poderia pagar por isso. Não mereço tanto. A graça não é para mim.

— Então você não sabe? A Graçalândia é gratuita!

— Gratuita! Não, isso é impossível. É bom demais para ser verdade. Mas obrigado mesmo assim. Eu só tenho o que mereço.

Isso soa como humildade, mas não é. É falsa humildade, que é apenas orgulho disfarçado de modéstia. O orgulho é um dos maiores inimigos da graça.

Você achava que a Disneylândia era cara? Na Terra do Merecimento, eles vão cobrar tudo que conseguirem tirar de você, e ainda assim não será suficiente. Os passeios na Graçalândia, por sua vez, não lhe custarão coisa alguma. O parque pertence a Jesus, e ele diz que todo que deseja pode entrar sem nenhum custo.

Não precisamos conquistar nada. Não precisamos pagar valor algum. Não temos de fazer por merecer. Isso é graça.

Consumado

Você já pagou o almoço de alguém e a pessoa não parava de insistir em retribuir? Um pouco de resistência é natural, até educado. Mas, se a pessoa que tentamos abençoar por bondade de nosso coração se recusa completamente a aceitar nosso presente, acabamos nos sentindo desonrados e esnobados.

Algumas pessoas pensam que estão tirando proveito de Deus ao receber a graça divina que cobre seus pecados. Sabem que foram

salvas pela graça, mas ficam com a sensação de que cada novo pecado é outro prego nas mãos de Jesus. Quando cometem erros e precisam pedir perdão, fazem isso com a sensação de estar frustrando Deus ou insultando sua generosidade.

Eu respeito essa sinceridade e ética de trabalho, mas eles estão completamente equivocados.

A graça não foi gratuita para Jesus. Custou-lhe tudo. É precisamente por isso que devemos recebê-la gratuitamente. A coisa mais ofensiva que podemos fazer é rejeitar esse presente caríssimo e dizer: "Obrigado, mas não, Deus, eu resolvo isso". Por favor, não me diga que Jesus foi espancado e mutilado e torturado para que tentássemos salvar a nós mesmos por meio de nossas insignificantes boas ações. Não desvalorize o sacrifício de Jesus tentando pagá-lo de volta.

Quando recebemos a graça e desfrutamos dela, não estamos incomodando Deus. Pelo contrário. Ele se alegra com isso. Para Deus, a morte de Jesus na cruz resolveu o problema do pecado, e agora podemos retornar à vida plena para a qual Deus originariamente nos criou.

Descobri que quanto mais conheço Jesus e sua bondade, mais desejo viver de maneira agradável aos olhos dele. Simples assim.

Às vezes ficamos excessivamente obcecados pelo poder do pecado e o tamanho de nossa fraqueza. Temos a preocupação de que, se relaxarmos por um instante, cometeremos erros colossais e arruinaremos tudo. Ironicamente, nossa paranoia só serve para nos tornar mais conscientes de nossa natureza pecaminosa. É como contemplar um pudim e esperar que ele nos motive a perder peso.

Então aparece alguém e nos fala sobre a graça. Conta que Deus nos ama, aconteça o que acontecer. Diz que Deus não está nem um pouco preocupado com o pecado como nós, pois Jesus já resolveu o problema do pecado na cruz. E então pensamos: "Já fiz tanta bobagem. Se eu parar de insistir numa vida justa, só Deus sabe em que

pessoa me tornarei. É ladeira abaixo direto para o inferno". Então nos agarramos insanamente a nossa santidade e trabalhamos com afinco para alcançar a perfeição, como se tudo dependesse de nosso desempenho.

Não depende. Aí está a questão. É isso que Jesus estava dizendo às multidões, e a seus discípulos, e aos pecadores notórios, e aos fariseus. Nossa justiça não depende de nosso desempenho atual, mas do desempenho já consumado de Jesus.

Uma das últimas coisas que Jesus disse pendurado na cruz vem ressoando em minha mente há algum tempo. É uma frase que transformou para sempre o modo como o homem se relaciona com Deus e alterou meu jeito de ver a mim mesmo, de entender Deus e de reagir ao pecado.

Jesus disse: "Está consumado!".

Quanto mais eu penso nessa pequena e poderosa frase, mais convencido fico de que precisamos de uma maior estima por Deus e uma menor estima pelo pecado. Algumas pessoas se sentem tão oprimidas pela gravidade de suas falhas que não conseguem acreditar que Jesus é capaz de nos amar. Isso é um problema sério. E é um problema muito maior que o pecado em si, porque o pecado não é a grande questão.

Permita-me explicar. Acompanhe meu raciocínio, pois serei quase lógico. Que pensamento assustador. Alguns dos leitores com o lado esquerdo do cérebro mais desenvolvido estão pensando: "Finalmente! Deus existe!". Pode não acontecer de novo, portanto apreciem enquanto dura.

O pecado é a grande questão? Depende de como você o encara.

O pecado possui três componentes principais: culpa, poder e efeito. Primeiro, a *culpa* se refere à minha condição de "culpado" ao pecar ou violar a lei.

Por exemplo, se eu estacionar num lugar proibido, sou culpado de transgredir a lei. Posso ser punido. E, se acontecer de eu estar

no centro de Kirkland, onde moro, certamente serei pego e julgado com o máximo rigor da lei, pois temos uma guarda de trânsito que rivaliza com a CIA em destreza e eficácia. O governo americano teria encontrado Osama Bin Laden anos antes se tivesse recrutado os serviços dela. Para ela, não existe nada desse papo de graça. Acho que vou presenteá-la com um exemplar deste livro.

O *poder* do pecado é outro assunto. Refere-se ao impulso interior para fazer o que é errado. Geralmente recebe o nome de tentação. Algo dentro de nós nos induz a praticar uma ação que sabemos ser errada. No caso do estacionamento em lugares proibidos, o poder do pecado aparece em minha falta de paciência para encontrar uma vaga adequada e em minha falta de consideração pela autoridade. São questões internas que, caso não examinadas com atenção, me levarão a fazer coisas muito piores que estacionar em cima da calçada.

Por fim, o *efeito* do pecado diz respeito às consequências de minhas ações erradas. Se eu estaciono de forma ilegal, o efeito pode ser a obstrução do tráfego ou o incômodo para os pedestres. Nosso pecado sempre tem um efeito — sobre nós mesmos, sobre os outros, ou sobre ambos. Às vezes o efeito é postergado, mas cedo ou tarde surgirá. No caso de alguns pecados, o efeito é horrível: crianças que sofrem abusos sexuais, esposas agredidas, vítimas de estupro ou assassinatos.

Muitas vezes lidamos com o pecado em sentido contrário. Tentamos controlar ou diminuir seus efeitos, mas nunca tratamos de seu poder interno e da culpa gerada.

Deus nos ama, mas, se ele ignorasse inteiramente o pecado, seria um Deus injusto. Não é uma solução viável para o problema do pecado, pois Deus é perfeito. A maioria de nós aprovaria que Deus fizesse vista grossa a nosso pecado, mas, quando começamos a pensar num Deus que negligenciasse o pecado de, digamos, um Hitler ou um Stalin, passamos a entender como é impossível que Deus

simplesmente varra o pecado para debaixo do tapete. Se Deus fizer vista grossa ao mal, então o próprio Deus é mau. Um Deus bom, por definição, deve ser justo.

A solução? Jesus.

A propósito, se você ainda não percebeu, Jesus é a resposta para todas as coisas. As crianças aprendem isso desde cedo na igreja.

Professora da escola dominical: — Crianças, hoje vamos falar sobre amor. Sabem quem ama vocês mais até que seus pais?

Crianças: — Jesus!

Professora: — Certo! E sabem quem morreu por vocês porque ele os ama muito?

Crianças: — Jesus!

Professora: — Muito bem! Vocês são muito espertos! Ótimo, agora estou pensando em algo que ama muito seus bebês. Vejamos se conseguem adivinhar. É preto e branco... e sabe nadar... e se alimenta de peixes... e vive no Polo Sul...

Crianças: [Silêncio constrangedor]

Por fim, Joãozinho levanta a mão, um pouco confuso: — Ah, eu sei que a resposta deveria ser Jesus, mas para mim parece mais um pinguim.

Foi mal, me desculpem. Achei que seria engraçado.

O que quero dizer é o seguinte: Jesus é a solução para tudo, especialmente para o problema do pecado.

Em certa medida, o pecado é uma grande questão. Mas não é tão grande quanto costumava ser, e não será grande coisa nenhuma no futuro. Explico.

O pecado é uma grande questão quando consideramos que todo pecado é um ato de rebeldia contra Deus. É uma grande questão quando percebemos que muitas vezes somos escravos de nosso pecado, fazendo coisas que não queremos fazer porque algo em nosso

interior nos controla. É uma grande questão quando olhamos ao redor e vemos toda a dor e todo o sofrimento causados pelo pecado. E é uma grande questão quando nos damos conta de que a morte existe porque o pecado existe.

Mas os dias do pecado estão contados. O mal está de saída. A morte de Jesus resolveu a culpa do pecado e o poder do pecado. À medida que caminhamos com ele, pecamos menos, e os efeitos do pecado igualmente diminuem.

Antes de Jesus, tudo o que as pessoas poderiam fazer era esforçar-se ao máximo e oferecer sacrifícios periódicos como compensação (ou algo assim) por sua culpa. Elas matavam ovelhas e pássaros e bois como símbolos da gravidade do pecado e do tamanho da culpa.

Parece uma prática bárbara aos nossos olhos, mas era o melhor que podiam fazer. Talvez você esteja se perguntando: "Qual a utilidade de matar um animal? Como a morte de um animal faria compensação pelos erros deles?".

Exatamente.

É por isso que eles tinham de oferecer sacrifícios o tempo todo — diariamente, semanalmente, mensalmente, anualmente. E, mesmo assim, nunca lidavam com o âmago da questão: a natureza pecaminosa do ser humano.

Os sacrifícios foram estabelecidos para lembrar o povo da necessidade de conseguir uma solução para o pecado. Em última análise, os sacrifícios apontavam para Jesus.

O autor de Hebreus diz:

> Dia após dia, todo sacerdote apresenta-se e exerce os seus deveres religiosos; repetidamente oferece os mesmos sacrifícios, que nunca podem remover os pecados. Mas quando este sacerdote acabou de oferecer, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à direita de Deus [...] porque, por meio de um único sacrifício, ele aperfeiçoou para sempre os que estão sendo santificados.
>
> Hebreus 10.11-12,14

Jesus era o sacrifício definitivo. Sua morte foi suficiente para todo pecado, para sempre, substituindo os ineficazes e insuficientes sacrifícios de animais do passado.

Repito a pergunta: o pecado é uma grande questão? Considerando tudo que foi exposto, tenho de dizer que não mais. O problema foi solucionado. A solução foi providenciada. A resposta foi encontrada. Seu nome é Jesus, e sua essência é a graça.

Simplesmente Jesus

Se nos valemos da provisão de Deus para o pecado, é outro assunto, obviamente. E parte do poder e dos efeitos do pecado só será plenamente erradicada quando Jesus voltar e lidar com o pecado e o mal de uma vez por todas. Mas Jesus basta. Jesus é suficiente.

Jesus traz esperança a um mundo carente, e ela se chama graça. "Onde aumentou o pecado, transbordou a graça", diz a Bíblia (Rm 5.20). Jesus não veio para condenar o mundo; ele veio para salvá-lo. Se ele acredita que há esperança, se ele acredita na humanidade, devemos fazer o mesmo.

A solução de Jesus para o pecado foi sua própria morte, e é em sua morte que devemos depositar nossa esperança para o mundo. Não confiamos em nossos esforços de bondade, nem na educação, nem num exército melhor, nem num sistema penal mais eficaz. Aparentemente, a maioria dos cidadãos de Seattle é incapaz de transitar num engarrafamento sem ofender alguém, portanto acreditar que podemos alcançar a paz mundial nos esforçando mais ou educando melhor as pessoas é um pouco de ingenuidade. Essas coisas são úteis, mas não são a resposta.

Jesus é.

Precisamos entender que há muito mais na vida além do pecado. Quanto de nossa vida gira em torno do pecado? Tudo que há de errado neste mundo, desde as guerras até a fome, passando pelas

enfermidades, é consequência do pecado. Se não tivéssemos de lidar com o pecado, onde a raça humana estaria neste momento?

Este livro é uma espécie singela de manifesto. É um chamado simples ao retorno a uma fé simples numa pessoa simples. Jesus é a essência e a substância do evangelho. Ele é o cerne do cristianismo. Sua graça está disponível a quem quiser. Sem restrições. Sem limites. Sem condições.

Quando Jesus morreu na cruz, ele providenciou uma porta de acesso a Deus. Ele solucionou o problema do pecado. Ele pagou pelos pecados de todo aquele que escolhe aceitá-lo.

Pessoas mais inteligentes que eu escreveram livros sobre a doutrina da expiação (isto é, Jesus pagou por nossos pecados) e a doutrina da justificação (ou seja, somos declarados justos por causa da morte de Jesus). Li muito do que eles têm a dizer e, ao contemplar a profundidade da graça de Deus e suas implicações para cada um de nós, me sinto aturdido por ela. Deus não só está *disposto* a perdoar pecadores — ele tem *paixão* por fazer isso. Mesmo quando éramos inimigos, antes mesmo de termos feito qualquer coisa para merecer seu amor, mesmo sabendo que iríamos pecar, ele ainda assim nos amou. Nada se compara a essa graça.

Não posso fingir que entendo a resposta para cada questão teológica. Honestamente, ninguém pode. É impossível calcular e quantificar o amor infinito. É impossível encaixá-lo numa fórmula matemática.

Mas você pode conhecer Jesus. Ele é a personificação da graça. Sua morte na cruz e sua ressurreição dos mortos após três dias são a demonstração definitiva de tal graça.

Faríamos bem se parássemos de enfocar nossos pecados, nossas falhas, nossas fraquezas, nosso passado e nossas tentativas legalistas de viver em santidade e simplesmente desfrutássemos da obra consumada de Jesus. É nessa obra que a graça é encontrada. É

nessa obra que recebemos perdão pelo passado e poder para viver de modo diferente no presente.

A graça é tão simples que temos dificuldade em acreditar em sua veracidade. Estou convencido, porém, de que, a menos que seja boa demais para ser verdade, não é graça.

A meu ver, a culpa e a autocondenação são as fontes das maiores complexidades de nossa fé. Somos tão introspectivos e absortos em nós mesmos que nossas falhas se tornam mais reais para nós que o próprio Jesus. Não é saudável. É deprimente. É mórbido. É egoísmo.

A condenação é um grande motivador — por cerca de três dias. Depois o tiro sai pela culatra. No final, nossas boas intenções e nossos esforços humanos não são suficientes, e então pecamos. Com isso, condenamos ainda mais a nós mesmos, na esperança de que uma dose maior de culpa nos sacudirá de nossa rotina de pecado. E assim o círculo vicioso prossegue.

Não ajuda nada dizer a si mesmo: "Não pense nas coisas ruins. Não pense nas drogas. Não pense no clube de *striptease*. Não pense em...".

O ponto não é esse. Sim, devemos evitar pensamentos a respeito do pecado. Mas tentar não pensar em algo é a melhor maneira de continuar pensando naquilo.

É por isso que você não diz a seu filho pequeno: "Não coloque a maquiagem da mamãe na privada". Se isso for tudo o que você diz, ele ficará lá olhando para o vaso sanitário, pensando no glorioso barulho que o estojo da mamãe fará ao cair. Então você fecha a tampa, encosta a porta e — atenção aqui — você lhe dá alguma outra coisa para fazer. Mostre-lhe algo construtivo que não envolva privadas.

A questão não é parar de pensar no pecado, mas sim parar de pensar em si mesmo e começar a pensar em Jesus. É conscientizar-se de Deus, não de si mesmo.

Quer saber o que a lei faz? A lei nos conscientiza de nós mesmos. Quando isso acontece, nós nos conscientizamos do pecado. Paramos

de olhar para Jesus e começamos a olhar para nossos defeitos, nossas falhas e fraquezas. Então acabamos pecando ainda mais, uma vez que não conseguimos pensar em outra coisa. A graça, por sua vez, nos conscientiza de Deus. Quando vivemos pela graça, somos constantemente maravilhados pelo amor, pela bondade e pela santidade de Deus. Pensamos nele, o que nos motiva a agir como ele.

Você está lutando com o pecado? Sua necessidade não é de mais força de vontade, mas de mais Jesus.

O ponto central de nossa vida é amar Jesus, não evitar o pecado.

Dia do anuário

Eu me formei na Issaquah High School, em 1997. Naquele tempo, era a maior escola de ensino médio do estado de Washington, com cerca de 22 mil estudantes.

Um de meus dias favoritos no ensino médio era o dia do anuário. Não sei como funcionava em sua escola, mas, quando recebíamos nossos anuários escolares, ganhávamos metade do dia para sair assinando o anuário de todo mundo. Gostava muito do dia do anuário — assim como tudo que levasse as pessoas a dizer coisas legais a meu respeito.

Eu era bastante querido, mas me lembro de às vezes ser evitado por algumas pessoas, até mesmo por alguns de meus colegas do time de basquete. Não sabia realmente por quê. Talvez me achassem idiota ou estranho, ou talvez me achassem mais bonito que eles e se sentissem intimidados. Minha esperança era que fosse a segunda opção.

Nesse dia especial, eu trocava anuários com dezenas de pessoas e depois ia para casa e passava duas horas lendo o que elas tinham a dizer sobre mim. Afinal, tudo gira ao meu redor, certo? Isso é o ensino médio para você.

Fiquei chocado ao ler o que certas pessoas pensavam a meu respeito. Lembro-me de haver pensado: "Se soubesse que eles tinham

tanta estima por mim, teria sido ainda mais ousado em partilhar o amor de Jesus".

Ainda tenho meu anuário e há algum tempo o li de cabo a rabo novamente. O que posso dizer — acho que tudo ainda gira ao meu redor. Seja como for, eu me lembro daquelas pessoas e me lembro de que agiam como se eu nem existisse. E ainda me sinto impressionado pelo que se passava na cabeça delas naquele ano inteiro de silêncio.

Um sujeito escreveu: "Judah, você é realmente o jovem mais extraordinário que já conheci".

O quê? O pessoal do ensino médio não conversa assim uns com os outros.

Ele continuou: "Você é uma inspiração para mim e para todos os cristãos. Tenho o maior respeito por você. Sua devoção diária e seu amor por Jesus ajudam todos à sua volta".

Para sua informação, leitor, esse cara nunca nem conversou comigo. Nunca. Eu estava morto para ele. Ele só começou a servir Jesus no final do ensino médio. Mas ele me observava a distância e me admirava. Se eu soubesse disso, teria sido uma pessoa bem menos insegura.

Veja este outro: "Judah, você é provavelmente a pessoa que eu mais respeito nesta escola".

Queria que você conhecesse esse cara. É inacreditável.

Ele continua: "Você tem suas crenças e se apega a elas. Isso é incrível".

Uau. Não era incrível quando eu me sentava sozinho no refeitório. Não parecia nada incrível.

"Fico feliz por termos passado algum tempo juntos."

Estou me esforçando para lembrar quando foi isso. Eu até tentei me aproximar, mas ele nunca estava disponível para trocar uma ideia.

"Espero que a gente possa sair para jogar golfe este verão. Me ligue se precisar de um parceiro. Você também é um ótimo zagueiro.

Era divertido jogar futebol no segundo ano. Aprendi muita coisa com você, e obrigado por tudo que fez por mim. Amigos para sempre."

Eu me lembro de ter ficado deitado no quarto lendo meu anuário, olhando para os nomes e as fotos e pensando: "É impossível que essa pessoa pense isso". Se eu soubesse que me respeitavam assim, que fulano de tal me considerava a pessoa mais extraordinária que ele já conheceu, eu teria andado pelos corredores como um sujeito de fato extraordinário.

Às vezes penso no que Deus diria se ele fosse escrever algo em nosso anuário. Acho que a maioria das pessoas, ao imaginar Deus registrando o ponto de vista dele a nosso respeito em nosso anuário, esperaria o mesmo que eu esperava de meus amigos. "É, até que você é um cara aceitável." "Você é meio estranho." "Cara, me deixe em paz." "Vá arrumar o que fazer." "Vá procurar sua turma."

Existe um modo de conhecer o ponto de vista de Deus a nosso respeito. Chama-se Bíblia — mas na maior parte do tempo nós pulamos as partes da graça e enfatizamos as partes do pecado.

Se Jesus escrevesse em nosso anuário, acredito que você ficaria encantado com o que ele realmente pensa a seu respeito. Acho que você mudaria seu jeito de viver, pois Jesus ama você. Ele se preocupa com você. Ele tem grande apreço por você.

Compreender isso pode literalmente melhorar sua postura. Se pensa que o Deus das galáxias e do sistema solar está furioso com você, é possível que sinta um fardo nas costas. Talvez afete seu humor.

— Ei, cara, qual o problema?

— Ah, o Criador de todas as coisas está muito irritado comigo. Ele pode me matar a qualquer momento.

Bem, eu também me sentiria pra baixo. Seria um peso e tanto para carregar se eu ouvisse algo parecido.

Ao contrário da opinião popular, Deus não está furioso conosco. Sim, podemos magoar Deus. Podemos entristecê-lo. Mas a ira

dele contra o pecado foi apaziguada pela morte de Jesus. Ele já não olha para o pecado daqueles que, pela fé, aceitaram esse sacrifício. Quando ele olha para nós, vê seu Filho.

Quando Jesus foi batizado, Deus gritou bem alto para todo mundo ouvir: "Tu és o meu Filho amado; em ti me agrado" (Lc 3.22).

Deus se agrada em nós tanto quanto se agrada em seu Filho Jesus.

Não é exagero. Não é blasfêmia. É a verdade. É a Bíblia. O apóstolo João escreveu: "Dessa forma o amor está aperfeiçoado entre nós, para que no dia do juízo tenhamos confiança, porque neste mundo somos como ele" (1Jo 4.17).

Repetindo, quando Deus olha para nós, ele vê Jesus. Diante de Deus temos a mesma posição de Jesus. Não somos Deus, obviamente, portanto há uma distinção. Contudo, no que diz respeito à nossa justiça, somos tão puros quanto Jesus.

A graça é um conceito de difícil compreensão para nós, humanos, porque precisamos conviver conosco. Estamos dolorosamente cientes de nossas fraquezas e defeitos. Assim, costumamos ser mais rigorosos com a pessoa na frente do espelho. É impressionante como muitas pessoas conseguem aceitar os outros, mas ainda estão tentando encontrar um jeito de aceitar a si mesmas.

Às vezes nosso cérebro é nosso pior inimigo, pois a graça não funciona de maneira lógica. Ela não opera num sentido de causa e efeito, como tudo o mais na vida. Desde a infância, aprendemos que toda ação gera uma reação. Para cada efeito, existe uma causa. Uma maçã cai da árvore. Esse é um efeito. "Deve haver uma causa", raciocinou *sir* Isaac Newton. "Logo, a gravidade!".

Dia desses eu estava dando aulas na sala de adesão de membros da igreja e caí do tablado. Sempre deixo metade do pé para fora do tablado e as pessoas riem de mim por isso, mas nos mais de quinze anos pregando desse jeito, nunca havia caído. Naquela aula em particular, estava me inclinando para a frente a fim de ler um versículo no monitor acima, e a gravidade cumpriu

seu papel. Foi uma queda graciosa, e o único ferimento foi uma entorse no meu orgulho. O vídeo não está no YouTube porque minha equipe de comunicação gosta muito de mim — e porque sou eu quem entrega seus contracheques. Isso também é uma relação de causa e efeito.

No que se refere à graça, existe apenas efeito, ao menos com relação ao ser humano. Não fazemos nada para causá-la. Ela já foi causada, e devemos apenas desfrutar dela.

Ainda assim, empreendemos esforços imensos tentando causá-la, porque é assim que funcionamos. Somos pessoas de causa. Se existe efeito sem causa, sentimos profundo pesar, pois isso não se encaixa com tudo o que aprendemos desde a infância, quando descobrimos a gravidade da maneira mais difícil.

Quando a lógica se intromete em nossas conversas sobre a graça, limitamos seu escopo, sua magnitude e seu significado. Trabalhamos duro para compreender a graça com nossa natureza humana, com nossa estreiteza de visão. Recorremos a nossos logaritmos e algoritmos e tentamos racionalizá-la.

A graça, porém, é sobrenatural por definição, transcendendo nossa capacidade de raciocinar e compreender e calcular. É maior que nossa mente. É maior que nossa compreensão. Os caminhos de Deus são mais elevados que os nossos. Seus pensamentos são superiores aos nossos. Ele é Deus, e nós não.

Vastos e amplos espaços

Lembra-se da mulher flagrada em adultério que os fariseus desejavam que Jesus condenasse à morte? Ela tinha certeza de que ia morrer. Sabia que não lhe restava nenhuma esperança. Seus acusadores a tinham encurralado, e não havia como escapar. Seu pecado a definia e condenava.

Então Jesus disse aos acusadores que aquele que não tivesse pecado atirasse a primeira pedra. O fariseu mais velho, mais consciente

de suas fraquezas, abaixou a cabeça e foi o primeiro a ir embora. Em seguida, o segundo e o terceiro mais velhos fizeram o mesmo, até que por fim os mais jovens e arrogantes foram forçados a admitir seus defeitos e também partiram, furtivos e constrangidos.

Jesus se voltou para a mulher e disse:

— Mulher, onde estão seus acusadores? Nenhum deles a condenou?

— Nenhum, Senhor — disse ela.

— Eu também não a condeno. Agora vá e não peque mais.

Num instante, a mulher passou da total condenação para a total liberdade. Tenho certeza de que a postura dela mudou quando ela foi embora. Sua autoconfiança foi restaurada. Ela encontrou esperança para uma vida melhor.

O apóstolo Paulo diz em sua carta aos Romanos:

> Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo, por meio de quem obtivemos acesso pela fé a esta graça na qual agora estamos firmes; e nos gloriamos na esperança da glória de Deus.
>
> Romanos 5.1-2

A paráfrase da Bíblia *A Mensagem*, uma versão em linguagem moderna, traduz assim essa última parte: "Nós nos achamos no lugar no qual sempre tivemos a esperança de um dia estar — nos vastos e amplos espaços da graça e da glória de Deus".*

"Vastos e amplos espaços" — que ilustração fantástica da graça! Não confinado nem encerrado pelo pecado, mas vasta e amplamente livre. Essa passagem diz que fomos declarados justos aos olhos de Deus. Ele nos colocou num lugar que não merecíamos, um lugar de liberdade e plenitude.

Ouvi falar da graça a vida inteira, mas só nos últimos anos comecei a entender suas incríveis implicações. Venho caminhando numa

* Tradução direta do inglês. (N. do T.)

jornada de descobertas, a qual não tenho pressa de terminar. Tenho paixão, quase desespero, por entender o significado da graça para minha família, minha igreja e minha cidade.

Sinto que toda vez que abro minha Bíblia atualmente — apesar de estar lendo passagens que já li muitas vezes —, tudo o que consigo ver é a graça maravilhosa de Deus. Sempre que oro, tudo em que consigo pensar é como Deus é bom e como Seattle precisa conhecer tamanha bondade. Cada sermão que prego, seja qual for o assunto, sempre retorna à graça de Deus em Jesus.

Minha missão é relembrar à minha igreja que Jesus ainda é a resposta.

A graça é Jesus, e Jesus é suficiente.

JESUS É o sentido.

7

Venham a mim

Não é algo muito espiritual de admitir, mas gosto de dormir. Gosto muito. Descansar e relaxar estão lá em cima na minha escala de prioridades.

Isso é válido especialmente de manhã. Conheço pastores que se saem muito bem em reuniões de oração matutinas. Por "matutino" quero dizer aquele horário em que até o Espírito Santo estaria dormindo — se ele dormisse. Eles se levantam, vestem suas roupas, tomam café e vão à igreja às seis da manhã, liderando seu rebanho em oração com a mais terna e espiritual disposição.

Às seis da manhã não tenho utilidade alguma para Deus nem para ninguém. Talvez exceto para o diabo, visto que ajo mais parecido com ele que com qualquer outro nesse horário nada piedoso. Minha ideia de reunião de oração matutina é às dez da manhã. Sinto que Deus está me dizendo isso. Ou deve ser apenas minha preguiça.

Já estive em mais igrejas do que você esteve no McDonald's. Sempre ouço os pastores dizendo coisas do tipo: "Estava de pé às cinco e meia da manhã orando e lendo a Bíblia, e foi maravilhoso".

E eu fico pensando: "Rapaz, acho que vou para o inferno". Porque, se alguém tentar me acordar cedo assim, eu sairia praguejando contra quem estivesse na frente. Certamente o faria.

Se dependesse de mim, o mundo não começaria antes das dez. As horas anteriores são reservadas para minha esposa e eu, para nossos filhos, para o café da manhã, para tempo a sós com Deus e

a família e comigo mesmo. Encontre-me depois das dez e serei um homem santo e santificado, exatamente como esperam de mim.

Muitas vezes me perguntam: "Judah, qual o seu versículo favorito da Bíblia?".

Sempre fico meio desconfiado, imaginando tratar-se de uma pegadinha. Talvez meu versículo favorito não seja tão espiritual quanto o seu. Por dentro estou me perguntando: "Não sei. Qual deveria ser? Diga você primeiro".

Eis uma pergunta que nunca me fizeram: "De qual versículo da Bíblia você menos gosta?". Eu penso a esse respeito. Possivelmente estou em terreno escorregadio nessa questão. Afinal, são as Escrituras Sagradas, e deveríamos gostar de todos os versículos. Mas posso dizer exatamente qual o meu versículo menos favorito de toda a Bíblia. É Provérbios 20.13: "Não ame o sono, senão você acabará ficando pobre; fique desperto, e terá alimento de sobra".

É esse o versículo de que menos gosto. Se isso o desaponta, peço desculpas. Mas aposto que você também se identifica com ele, portanto não seja demasiado religioso comigo. Quem sabe você precisa reler o capítulo anterior sobre a graça.

Eu também não gosto da passagem que diz que Jesus acordou muito antes do amanhecer e saiu para orar. Sério mesmo? Por que ele tinha de fazer isso? Ele era Deus. Ele não podia simplesmente dormir até mais tarde como exemplo para nós, pobres mortais?

Enfim, eu gosto de dormir. Não amo dormir, porque a Bíblia diz que não devemos fazê-lo. Eu só gosto. Muito.

Provérbios contém outro versículo sobre o sono, e esse é mais da minha preferência: "Quando se deitar, não terá medo, e o seu sono será tranquilo" (Pv 3.24). É a esse versículo que estou me apegando.

Inventores e violadores da lei

Na verdade, dormir é algo bom. Às vezes ficamos muito superespirituais e tensos em relação à vida, e o que realmente precisamos

é de algum descanso. Se algumas pessoas dormissem oito horas de sono ao menos uma vez na vida, seriam mais semelhantes a Jesus.

Você já deve ter imaginado, mas uma de minhas passagens favoritas da Bíblia tem a ver com descanso. Esse trecho faz mais que apenas encorajar o descanso; ele redefine como devemos viver. A passagem nos ensina sobre um descanso espiritual, uma libertação da correria, da ansiedade e do medo. Os versículos a seguir revolucionaram minha maneira de pensar:

> Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso. Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.
>
> Mateus 11.28-30

Quando Jesus disse essas palavras, ele estava conversando com uma multidão que havia crescido sob o sistema religioso judaico. Tratava-se de um sistema definido pela lei. As pessoas se relacionavam com Deus e uns com os outros com base na lei. Elas cuidavam de seus negócios e criavam sua família e viviam seu cotidiano de acordo com a lei.

Ao pensarmos no termo *lei* hoje, vêm à nossa mente as restrições impostas pelo governo. Para o povo de Israel, porém, a lei significava mais que não dirigir seu camelo em alta velocidade numa área escolar. Referia-se à lei de Moisés.

Cerca de 1.500 anos antes, Deus, por intermédio de Moisés, entregou ao povo de Israel uma série de leis que tratavam de questões religiosas, morais e práticas. Essas leis foram projetadas para ajudar Israel a manter um elevado padrão moral. Os israelitas estavam cercados de nações que praticavam coisas como sacrifício humano, incesto e prostituição ritual; a lei, portanto, era a provisão de Deus para ajudá-los a viver melhor.

As mais famosas dessas leis eram os dez mandamentos, mas tratava-se apenas do ponto de partida. A lei de Moisés era muito mais detalhada. Ela impactava cada aspecto da vida. Aos israelitas, era ordenado que guardassem a lei em seus detalhes, e, se falhassem de algum modo, seriam culpados de pecar. Uma vez que ninguém conseguia cumprir toda a lei o tempo todo, tinham de oferecer sacrifícios de animais para o pecado, conforme mencionei anteriormente.

Para piorar as coisas, nos séculos anteriores a Jesus, os judeus haviam adicionado diversas leis à lei de Moisés. Esse corpo de leis, essencialmente a tradição religiosa, destinava-se a ajudar as pessoas a cumprir a lei original de Moisés, controlando ainda mais a vida cotidiana. Era um conjunto incrivelmente detalhado de restrições e normas, e o dever autonomeado dos fariseus era interpretar e aplicar essa lei à vida de todos.

No capítulo anterior, discutimos a vida baseada em regras em oposição à vida baseada na graça. É exatamente onde Israel foi parar. Não era essa a intenção de Deus quando ele lhes deu a lei — era apenas a natureza humana.

Você parece cansado

Detesto quando me dizem: "Judah, você parece cansado". Trata-se de uma forma indireta de dizer que minha aparência está horrível.

"Puxa, obrigado!", gostaria de poder dizer. "Você também parece terrível!" Mas sou um pastor, e pastores não dizem às pessoas de sua congregação que elas estão com a aparência ruim.

Quando Jesus entrou em cena, as pessoas andavam estressadas e desgastadas tentando agradar a Deus. Estavam tão ocupadas se esforçando em fazer o bem a fim de serem boas que não conseguiam enxergar como a vida era boa. Não conseguiam desfrutar de Deus porque nunca alcançavam a medida exata — sempre precisavam de um pouco mais de santidade e um pouco mais de boas ações antes que Deus pudesse aceitá-las.

Elas enxergavam Deus como um legislador, um juiz, um promotor, um policial cósmico obcecado por manter as pessoas na linha. É por isso que, como discutimos antes, as pessoas reagiam com tanta veemência à aparente indiferença de Jesus ao pecado. Ele afirmava ser Deus e, no entanto, não batia no rosto de ninguém. Não saía distribuindo multas de estacionamento ou sentenças de morte. Ele apenas amava as pessoas e lhes oferecia livre e pleno acesso a Deus.

Quando Jesus disse "Vocês encontrarão descanso", as pessoas suspiraram fundo. Era uma lufada de ar fresco num ambiente abafado pela lei.

"Descanso? Sério? O que ele quer dizer com isso? Eu achava que servir a Deus era trabalho duro."

Jesus prometeu fardo leve e jugo suave, uma referência ao jugo que os lavradores colocavam nos bois e aos fardos que eles carregavam. Ele estava dizendo que veio para tornar a vida mais fácil.

Era o oposto do que as pessoas vivenciavam. Na visão delas, a lei era um jugo pesado, um fardo impossível de carregar. A religião consistia em tentar com mais afinco e realizar mais, em aprimorar as coisas pelo próprio esforço. Os bons eram os que se faziam sozinhos na vida, que sabiam trabalhar duro sem reclamar.

Parece muito com a nossa cultura de hoje. Cristãos e não cristãos são igualmente obcecados por serem boas pessoas. Compramos livros e DVDs de autoajuda, frequentamos seminários, fazemos aconselhamento, tomamos resoluções no ano-novo, pesquisamos nossos defeitos e maus hábitos no Google com a esperança de achar a cura; somos convencidos de que, se nos esforçarmos o bastante, alcançaremos a perfeição.

Estamos exaustos e necessitamos desesperadamente de descanso. Não descanso físico. Precisamos de descanso espiritual. Precisamos de paz com Deus e com nós mesmos.

O desabafo do monte

Quando Jesus disse às pessoas que ele era a fonte definitiva de descanso, acredito que algo estalou na mente delas. Veja, aquela não era a primeira vez que ele tinha falado sobre fardos e a lei. Na ocasião anterior, porém, ele não tinha sido assim tão animador. Retrocedamos alguns capítulos de Mateus.

Mateus 5 é o início do sermão mais famoso de Jesus. É chamado de Sermão do Monte, porque ele o pregou na encosta de uma montanha, de modo que a multidão pudesse ouvi-lo melhor.

A passagem a seguir poderia ter sido chamada de o Desabafo do Monte. Algo está claramente incomodando Jesus. Ele diz:

> Não pensem que vim abolir a Lei ou os Profetas; não vim abolir, mas cumprir. Digo-lhes a verdade: Enquanto existirem céus e terra, de forma alguma desaparecerá da Lei a menor letra ou o menor traço, até que tudo se cumpra. Todo aquele que desobedecer a um desses mandamentos, ainda que dos menores, e ensinar os outros a fazerem o mesmo, será chamado menor no Reino dos céus; mas todo aquele que praticar e ensinar estes mandamentos será chamado grande no Reino dos céus. Pois eu lhes digo que se a justiça de vocês não for muito superior à dos fariseus e mestres da lei, de modo nenhum entrarão no Reino dos céus.
>
> Mateus 5.17-20

Agora ele obteve a atenção de todos. Quem poderia ser mais justo que os mestres religiosos e os fariseus? Eles eram o epítome da religiosidade, o pináculo da perfeição. E faziam questão de que todos soubessem disso.

O sujeito comum balança a cabeça. "Justiça muito superior à dos fariseus? Estou em apuros!"

Jesus só está aquecendo. Não citarei o restante do capítulo aqui, mas é material da pesada. Jesus define o que significa ser justo e perfeito num nível prático e cotidiano.

Sua mensagem poderia receber o subtítulo "Mas eu lhes digo". Ele passa por uma lista de assuntos e, em cada um deles, começa com "Vocês ouviram o que foi dito..." e depois cita uma explicação comum da lei. Então ele segue com "mas eu lhes digo" e basicamente afirma que aquilo que eles haviam aprendido — embora fosse rígido — não era rígido o bastante. Deus queria mais.

Era mais que irritação comezinha. Jesus não estava sendo intransigente. Ele não estava tendo um dia ruim. Ele havia crescido naquela cultura e sabia como as pessoas se comportavam em relação aos mandamentos de Deus. Ele os tinha visto justificar a injustiça e santificar o pecado com argumentos vazios de aparência religiosa.

E ele chama a atenção deles. Naquele exato momento. Em público. Do alto de uma montanha.

Ele começa:

— Vocês ouviram o que foi dito: "Não matem".

E todos começam a pensar: "Sou bom nesse quesito aí. Nunca matei ninguém. Até queria, mas nunca matei. Sou uma boa pessoa. Estou livre dessa".

Jesus continua:

— Mas eu lhes digo: se você se irar com alguém, merece julgamento. Se chamar alguém de idiota, deve ir para a cadeia. E, se amaldiçoar alguém, pode acabar no inferno.

A multidão ficou em silêncio. Um silêncio constrangedor. Dava para ouvir uma mosca voar.

"O quê?", eles estão pensando. "Não posso nem ficar irritado com meu vizinho? Com certeza Jesus não conhece meu vizinho."

Jesus só está começando.

— Vocês ouviram o que foi dito: "Não adulterem".

Mais uma vez as pessoas respiram aliviadas. O adultério é um dos pecados grandões, do tipo sórdido, e sabem que esse elas não cometeram. "Nunca me envolvi com nenhuma dona comprometida", os

homens estão pensando. Eles olham para a esposa e lhe asseguram: "Não se preocupe, querida. Eu nunca enganaria você".

— Mas eu lhes digo: se você olhar para uma mulher com cobiça, é como se já tivesse adulterado com ela.

Um sujeito lá no fundo quase se engasga com seu pão. Ele está com um exemplar do *Jornal do Pescador* aparecendo em seu alforje. Os homens estão olhando ao redor, dizendo: "Que foi? Eu sou um homem. É o que os homens fazem. Ele não entende isso? Agora não resta um só puro entre nós. Somos todos adúlteros".

Jesus prossegue. Ele é implacável, brutal, impiedoso. Ele aborda divórcio, vingança, inimizades. Em cada caso, ele aponta que, ainda que as pessoas pensassem ser justas, estavam apenas enganando a si mesmas.

Então ele conclui assim:

— Vocês ouviram o que foi dito: "Ame seu próximo e odeie seu inimigo". Mas eu lhes digo: amem seus inimigos e orem por quem os persegue.

"O quê?", eles olham uns para os outros. "Orar por quem me ataca? Eu vou orar, tudo bem — 'Senhor, destrói todos eles!' Essa é minha oração. Do que esse cara está falando? Amar os inimigos? Isso é loucura."

As pessoas não aplaudem Jesus durante o sermão. Não berram "Amém" nem acenam seus lenços. A essa altura, elas descobriram que o desabafo "Mas eu lhes digo" não é um sermão para fazê-las se sentir bem. Não é encorajador. Na verdade, é bastante deprimente.

E, no caso de alguém ter passado pela mensagem sem ter sua autojustiça abalada, Jesus a arremata, dizendo:

— Vocês devem ser perfeitos, como o Pai de vocês no céu é perfeito.

Segue-se uma vibrante rodada de silêncio. As pessoas estão pensando: "Era muito difícil ser justo antes. Eu mal conseguia dar

conta de tudo que os fariseus me mandavam fazer. Mas isso? Isso é impossível".

Exatamente.

Essa era a questão.

Seu rosto está engraçado

O desejo de Jesus era que eles entendessem o seguinte: se tinham a intenção de viver segundo a lei, não podiam simplesmente escolher as partes de que gostavam a fim de se sentir bem. Ou seguiam toda a lei ou daria na mesma se não seguissem nenhuma parte dela.

Ele não estava sendo cruel. Estava mostrando as inconsistências deles. Na ânsia de serem bons, haviam redefinido a santidade de modo que pudessem cumprir a lei por seus próprios esforços. Haviam mudado as regras do jogo. Tinham encontrado formas de justificar a si mesmos aos próprios olhos. Tinham se iludido com a ideia de que poderiam ser perfeitos.

O grande problema não era que continuassem a pecar. Deus estava acostumado com isso. A questão era que eles se consideravam justos. Achavam que eram bons o suficiente para entrar no céu por mérito próprio. (Ao menos os "cidadãos de bem" pensavam assim — os "pecadores", como vimos no primeiro capítulo, tinham desistido havia muito tempo.) A autojustificação é um dos maiores obstáculos ao relacionamento com Deus.

Em suma, eles haviam ignorado o propósito da lei. Na visão deles, tratava-se de ser bom e fazer o bem. Mas não era o caso.

O propósito era Jesus.

No fundo, as pessoas sabiam que não eram nada justas. Sabiam que precisavam de outro caminho. Era impossível cumprir a lei. Jesus queria que elas chegassem ao limite de si mesmas para que descobrissem a graça que Deus gratuitamente lhes oferecia por intermédio dele.

Deus sabia que o povo de Israel jamais conseguiria cumprir toda a lei. É por isso que desde o início ele instituiu um elaborado sistema de sacrifícios. A lei não visava a tornar as pessoas perfeitas, mas sim levá-las a Deus.

À medida que Jesus pregava o Sermão do Monte, as pessoas iam se dando conta de que precisavam de uma justiça melhor. A santidade que possuíam não era boa o bastante. Suas tentativas de serem bons eram patéticas e cheias de falhas. O que então deveriam fazer?

Lembre-se, estamos em Mateus 5. Se você ler direto até Mateus 11, irá perceber a intenção de Jesus. Ele estava preparando seus ouvintes para o entendimento de uma verdade libertadora.

"Venham a mim", diz ele em Mateus 11.28. "Vocês estão cansados? Estão carregando um fardo pesado?" Todos que ouviam se identificavam. "Venham a mim, e eu lhes darei descanso. Meu jugo é suave e meu fardo é leve."

Era música para os ouvidos. Eles viviam tensos e estressados, lutando para viver de maneira santa, e não estava funcionando.

Já se perguntou por que alguns cristãos são tão mal-humorados? Muitas vezes, deve-se à enorme preocupação com o próprio pecado — ou com o pecado alheio —, e por isso não conseguem desfrutar da vida.

As pessoas perguntam:

— Cara, por que você está tão irritado? Seu rosto está engraçado.

— Eu não estou irritado! O que faz você pensar que estou irritado? — elas retrucam. — Acontece que eu quero muito pecar, mas não posso, então meu rosto fica assim porque estou me segurando para não pecar.

— Ei, relaxa. Um pouquinho de pecado lhe faria bem.

Em seguida, fazem a seguinte anotação mental: "Lembrar de jamais me tornar cristão".

Se a carapuça serviu, faça um favor a Deus e não saia propagando por aí que você é cristão. Não há nada mais desconfortável que um cristão constipado.

A lei para o povo de Israel não foi criada visando à lei. Ela visava a Jesus. Apontava para ele. Jesus disse aos fariseus: "Vocês estudam cuidadosamente as Escrituras, porque pensam que nelas vocês têm a vida eterna. E são as Escrituras que testemunham a meu respeito" (Jo 5.39).

Jesus era o cumprimento da lei. É por isso que ele podia dizer que veio para realizar o propósito da lei. Toda a lei, as profecias e os ensinamentos que os israelitas estudavam dia sim e dia também apontavam para Jesus.

O desejo de Deus era que as pessoas fizessem seu melhor, é claro, mas em última análise ele queria que elas entendessem que precisavam de um Salvador, de um Messias.

Os mesmos princípios permanecem válidos hoje. Deus não quer que nos esforcemos mais, trabalhemos com mais afinco e nos mantenhamos mais ocupados. Ele aprecia nossos esforços. Mas, quando resumimos a vida a fazer o bem e ser alguém melhor, quando tornamos a santidade um fim em si mesma, perdemos o propósito de vista.

Casa de hipócritas

Ser cristão não diz respeito a ser um bom cidadão. Diz respeito a relacionamento. Diz respeito à graça. Diz respeito a Jesus. O propósito da vida é Jesus.

É aí que entra em cena o verdadeiro descanso. Nunca descansaremos enquanto estivermos carregando o fardo de tentar agradar a Deus com nossas boas ações. Isso é tão impossível quanto desnecessário. Jesus era o único que poderia fazê-lo, e de fato o fez, por isso precisamos aprender a descansar em sua obra consumada.

Ouço cristãos falarem a respeito da ordem "sejam perfeitos" do versículo que lemos há pouco e dizerem: "Viu só? Com Jesus, as exigências são ainda maiores que sob a lei. Portanto, é melhor fazer alguma coisa. É melhor agilizar essa santidade. Você tem um longo caminho a percorrer, meu irmão".

Acho incrível como às vezes saímos da igreja mais obcecados por nós mesmos do que quando entramos. Esse jamais deveria ser o resultado do evangelho. Quando a pessoa ouve o evangelho, ela se torna obcecada por Jesus, pois as boas-novas apontam para ele.

"Não devemos ser iguais aos escribas e os fariseus", as pessoas dizem. "Não devemos ser hipócritas. Precisamos nos assegurar de que somos mais justos do que eles eram."

De onde tiramos essas ideias? Não nos enganemos. Já somos hipócritas. Todos os cristãos em toda parte são hipócritas. Não é minha intenção insultar ninguém, mas pense a respeito disso. Se pregamos uma coisa e vivemos outra, é hipocrisia, portanto todos somos hipócritas vez ou outra. Poderíamos muito bem renomear nossa igreja como a Casa dos Hipócritas.

No que se refere à santidade, os fariseus eram profissionais. Eles memorizavam os cinco primeiros livros do Antigo Testamento, que incluíam centenas de leis, e passavam o dia planejando e tramando como cumprir cada detalhe. Assim como os israelitas daquela época, a maioria de nós não tem a menor chance de ser tão santo quanto eles eram, muito menos de superá-los. Podemos dar nosso melhor na tentativa de agradar a Deus, mas falharemos.

Eu sou o maior dos hipócritas. A hipocrisia é um risco profissional para os pregadores, pois eles falam muito. Eu prego à minha igreja sobre a importância de amar o cônjuge e ser paciente e controlar as palavras — e, logo em seguida, saio pela porta brigando com Chelsea.

Não estou me desculpando, porque é errado e estou envergonhado de ainda ter problemas com minha boca grande. Mas não

vou adotar uma atitude de falsa humildade e dizer: "Não sou digno de ser pastor. Jamais pregarei novamente". Nunca fui digno, para começo de conversa. Não tem a ver comigo. Tem a ver com Deus, com a graça e com ajudar pessoas em minha igreja e em minha cidade a encontrar Jesus.

Segue outra confissão. Alguns anos atrás, vi pornografia. Era pornografia em forma de desenho animado japonês, para ser específico. Nem mesmo sabia que existia algo do tipo. Quem inventa essas coisas, afinal?

Em minha defesa, afirmo que não pretendia olhar. Pelo menos não de início. Eu estava no fundo do avião, atravessando o Pacífico, quando percebi que o cara à minha frente estava vendo *anime* num DVD *player* portátil. Eu gosto de arte e tinha ouvido falar de *animes* e fiquei curioso a respeito, então olhei para a tela por entre os assentos. Parecia um desenho animado inofensivo — até que as pessoas começaram a tirar suas roupas.

Por dentro eu estava pensando: "Eu não deveria estar vendo isso. Isso provavelmente é ruim". Mas continuei a ver. Só para confirmar que era realmente ruim. Assisti por cerca de quinze segundos antes de me obrigar a voltar a meu lugar.

Você talvez esteja rindo. "Quinze segundos? Qual o problema?" Ou talvez esteja escandalizado. "Ele é pastor e demorou quinze segundos para decidir desviar o olhar? Quero restituição do valor deste livro!"

O fato é que olhei, mesmo sabendo que não devia. Depois me senti péssimo. Chelsea estava sentada em outra fileira durante toda a viagem, e, quando aterrissamos, contei-lhe a história.

— Quanto tempo você olhou? — ela perguntou.

— Talvez quinze segundos.

Pausa dramática. Em seguida, ela disse:

— Tudo bem, você está perdoado. Mas é melhor ficar feliz por não ter sido vinte segundos, pois seria o fim de nosso casamento.

Acho que ela estava brincando comigo.

Isso aconteceu numa sexta, e naquele fim de semana tive de pregar várias vezes. Minha pecaminosidade me deixou frustrado. Parte de mim queria me esmurrar por aquilo que tinha feito, infligir vergonha e castigo a mim mesmo até ter provado quão arrependido estava. Quem eu pensava que era para pregar sobre Deus e santidade sendo incapaz de controlar meu olhar por quinze segundos? Talvez eu não fosse o cara certo para esse emprego.

A verdade é que a punição autoinfligida em nome da religião causa uma sensação boa, de um jeito bem doentio. Você sente que está pagando por seu pecado. É menos constrangedor assim. Você não se sente em dívida com a graça.

Todavia, é algo fútil e desnecessário. Por que insistir em pagar por aquilo que Jesus já comprou?

Naquela semana, tomei a decisão consciente de descansar na graça de Jesus e crer em seu perdão. Não era "graça engraçadinha". Eu não estava negando meu pecado. Eu não estava justificando pecado contínuo em nome da graça.

Era a verdade. Verdade bíblica, teológica, doutrinária. Eu fui declarado justo. Fui perdoado. Minha igreja e minha família não precisavam que eu me espancasse, que me recusasse a permitir que Deus fizesse uso de mim, só porque sentia que não merecia isso. Eles precisavam que eu me fortificasse "na graça que há em Cristo Jesus", como disse Paulo a Timóteo (2Tm 2.1).

Preguei um bom sermão, se me permitem dizer. Ironicamente, tratava da graça. Contei à igreja inteira sobre minha aventura de quinze segundos. Alguns deles respiraram fundo. Outros ficaram vermelhos. A maioria apreciou minha transparência. Espero que nenhum deles tenha saído e alugado pornô em desenho animado.

Eu não estava me gabando nem condenando a mim mesmo. Estava sendo honesto. Depois, falei da luta contra a condenação que todos enfrentamos. Não quero fingir que sou mais santo que ninguém.

Quero começar a descansar na justificação que está acessível de maneira gratuita e instantânea a todos nós mediante a fé em Jesus.

Não me levem a mal — não estou sugerindo que devemos nos importar menos com a santidade. Estou sugerindo que devemos nos importar mais com Jesus.

Jesus cumpre a lei por nós. Quando depositamos nossa fé nele, somos declarados justos. Não podemos invocar força de vontade suficiente para sermos perfeitos, tampouco temos de fazê-lo. Jesus já o fez. Posso dizer que cumpri a lei em sua totalidade. Realizei todas as demandas da lei no grau máximo. Não o fiz, é claro — mas em Jesus eu fiz. Jamais serei mais justo do que sou hoje.

Infinito vezes infinito

Quando Deus olha para mim, ele diz: "Esse homem é justo". É justamente quem eu sou, e não posso mudar minha identidade. Mesmo que eu passe seis dias sem orar, sou justo. Mesmo que esteja em luta com o pecado, sou justo. Mesmo que não me sinta justo, sou justo.

Algumas pessoas precisam arranjar um carimbo com a palavra JUSTO e, a cada manhã, marcar a testa com ele. Confira se as letras estão na sequência invertida, de modo que consiga lê-las na frente do espelho.

Nossas obras são boas, e Deus se agrada delas, e elas tornam o mundo um lugar melhor. Portanto, nem pense em parar de praticá-las. Só não confie nelas para obter justificação. Aí perde toda a diversão.

Jesus é infinitamente justo, e nós somos tão justos quanto ele. Assim, qualquer tentativa de nos tornarmos mais justos por meio de nossas boas obras seria como tentar ultrapassar o infinito.

Você se lembra daquela lógica da infância?

Lá estava você discutindo com seu irmão sobre qual dos dois era mais esperto.

— Sou mil vezes mais esperto que você.

— Bem, eu sou um milhão de vezes mais esperto.

— Ah, é? Eu sou infinito mais uma vez mais esperto.

— Na verdade, eu sou infinito mais um milhão. Mais um.

— Eu sou infinito vezes infinito. Rá! Quero ver ganhar dessa!

Não precisamos jogar esse jogo. Se tivermos fé em Jesus e em sua obra na cruz, somos tão justos neste momento quanto precisamos ser. Não dá para ir além nem ficar aquém disso.

Somos justos o bastante para entrar no céu, ir até o trono de Deus e lhe pedir tudo o que precisarmos. Não sou eu quem diz, é a Bíblia. "Assim, aproximemo-nos do trono da graça com toda a confiança, a fim de recebermos misericórdia e encontrarmos graça que nos ajude no momento da necessidade" (Hb 4.16).

O livro de Provérbios diz que o justo pode cair sete vezes, mas ele se levanta novamente. Entendeu? Ele é justo e, no entanto, cai. Não é seu histórico perfeito que o torna justo. O cara caiu sete vezes. É um desajeitado. É um fracasso.

O homem é justo porque Deus disse que ele é justo. Ele é justo porque confia em Deus para torná-lo justo. E, por saber que é justo, tenta realizar coisas grandiosas e malucas, e nunca desiste.

Nós temos tanta pressa para nos aperfeiçoar porque pensamos que, tão logo o fizermos, Deus nos amará mais. Mas ele jamais nos amará mais do que ama neste momento. Ele nunca nos aceitará mais do que nos aceita agora.

Deus não está com pressa para nos corrigir. Nosso comportamento não é sua primeira prioridade. Nós somos sua primeira prioridade. Amar a cada um de nós é sua principal preocupação.

Nossa luta contra o pecado é nobre e boa, mas não se deixe confundir: não estamos lutando para nos tornar justos. Nós já somos justos. Estamos simplesmente aprendendo a viver exteriormente como as pessoas que somos por dentro.

8

O sentido da vida

Se você for mesmo que só um pouco introspectivo, provavelmente já se perguntou qual é o sentido da vida. "Por que estou aqui? O que é a vida? O que me fará feliz, satisfeito e realizado?" Talvez fosse tarde da noite. Você não conseguia dormir e começou a refletir sobre a razão de viver. Talvez houvesse ocorrido uma perda ou um fracasso recente, e você se viu forçado a se perguntar o que estava fazendo de sua vida. Ou quem sabe fosse depois de um sucesso havia muito aguardado, mas você se sentia mais vazio do que nunca.

Em toda parte, as pessoas se perguntam sobre o sentido da vida, mas não chegam a um acordo sobre a resposta. Será o amor? Será que é ter uma casa legal? Será que tem a ver com filhos? Ou será que é ter um bicho de estimação? Será que é ter amigos? Será que é trabalhar duro para poder aproveitar o fim de semana? Será que é guardar dinheiro para uma boa aposentadoria? Será que são as férias? Será que é ter dinheiro no banco? Será que é contribuir com a sociedade? Será que é a paz mundial?

Passamos a maior parte da vida trabalhando furiosamente por metas que, quando alcançadas, revelam ter menos substância que uma bolacha de água e sal.

Quando se trata da busca pela felicidade, a grama do vizinho sempre é mais verde; o que nos deixa obcecados por pular a cerca. Concluímos a graduação, fazemos especializações, trocamos de

profissão e curtimos páginas do Facebook, porque sabemos que a felicidade está logo ali do outro lado da cerca.

A verdade é que somos todos como um *hamster*, passando dias numa roda que nos leva freneticamente a lugar nenhum.

A vida é um vapor

Alguns anos atrás, justo na época em que eu estava assumindo meu papel de pastor principal, nossa igreja foi perturbada por diversas tragédias.

Primeiro, um pastor muito amado de nossa igreja chamado Aaron Haskins faleceu enquanto dormia, aos 49 anos. Aaron era uma das pessoas mais queridas que já conheci, além de um grande amigo da família durante quinze anos. Ele tinha um coração enorme e era um defensor da unidade inter-racial no noroeste americano. Sua morte abalou a todos.

Meu pai faleceu um ano depois, como mencionei na introdução. Se você já perdeu um ente querido, entende meu sentimento de perda. Wendell Smith era meu herói, meu mentor e meu melhor amigo. Era um sujeito impressionante, um homem de amor, fé e generosidade sem paralelos. Agora ele havia partido; nossa igreja estava sem seu pastor, e eu estava sem meu pai.

Pouco tempo depois, o filho de Aaron Haskins, Aaron Haskins Jr., morreu subitamente de insuficiência cardíaca durante o sono. Ele tinha 29 anos. Aaron era meu amigo de infância. Cheryl, sua mãe, precisou lidar com a perda do marido e do filho num período de dezoito meses. A propósito, Cheryl é minha heroína; sua força e sabedoria naquela fase impossível foram impressionantes.

Na sequência, uma jovem de nossa igreja, uma musicista bonita, talentosa e meiga chamada Carly, deu cabo da própria vida. Ela estudava na Universidade de Washington e amava Deus e as pessoas. Sua vida parecia reluzir, o que só tornou sua morte ainda mais desconcertante.

Nossa igreja passou por inúmeras outras situações difíceis naquele período, sem falar de problemas no âmbito nacional, como a crise imobiliária e a recessão. Não vou alistar todas as tragédias, mas nós enfrentamos cada uma delas, e foi uma luta manter a igreja funcionando.

Nós, como igreja e como indivíduos, fomos forçados a refletir sobre a brevidade desta vida. É um vapor: vem e vai num breve piscar de olhos.

A vida consiste em quê? Saúde? Família? Havíamos orado com frequência e fervor pela cura de meu pai, e ele faleceu. O objetivo da religião era fazer Deus nos dar aquilo que queríamos? Ou era possível descobrir um jeito de lamentar nossa perda sem naufragar nossa fé?

Onde está o sentido de sua vida? Então você consegue o melhor cargo do departamento. Ganha o bônus ou é promovido. Casa-se com aquela pessoa linda, com quem sempre sonhou. Tem o filho que pediu a Deus. Muda-se para aquela casa maravilhosa num condomínio que desejava havia anos. Compra sua casa de praia.

É nisso que se resume a vida?

E disse o corvo

Possivelmente o livro mais estranho da Bíblia — com certeza o mais deprimente — seja Eclesiastes. O livro foi escrito por Salomão, rei de Israel e o homem mais sábio da história. Deus permitiu que Salomão tivesse tudo que alguém poderia desejar: riqueza insondável, fama mundial, poder absoluto sobre uma nação, centenas de esposas e a sabedoria necessária para administrar isso tudo. Era ótimo ter tanta sabedoria, porque com tantas sogras assim não era difícil se meter em apuros. Mas esse é outro assunto.

Salomão possuía todo o ouro, a glória e as garotas que podia desejar. E aí ele escreve Eclesiastes, um livro bastante perturbador, onde vagueia por todas as coisas sem sentido da vida. Durante a

leitura, começamos a nos perguntar se o objetivo do autor era deprimir seu leitor. Esse cara teria se dado muito bem com Edgar Allan Poe e seu corvo lúgubre.

No entanto, o livro está incluído no cânon das Escrituras. Deus o queria ali. Há verdade em suas palavras, e podemos nos beneficiar da sabedoria de Salomão.

O rei Salomão era esperto o bastante para olhar ao redor e perceber como as pessoas buscavam a felicidade de modo frenético. Milhares de anos se passaram, mas a raça humana não mudou muito desde então. Sim, daquele tempo para cá nós inventamos os aviões e o papel higiênico, mas nossa psique continua a mesma.

Então Salomão decide realizar um experimento em larga escala sobre a felicidade humana. Ele se voluntariou como cobaia, um tanto convenientemente. Sua meta, declarada no início do livro, era usar seus inacreditáveis recursos para buscar a felicidade do jeito que todos que o rodeavam faziam: mediante poder, fama, prazer e assim por diante. Ele comprou a filosofia de que nunca é possível ter o bastante de algo bom. Se um pouco de dinheiro, poder e sexo era bom, um monte disso seria a fonte definitiva do sentido da vida.

Então lá está esse homem que tinha tudo que alguém desejaria ter, incluindo a capacidade de raciocinar num nível bastante elevado. E, à medida que lê Eclesiastes, você pensa: "Qual o problema desse cara? Por que ele não está feliz?". O livro que ele escreveu narra seus sistemáticos fracassos, não importa o que ele tentasse. A cada nova potencial fonte de felicidade, ele percebe que o tempo, o acaso e a morte triunfam sobre seus esforços.

Estes são os dois primeiros versículos do livro: "As palavras do mestre, filho de Davi, rei em Jerusalém: 'Que grande inutilidade!', diz o mestre. 'Que grande inutilidade! Nada faz sentido!'".

E esse é o ponto alto do livro. Daqui em diante, meu caro, é só ladeira abaixo.

O cinismo de Salomão alveja, entre outras coisas:

1. *Inteligência.* "Pois quanto maior a sabedoria, maior o sofrimento; e quanto maior o conhecimento, maior o desgosto" (1.18).
2. *Prazer.* "Não me neguei nada que os meus olhos desejaram; não me recusei a dar prazer algum ao meu coração. Na verdade, eu me alegrei em todo o meu trabalho; essa foi a recompensa de todo o meu esforço. Contudo, quando avaliei tudo o que as minhas mãos haviam feito e o trabalho que eu tanto me esforçara para realizar, percebi que tudo foi inútil, foi correr atrás do vento; não há nenhum proveito no que se faz debaixo do sol" (2.10-11).
3. *Sabedoria.* "O homem sábio tem olhos que enxergam, mas o tolo anda nas trevas; todavia, percebi que ambos têm o mesmo destino. Aí fiquei pensando: O que acontece ao tolo também me acontecerá. Que proveito eu tive em ser sábio? Então eu disse a mim mesmo: Isso não faz o menor sentido! Nem o sábio, nem o tolo serão lembrados para sempre; nos dias futuros ambos serão esquecidos" (2.14-16).
4. *Trabalho.* "Pois um homem pode realizar o seu trabalho com sabedoria, conhecimento e habilidade, mas terá que deixar tudo o que possui como herança para alguém que não se esforçou por aquilo. Isso também é um absurdo e uma grande injustiça. Que proveito tem um homem de todo o esforço e de toda a ansiedade com que trabalha debaixo do sol? Durante toda a sua vida, seu trabalho é pura dor e tristeza; mesmo à noite a sua mente não descansa. Isso também é absurdo" (2.21-23).
5. *Poder.* "O número dos que aderiram a ele [o rei] era incontável. A geração seguinte, porém, não ficou satisfeita com o sucessor. Isso também não faz sentido, é correr atrás do vento" (4.16).

6. *Justiça.* "Há mais uma coisa sem sentido na terra: justos que recebem o que os ímpios merecem, e ímpios que recebem o que os justos merecem. Isto também, penso eu, não faz sentido" (8.14).
7. *Talento.* "Percebi ainda outra coisa debaixo do sol: Os velozes nem sempre vencem a corrida; os fortes nem sempre triunfam na guerra; os sábios nem sempre têm comida; os prudentes nem sempre são ricos; os instruídos nem sempre têm prestígio; pois o tempo e o acaso afetam a todos" (9.11).
8. *Educação.* "Cuidado, meu filho; nada acrescente a eles. Não há limite para a produção de livros, e estudar demais deixa exausto o corpo" (12.12).

Confissões de um *hamster*

Salomão, o homem mais sábio que já viveu, resume os resultados de seus experimentos no final do livro. "Agora que já se ouviu tudo, aqui está a conclusão: Tema a Deus e obedeça aos seus mandamentos, porque isso é o essencial para o homem" (12.13).

É seguro afirmar que nenhum de nós terá acesso à riqueza e ao poder absoluto de Salomão em sua tentativa de alcançar felicidade.

Mas continuamos tentando.

Em algum momento, precisamos sair da roda de *hamster* e olhar com sinceridade para nossa vida. Se não estamos felizes com nossa renda atual, nosso emprego ou nosso estado civil, nunca seremos felizes. Essas coisas são incapazes de transformar alguém infeliz numa pessoa feliz.

Isso não quer dizer que os prazeres da vida não trazem felicidade temporária. É claro que trazem. O dinheiro pode comprar felicidade. É divertido comprar coisas novas — só não é o tipo de felicidade duradoura. Assim, precisamos comprar mais coisas. Drogas e álcool nos fazem felizes — por algumas horas. Na sequência, nos sentimos mais vazios do que nunca.

A ironia é que o sentido da vida não é encontrado nesta vida. Quando Salomão diz: "Tema a Deus e obedeça aos seus mandamentos", ele está dizendo que viver não tem a ver com ser feliz. Tem a ver com Deus. O foco em Deus dá sentido à vida.

Temor não significa terror. Significa total reverência. Devemos viver num estado de reverência à magnificência, à beleza e à majestade do Criador do universo. E, nesse estado, caminhamos com ele, confiamos nele e lhe respondemos em amor.

É interessante notar que temer a Deus vem antes de obedecer aos mandamentos. Aqueles que simplesmente seguem uma lista de leis não estão reverenciando Deus. Estão presos a regras e normas e deveres. Mas, quando se apaixonam pela grandiosidade de Deus e avistam sua glória e bondade, as regras se tornam secundárias.

Para muitos de nós, isso é um pouco ambíguo. Onde está Deus? Como eu vejo Deus? Como posso reverenciar Deus?

Deus não é ambíguo. Ele não é etéreo ou indefinido. Em Jesus, Deus revela a si mesmo. Jesus é a grandiosidade de Deus, a glória de Deus e a manifestação definitiva de Deus. Ele é Deus em carne e osso.

Quando reverenciamos Jesus, quando reconhecemos sua preeminência, descobrimos o sentido da vida.

Alguns de nós nos consideramos seguidores de Jesus, mas enfrentamos um nível de complexidade e confusão que só pode remontar a uma coisa: perdemos de vista a fonte definitiva de sentido da vida.

Quando você reverencia Jesus, é impressionante como o casamento deixa de ser complicado. É impressionante como os negócios deixam de ser complicados.

A vida faz mais sentido quando não gira em torno de nós mesmos.

Somos propensos a ficar confusos e perturbados por coisas pequenas. Não parecem pequenas, evidentemente — parecem questões de vida ou morte. Como os problemas com o chefe, aquele

sujeito asqueroso e de caráter duvidoso. E, de repente, o sentido da vida passa a ser estar certo. Passa a ser a promoção para assumir o lugar dele. Você merece aquela sala, não ele. E aí você fica agitado e frustrado e, antes que se dê conta disso, perdeu o propósito de viver. Você acha que o propósito é provar que seu chefe está errado e puxar o tapete dele e duplicar sua renda.

Então finalmente você prova que o chefe estava errado. Ele é demitido, e você é promovido para o lugar dele. A sala é sua. Você está ganhando duas vezes o que ganhava. Ainda assim, você se sentará naquela mesa e descobrirá algo com que se irritar. Agora, no lugar do chefe, é o diretor da empresa que lhe causa irritação. E o ciclo continua.

Se realmente queremos descobrir o que é importante nesta vida, devemos levar em conta a eternidade. O que mais importa é o que importa na eternidade. E o que importa na eternidade não é a renda, as amizades, a fama ou o prazer. Essas coisas são boas em si mesmas. Foram criadas por Deus, e ele se alegra em nos abençoar com elas. Mas não sobreviverão à morte.

Eu amo minha esposa. Amo meus filhos. E, se me permitem dizer, gosto muito de minha casa. Mas não posso garantir que eles estarão comigo para sempre. A vida é curta e imprevisível. O tempo e a vida e o acaso conseguem bagunçar nossos planos. Salomão comprovou isso de maneira bastante vigorosa.

Você pode tomar minhas coisas. Pode tomar meu cargo. Pode tomar até mesmo minha família. Mas você não pode tomar Jesus de mim. Ele está em meu coração. Sua grandiosidade, majestade, suficiência, seu amor por mim — essas coisas durarão pela eternidade. Ele é o sentido definitivo desta vida e da vida por vir.

Ponto focal

Eu gosto de *design* interior. Não do tipo faça-você-mesmo, em que você faz aulas de restauração de mobílias e construção de deques.

As ferramentas e eu temos um acordo. Elas não me perturbam, e eu não as perturbo. No que se refere a *design* interior, prefiro o tipo compre-você-mesmo.

No *design* interior, existe um conceito às vezes referido como *ponto focal*. Cada cômodo possui um ponto focal: um utensílio, uma parede, ou um canto para onde todo o restante aponta. Quando as pessoas entram numa sala, elas são consciente ou inconscientemente atraídas a esse ponto focal.

Por padrão, o ponto focal costuma ser a televisão. Outras vezes é uma peça artística. Ou a visão de uma janela. Ou a cabeça enorme de um alce com olhos de vidro e chifres de dezoito pontas que você acertou com seu arco e flecha numa jornada de dez dias pela floresta. Ei, não é meu caso, mas eu vivo no noroeste americano, e a gente vê coisas do tipo por aqui.

Qual o ponto focal de nossa vida? Somos nós mesmos? São nossos esforços? São nossas boas obras? Ou é Jesus?

Se Jesus é o ponto focal de nossa vida, não vivemos com base no que é terreno, aquilo que é possível ver, tocar e sentir. Não precisamos nos sujeitar às paixões e às filosofias a que o mundo ao redor se apega tão firmemente. Pelo contrário, orientamos e planejamos nossa existência em torno de verdades e princípios celestiais.

Não tenho a pretensão de ser um especialista na psicologia humana. No máximo, eu seria o sujeito no divã, não o cara na cadeira fazendo anotações. Mas sou um cara de sentimentos e sei bem quando minhas emoções saem do controle — e, infelizmente, todo mundo também sabe. Descobri que, quando isso acontece, a razão geralmente é que me esqueço do que é importante. Perco Jesus de vista. Permito que as pressões e as decepções da vida se apossem de meus pensamentos.

Alguns de nós entoamos canções todos os domingos sobre como Deus é bom e poderoso. Dizemos a Deus que lhe entregamos nossa vida. Então saímos para trabalhar na segunda e nos esforçamos e

nos estressamos como se tudo dependesse de nós. Fazemos a vida girar ao nosso redor: buscamos satisfazer nossos prazeres, alcançar nossas metas, realizar as coisas por nossa força. É um dispositivo sutil e silencioso que é ligado em nossa mente de domingo para a segunda-feira, mas os resultados são nítidos: preocupação, depressão, medo, ansiedade, orgulho, raiva, impaciência, inveja, amargura, calúnia, confusão e tensão.

Não sei você, mas eu prefiro descanso, paz, clareza, alegria e propósito. Essa lista me deixa empolgado. Uma vez que Jesus é o ponto focal — uma vez que ele é o ápice da vida e o pináculo da existência —, tudo o mais faz sentido. A vida se torna simples de novo. As prioridades se encaixam no lugar, e a paz, a alegria e o descanso retornam.

"Venham a mim", Jesus nos chama hoje. "Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso."

Jesus é o sentido da vida.

JESUS É feliz.

9

Boas-novas de grande alegria

A melhor coisa relacionada à família é que ela sempre está lá por você. Ironicamente, essa é também a pior parte. Chega o Natal, e a família vem junto. É inevitável. Você pode correr, mas não pode se esconder. Não quero parecer desrespeitoso, mas tenho certeza de que você entende o que estou dizendo.

Como a família pode ser algo tão alegre e triste ao mesmo tempo? Como pode ser tão leal e, no entanto, tão... estranha?

Não estou falando de minha família, é claro — considerando que a maioria dela vai ler este livro. Estou falando da sua. Só estou tentando sentir sua dor.

A família é barulhenta. A família invade seu espaço. A família diz que você engordou desde a última visita. A família tem cheiro de pão caseiro. A família come o último pedaço da torta, aquele que você escondeu no cantinho da geladeira. A família acha bonito quando o filho dela bate no seu filho. "Ah, meu filho tirou sangue do nariz do seu garoto. Que bonitinho. Bem, sabe como é, meninos são assim mesmo."

Para alegrar sua leitura, selecionei três citações sobre a família ditas por alguns de meus teólogos favoritos. Estão na internet, por isso sei que são legítimas, já que tudo o que lemos na internet é verdade. Não é?

A primeira é do teólogo George Burns: "Felicidade é ter uma família enorme, carinhosa e íntima em outra cidade".

A segunda é minha favorita, do teólogo Jeff Foxworthy: "Se você já teve a sensação de estar na família mais desajustada do mundo, tudo o que precisa fazer é ir a uma dessas feiras estaduais, porque depois de cinco minutos ali você estará pensando: 'Quer saber? Está tudo certo conosco. Somos praticamente aristocratas'".

E, por fim, o pastor Jerry Seinfeld diz: "Não existe essa coisa de diversão para a família toda".

Tenho certeza de que isso está em algum lugar de Provérbios.

Castelos de areia

Não é minha intenção fazer piada com a família. A família é maravilhosa. A família nos proporciona um lar, uma identidade, um senso de valor. A família nos ama independentemente do que aconteça. Ela nos encoraja e acredita em nós. Quando funciona da maneira correta, acho que é a maior fonte de alegria deste lado do céu. Em última análise, porém, a família não é a chave da felicidade.

Algumas pessoas vinculam sua estabilidade — ou instabilidade — emocional à família. Se não estão felizes, acreditam que é porque vieram de uma família ruim, ou porque não têm uma família, ou porque têm um casamento ruim ou filhos ruins. Se a família vivesse em harmonia, seriam felizes.

Agimos de forma semelhante em outras áreas da vida. Pensamos: "Se eu tivesse aquele emprego, seria feliz". Ou: "Se eu ganhasse mais dinheiro este ano, seria feliz".

Todos estamos em busca de felicidade e alegria. Não importa o que cada um acredite a respeito de Deus ou da vida após a morte, todos desejamos felicidade e alegria. É um dos principais objetivos do homem. Thomas Jefferson chamou a busca por felicidade de "direito inalienável" concedido a nós por nosso Criador.

Não é errado desejar felicidade, paz e alegria. Mas o modo como o fazemos é importante. Por exemplo, meu direito à felicidade não pode envolver a privação do seu direito à felicidade. Você

provavelmente já ouviu a expressão: "O direito de mover meu punho termina onde o nariz do outro começa".

Nós, na maioria, somos decentes o bastante para não sair pisando nas pessoas para sermos felizes. Nosso verdadeiro problema é que buscamos satisfação nos lugares errados. E acabamos vazios. Assim, como Salomão em Eclesiastes, ficamos desiludidos com a vida.

A felicidade não é de fato tão vaga quanto as pessoas pensam. Contudo, precisamos partir da perspectiva correta. Temos de entender, como discutido no capítulo anterior, que Jesus é o sentido da vida.

Eis uma verdade capaz de transformar sua vida: *A felicidade verdadeira não pode ser encontrada em nada, a menos que seja encontrada antes em Deus.*

A família não pode nos trazer felicidade. Pacotes e embrulhos junto à porta não podem nos trazer felicidade. Ser uma estrela de cinema não pode nos trazer felicidade. Assinar aquele contrato não pode nos trazer felicidade. Um carro novo, uma furadeira nova, uma cafeteira nova — grande ou pequena, coisa alguma neste mundo pode trazer felicidade verdadeira, a menos que a encontremos primeiro em Deus.

Tentar encontrar a felicidade da alma agarrando-se aos pequenos prazeres da vida é como tentar construir um castelo de areia perto das ondas. Quanto mais você trabalha e se esforça, tanto mais as coisas desabam ao seu redor.

Deus quer que você seja feliz, mas a alegria precisa antes ser encontrada em Deus. A alegria tem de ser encontrada nas boas-novas de Jesus Cristo. E, quando a alegria é encontrada ali, você encontrará alegria em tudo mais.

Jesus e a alegria

As pessoas costumam ler Lucas 2.1-20 no Natal, pois a passagem narra a história do nascimento de Jesus. Existe uma pequena frase

neste relato que diz muito acerca da natureza de Deus e do evangelho. Segue a passagem completa:

> Naqueles dias César Augusto publicou um decreto ordenando o recenseamento de todo o império romano. Este foi o primeiro recenseamento feito quando Quirino era governador da Síria. E todos iam para a sua cidade natal, a fim de alistar-se.
>
> Assim, José também foi da cidade de Nazaré da Galileia para a Judeia, para Belém, cidade de Davi, porque pertencia à casa e à linhagem de Davi. Ele foi a fim de alistar-se, com Maria, que lhe estava prometida em casamento e esperava um filho.
>
> Enquanto estavam lá, chegou o tempo de nascer o bebê, e ela deu à luz o seu primogênito. Envolveu-o em panos e o colocou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria.
>
> Havia pastores que estavam nos campos próximos e durante a noite tomavam conta dos seus rebanhos. E aconteceu que um anjo do Senhor apareceu-lhes e a glória do Senhor resplandeceu ao redor deles; e ficaram aterrorizados. Mas o anjo lhes disse: "Não tenham medo. Estou lhes trazendo boas novas de grande alegria, que são para todo o povo: Hoje, na cidade de Davi, lhes nasceu o Salvador, que é Cristo, o Senhor. Isto lhes servirá de sinal: encontrarão o bebê envolto em panos e deitado numa manjedoura".
>
> De repente, uma grande multidão do exército celestial apareceu com o anjo, louvando a Deus e dizendo:
>
> "Glória a Deus nas alturas, e paz na terra
> aos homens aos quais ele concede o seu favor".
>
> Quando os anjos os deixaram e foram para os céus, os pastores disseram uns aos outros: "Vamos a Belém, e vejamos isso que aconteceu, e que o Senhor nos deu a conhecer".
>
> Então correram para lá e encontraram Maria e José, e o bebê deitado na manjedoura. Depois de o verem, contaram a todos o que lhes fora dito a respeito daquele menino, e todos os que ouviram o que os pastores diziam ficaram admirados. Maria, porém, guardava

> todas essas coisas e sobre elas refletia em seu coração. Os pastores voltaram glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham visto e ouvido, como lhes fora dito.

A frase que chamou minha atenção foi dita pelo anjo que anunciou o nascimento de Jesus aos pastores. Ele disse: "Estou lhes trazendo boas novas de grande alegria, que são para todo o povo".

Jesus e alegria são sempre um pacote fechado. E não se trata de alegria comum — é grande alegria.

"Boas-novas" é a tradução em português da palavra grega *euangelion*. (O Novo Testamento foi originariamente escrito em grego.) Essa mesma palavra também é traduzida por *evangelho* ou *pregar*, e é a raiz da palavra *evangelismo*.

Dito de outro modo, o evangelho é por natureza uma boa notícia. *Evangelho* e *boas-novas* são sinônimos. O evangelho não é uma má notícia. Não é uma notícia ameaçadora. Não é uma notícia sobre o fogo e o enxofre do inferno. É uma boa notícia. Uma grande notícia. Uma maravilhosa notícia. Não é possível separar alegria e evangelho. A alegria está embutida na própria definição do evangelho. Trata-se praticamente da mesma palavra.

A resposta para o problema da felicidade não são férias na praia, livros de piadas, horas de sono a mais ou espetáculos de comédia. A resposta para o problema da alegria é o evangelho.

A risada de Jesus

Algumas pessoas não conseguem entender como Deus e felicidade podem andar juntos. Na visão delas, religião e diversão são basicamente opostas. Veem Deus como um chato, um desmancha-prazeres cósmico, um sugador de diversão. Deus se opõe a festas e diversão e prazer, portanto Deus é a antítese da felicidade.

Nada poderia estar mais longe da verdade. Deus inventou a felicidade. Ele pôs em cena o conceito de humor. Ele criou nossa

capacidade de nos divertirmos. Ele construiu um mundo belíssimo e nos deu cinco sentidos para desfrutar dele. Nosso prazer lhe dá prazer. Se gostamos muito de ficar felizes, e se fomos criados à imagem dele, imagine quanto de alegria Deus irradia?

Jesus é feliz. Não sei qual o problema de muitas das pinturas e filmes a respeito dele, mas por alguma razão ele quase sempre parece um zumbi. Seu olhar é estranho, e ele nunca sorri. Parece tenso ou sob efeito de drogas, ou algo do tipo.

Jesus não era assim. Quer saber como eu sei? Porque as crianças gostavam de estar com ele. Crianças não gostam de gente esquisita. Elas não gostam de gente mal-humorada. E a verdade é que havia tantas crianças desejosas de se aproximar dele que os discípulos acharam que tinham de proibir aquilo.

A Bíblia diz sobre Jesus: "Amas a justiça e odeias a iniquidade; por isso Deus, o teu Deus, escolheu-te dentre os teus companheiros, ungindo-te com óleo de alegria" (Hb 1.9). Jesus era o sujeito mais feliz das redondezas. Ele contava piadas. Ele brincava com as pessoas. Ele dava risada.

Para alguns, a ideia de Jesus rindo parece irreverente, como se a felicidade o impedisse de ser santo ou algo assim. Ouvi uma frase certa vez da qual discordo: "Deus está mais preocupado com nossa santidade que com nossa felicidade". Acredito que a santidade é a chave para a felicidade, e acho que a felicidade pode ser a expressão mais pura da santidade. Sério, não é possível separar as duas.

A Bíblia está repleta de palavras como *alegria*, *bem-aventurança*, *felicidade* e *paz*. A felicidade é a consequência natural de conhecer Deus e experimentar seu amor. Vez após vez, quando a Bíblia descreve o que significa ser um verdadeiro seguidor de Deus, ela usa a palavra *bem-aventurado*. Esse termo pode ser traduzido por *feliz* ou *contente*. A fé autêntica produz felicidade, prazer, satisfação e bênção.

Pés felizes

Há uma passagem poética em Isaías 52.7 que diz: "Como são belos nos montes os pés daqueles que anunciam boas novas, que proclamam a paz, que trazem boas notícias, que proclamam salvação, que dizem a Sião: 'O seu Deus reina!'". O versículo fala de como é maravilhoso ser a pessoa que leva as boas-novas às pessoas que precisam ouvi-las. Mensageiros com boas-novas têm belos pés. Eles têm pés felizes.

É provável que a maioria dos leitores deste livro não seja composta de pastores, mas, como sou um deles, vou pegar no pé da minha raça por um minuto. Lá estava eu estudando a passagem de Lucas 2 citada há pouco, em preparação para uma mensagem de Natal alguns anos atrás, e de repente ocorreu um estalo: meu principal objetivo como pregador é declarar as boas-novas, notícias que produzem grande alegria nas pessoas.

Foi uma mudança de paradigma. Não é que antes disso eu subisse no púlpito e berrasse com as pessoas — sou um cara legal —, mas acho que tinha medo de fazer do evangelho uma pregação boa demais.

Às vezes nós, pastores, sentimos que precisamos equilibrar as boas-novas e as más-novas. Tentamos compensar as passagens muito boas com algumas mais sinistras.

"É melhor não tornar a coisa boa demais, porque do contrário as pessoas vão começar a abusar", pensamos. "Elas vão fazer mau uso. Vão entender errado. Se eu lhes disser que Deus já concluiu a obra, que ele as redimiu e as aceitou, que ele as ama e não está furioso com elas, que ele perdoa todo pecado, passado, presente ou futuro, vão começar a agir feito loucas. É melhor equilibrar a coisa."

Assim, começamos a pregar e expressar com eloquência o horror do pecado e a dissimulação do diabo, e o tempo vai passando antes de chegarmos às boas-novas. Por fim, tentamos espremê-las durante a oração de encerramento, mas aí já é tarde demais.

É como fazer o papel do mocinho e do bandido ao mesmo tempo. A congregação não sabe o que esperar de seu pastor bipolar quando ele sobe ao púlpito. Semana passada, o sermão foi sobre amor e graça, e nesta semana é sobre fogo, medo e espíritos imundos. E as pessoas ficam pensando: "Uau, parece que alguém acordou com o pé esquerdo hoje". Caso tenham convidado um visitante, pedem desculpas. "Ele não é sempre assim. Ele costuma ser mais engraçado. E... feliz". E comprometem-se a orar pelo pastor, uma vez que ele está nitidamente sob estresse.

A compreensão de que o evangelho é uma boa notícia nos ajuda a sermos pessoas um pouco mais alegres e divertidas de se estar perto. Pregar e evangelizar nada mais é que partilhar as boas-novas. Alguns de nós sentimos paixão por falar de Jesus às pessoas, mas logo as assustamos porque nunca aprendemos a sorrir. Ficamos ali divagando sobre o inferno e depois nos perguntamos por que elas não querem se envolver com nosso evangelho. Se você diz que prega o evangelho, mas não há nele nenhuma grande alegria, acredito que há algum problema com seu evangelho.

Não quero ser do tipo que se preocupa mais em saber se o sujeito fuma ou usa drogas do que se ele se sente amado. Não quero ser o pastor que prega amor e aceitação, mas evita o adolescente de rua que fica às voltas da igreja. Não quero pertencer a uma congregação que trata diferente uma mulher porque acontece de ela entrar na igreja usando um vestido que mostra um pouco demais da pele. Sabe como é, decotes não intimidam Deus. Pega essa, religião. Talvez seja o único vestido "bom" que ela possui. Talvez todas as pessoas que ela conheça usem esse tipo de roupa. Talvez ela esteja desesperada, pensando que, se não encontrar amor e alegria autêntica hoje, pode dar fim a tudo.

Não estou defendendo o desleixo ou a sensualidade na igreja, mas estou defendendo uma igreja que reflita a vida real, uma igreja onde pessoas reais com problemas reais possam vir e encontrar

esperança e alegria. Quero que as pessoas em minha igreja acolham todos: os *gays*, os héteros, os ricos, os pobres, os maus e os feios. Quero que minha igreja seja um lugar onde possam entrar pessoas de qualquer origem e com todo tipo de problemas e defeitos e vícios e amarras sem que precisemos consertá-la antes que se sentem na fileira da frente.

Esse é o evangelho. São boas-novas para todos. Não são boas-novas apenas para pessoas que já são boas, para os que são suficientemente controlados e disciplinados para manter a vida em ordem. São boas-novas para pessoas que nem sabem o que é ordem. A vida delas é uma confusão só. Mas elas podem vir até Jesus e encontrar aceitação instantânea. Sentem-se em casa antes mesmo de crer e muito antes de mudar o comportamento.

— Cara, eu não pertenço a este lugar.

— É claro que pertence.

— Não, olhe ao redor, todos estão bem vestidos.

— É só o jeito de eles se sentirem confortáveis. Não vão se importar com seu modo de se vestir. Não vão nem notar.

— Preciso sair para fumar.

— Sem problema, vou guardar seu lugar.

— Meu parceiro e eu podemos ir à sua igreja?

— É claro! Sente-se aqui comigo. Você está entre amigos.

Na mente de alguns de nós, há uma pequena voz perguntando: "Então, quando você vai levar seu amigo a Jesus? Ele precisa ser salvo!".

Aqui vai uma dica. Jesus é realmente bom em salvar pessoas. Não é o meu caso. Portanto, vou deixar que ele faça isso, se você não se importar. Só vou garantir que meu amigo saiba que ele está em casa.

Não me leve a mal. Não estou dizendo que jamais devemos falar de Jesus às pessoas. Na verdade, estou convencido de que, quando compreendemos a bondade de Deus, quando estamos cheios da alegria de sua salvação, não conseguiremos manter a boca fechada.

Falaremos de Jesus porque ele mudou nossa vida. Falaremos de Jesus movidos por amor e compaixão legítima, pois sabemos que sem Jesus estaríamos no mesmo barco e queremos que eles experimentem essa mesma felicidade.

É um jeito mais atraente do que lhes empurrar a salvação goela abaixo porque nos sentimos culpados por seu destino eterno.

Às vezes nossa abordagem me faz lembrar aquela profunda obra-prima cinematográfica chamada *Nacho Libre.*

Nacho — Estou um pouco preocupado com sua salvação. Como assim você não é batizado?

Esqueleto — Porque eu nunca tive tempo para isso, entendeu? Não sei por que você tem de sempre estar me julgando só porque acredito na ciência.

E então nos esgueiramos por trás da pessoa e afundamos a cabeça dela numa bacia cheia d'água e nos sentimos melhor. Fizemos nosso dever religioso. Mas ela não mudou. Ela não encontrou Jesus. Ela não encontrou alegria.

Portadores de más notícias

Não são só os pregadores que enfocam mais as notícias ruins. Ligue o noticiário local; há más notícias de sobra em nossa cultura e sociedade. Quando se trata da vida em geral, estamos acostumados a más notícias. Sentimo-nos confortáveis com más notícias. Muitos de nós esperamos más notícias. Conheço alguns malucos que parecem sentir prazer com más notícias. Eles procuram o mal em tudo. Se seu nível de alegria está baixo, pergunte a si mesmo que tipo de notícias você tem ouvido.

Deus vai contra a cultura. Ele traz boas notícias. O anúncio do anjo aos pastores foi a melhor notícia que este planeta já tinha ouvido. Os pastores perceberam isso. É por isso que ficaram tão empolgados.

É da natureza humana desconfiar do que parece bom demais para ser verdade. Vamos estabelecer em nosso coração, de uma vez por todas, que Jesus é bom demais para ser verdade. A salvação é boa demais para ser verdade. A graça é boa demais para ser verdade. O céu é bom demais para ser verdade.

Uma das maiores acusações contra os cristãos não é o pecado ou a hipocrisia. É nossa falta de alegria. Algo está errado quando dizemos que somos cristãos, mas praticamente temos um aneurisma ao tentar esboçar um sorriso.

Algumas pessoas se levam demasiado a sério. Elas levam tudo muito a sério: o cabelo, o fio dental, os erros do cônjuge, o trabalho escolar, tudo excessivamente a sério.

Elas levam até as piadas a sério. Você já ouviu alguém contar uma piada e depois ficar dizendo: "Oh, eu... eu não consigo... não é isso... eu errei o arremate. Arruinei totalmente a piada. Sou péssimo nisso. Por que sou assim? Oh, meu Deus. Qual o meu problema? Eu, eu arruinei a piada. Foi mal"?

Cara, é uma piada! Não leve isso tão a sério.

Algumas pessoas levam seu passado muito a sério. Levam o presente muito a sério. Levam o futuro muito a sério.

Muitas vezes essa seriedade exagerada com que levamos a vida é refletida de forma negativa no evangelho, pois o evangelho, por definição, são boas-novas. Não há nada de ruim ou triste no evangelho de Deus. São simplesmente boas notícias.

Pense a respeito. Se eu pregar sobre amor, alegria e felicidade, mas meus filhos andarem por aí tristes e abatidos, nunca olhando as pessoas nos olhos, nunca conversando com ninguém, em algum momento as pessoas vão se perguntar o que há de errado comigo. As atitudes de meus filhos são um reflexo direto de minha postura como pai.

Certas pessoas pensam que andar por aí com uma expressão grave no rosto e recitar uma lista de seus sofrimentos as tornam

mais espirituais, mas não é o caso. Isso só as torna mais desagradáveis. Certamente não faz ninguém desejar ouvir o que elas têm a dizer sobre Deus.

Eu prego boas-novas, e não vou me desculpar por isso. As boas-novas sobre Jesus produzem alegria no coração das pessoas. Elas substituem depressão, condenação e desesperança por alegria, fé e esperança.

"Estou lhes trazendo boas novas de grande alegria, que são para todo o povo." Esse é o evangelho. A alegria é fundamental. A alegria é imperativa.

Alegria do Senhor

Assim diz a Bíblia em Neemias 8.10: "Não se entristeçam, porque a alegria do SENHOR os fortalecerá". Não diz que exercícios nos fortalecerão, ou trabalho duro nos fortalecerá, ou ganhar na loteria nos fortalecerá. Não diz nem mesmo que a alegria nos fortalecerá. É a alegria do Senhor que nos fortalecerá.

Alguns de nós estamos exaustos e pensamos que talvez seja por sobrecarga de trabalho ou por horas insuficientes de sono. Então tomamos pílulas para dormir e compramos colchões inteligentes e tentamos descansar um pouco. E, ainda assim, continuamos a nos sentir letárgicos. Nossa força parece acabada.

O problema não é falta de sono; é falta de alegria. Nossa força está ligada à nossa alegria, e nossa alegria está conectada ao evangelho em que acreditamos.

Não estou promovendo falsa alegria, o tipo de alegria sorriso-para-a-câmera. Não se trata de forçar o riso e dizer coisas animadas para parecer espiritual.

"Tudo bem, estou lendo neste livro que preciso ser alegre. Porque, sabe como é, alegria é parte do evangelho. Quero parecer alguém que crê no evangelho e, se eu não rir um monte, vou fazer Deus parecer mau." Então nós rimos e sorrimos e cumprimentamos

todo mundo, mas em casa somos mais rabugentos que um ogro com dor de dente.

A alegria do Senhor é autêntica. Ela penetra o âmago do nosso ser e nos mantém num estado perpétuo de paz e felicidade. A alegria do Senhor nos fortalece, nos acalma e nos sustenta.

A verdadeira felicidade é um estado de espírito, não uma emoção passageira. Mesmo quando circunstâncias externas abalam nossas emoções por algum tempo, somos capazes de nos fortalecer ao confiar no Senhor.

Davi fez a seguinte oração, registrada no salmo 51: "Devolve-me a alegria da tua salvação" (v. 12). Muitas vezes é citada equivocadamente como "Devolve-me a alegria da minha salvação". Não é minha salvação — é a salvação de Deus. Eu não sou o originador ou o criador. É obra da graça dele. É iniciativa dele.

Existe um estado perpétuo de alegria que vem com o evangelho. Não importa que circunstâncias estejamos enfrentando no momento, quando entendemos as boas-novas, elas nos mantêm num estado constante de felicidade e alegria.

O evangelho e a alegria são um pacote fechado. É o McLanche Feliz original. Está escrito na caixa: "Alegria gratuita no interior. Não necessita de montagem".

É a graça de Deus, a alegria de Deus e a força de Deus, às quais temos completo e livre acesso. Não tem como ser melhor.

10

Conosco e por nós

Bubba Watson é um de meus melhores amigos. Conhecemos um ao outro há muitos anos. Eu gosto de golfe e, considerando que Bubba é razoavelmente um bom golfista, disputamos algumas partidas juntos.

Caso você não saiba, Bubba venceu o Torneio Masters de Golfe de 2012 e de 2014. Acabei de checar, e ele é atualmente o quarto no *ranking* mundial de golfistas. Isso significa que, de sete bilhões de pessoas no planeta, ele é o número quatro. Nos Estados Unidos, ele é o número um.

Quando jogamos juntos, Bubba e eu trazemos alguns amigos. Como você pode imaginar, muitos deles ficam incrivelmente nervosos. Eu me divirto vendo isso. Sou meio assim sem noção.

O principal motivo dessa tensão é que eles sentem a necessidade de impressionar Bubba no golfe. Isso, é claro, é risível. Seja lá o que você consiga fazer no campo de golfe, garanto que Bubba fará melhor. Sua bola de golfe, mesmo na tacada mais longa e direta de toda a sua vida, ficará no meio do caminho, acenando para a bola de Bubba enquanto ela voa e aterrissa cento e cinquenta jardas à frente.

Eu digo a meus amigos para relaxarem. Não dá para impressionar Bubba com técnicas de golfe. Não funciona. E, a propósito, Bubba não vai criticar seu jeito de jogar. Ele é melhor que isso.

Portanto, divirta-se. Aproveite o jogo. Desfrute da experiência. Dê risada de seus erros, porque eles não são importantes.

Percebo que às vezes tento impressionar Deus. Isso é engraçado, porque minha bondade é ainda mais risível que minha habilidade como golfista.

Achamos mesmo que podemos impressionar Deus com nosso amor, nossos atos de justiça, nossos admiráveis sacrifícios? Acaso Deus vai pular de empolgação lá no céu e dizer: "Incrível! Viram essa, anjos? Alguém filmou? Nem meu Filho consegue fazer isso! Uau!"?

Passamos muito tempo tentando retribuir a Deus e impressioná-lo. "Viu só, Deus? Viu o que eu fiz? O Senhor me ama mais agora? Vai responder a todas as minhas orações?".

Atenção às últimas notícias: o que quer que você possa fazer, Jesus fará melhor.

Só há uma pessoa que deixa Deus empolgado, e é Jesus. Se você deseja empolgar Deus, confie em Jesus. Quando você confia em Jesus, sua vida está escondida em Cristo. Você fica envolto em Jesus. Quando Deus olha para você, ele vê o Filho. É aí que ele diz: "Uau!".

Deus não critica nosso desempenho. Ele não julga nosso comportamento. Ele não mantém uma lista de nossos pecados para conferir no futuro. Isso tudo ficou para trás quando depositamos nossa fé em Jesus. Essas são as boas-novas, porque agora podemos desfrutar da vida. Jesus o fez — e ele era feliz. Sem dúvida, houve momentos em que ele se sentiu triste, mas mesmo em sua tristeza ele tinha confiança inabalável no amor do Pai.

Faça parte, creia, comporte-se

Uma das razões de o evangelho ser tão bom é o fato de dizer muito mais a respeito de Deus que de nós. Isso é uma boa notícia, porque Deus é muito mais confiável.

Parte de nosso problema é que pensamos demais em nós mesmos. Quanto mais somos obcecados por nossos problemas, fraquezas e defeitos, mais os perpetuamos. É irônico, mas é verdade.

O evangelho não é uma lista de dezessete coisas a fazer para alcançar Deus. Isso seria má notícia, porque encontraríamos um jeito de estragar tudo.

O evangelho é Deus nos estendendo a mão. É por isso que são de fato boas-novas. O incrível é que, quando enfocamos a bondade, o poder e a graça de Deus, aquelas dezessete coisas começam a acontecer em nossa vida, tudo por conta própria. Mal percebemos o que está acontecendo, mas os resultados são evidentes. Começamos a mudar; começamos a ser mais parecidos com Jesus.

O evangelho é o oposto da religião, pelo menos a religião em que muitas pessoas vivem. A religião diz que a obediência traz aceitação. O evangelho ensina o oposto: a aceitação traz obediência.

A religião diz: "Comporte-se bem, creia, e você fará parte". Essa é a ordem que muitas pessoas passam a vida toda conhecendo. "Primeiro tenho de agir direito, pensar direito e falar direito, então me encaixarei. Aí sim farei parte."

O evangelho diz o oposto: "Faça parte, creia, então comporte-se bem". Outra forma de dizer isso é: "Graça maravilhosa, fé grandiosa e boas obras".

O apóstolo Paulo diz:

> Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie. Porque somos criação de Deus realizada em Cristo Jesus para fazermos boas obras, as quais Deus preparou antes para nós as praticarmos.
>
> Efésios 2.8-10

Preste atenção à ordem divina. Primeiro vem a graça, depois vem a crença, então vêm as boas obras. Muitos de nós invertemos

isso em nossa mente. Pensamos que nossas boas obras vêm primeiro. Temos de impressionar Deus para que ele nos aceite. Temos de fazer por merecer. Assim, ficamos obcecados por nosso currículo espiritual e tentamos mostrar ao Deus que inventou a física quântica quanto somos espertos.

Muitos de nós nos apaixonamos por essa filosofia que chamamos de evangelho, mas que na realidade é religião. São obras vazias. E pensamos: "Grande alegria? Com quê? O evangelho é puro esforço!".

Ainda vivemos com base na ideia de que, porque obedeço, sou aceito. Não há alegria nisso. Certamente não há nenhuma maravilha nisso. O que há de maravilhoso na ideia de que sou aceito porque me comporto bem? Esse é o modo de pensar normal do ser humano. É assim que a sociedade e a cultura funcionam. Não admira que não haja grande alegria relacionada ao evangelho em que afirmamos crer.

Algumas pessoas tratam a vida como se fosse uma partida de classificação para o Torneio de Golfe Celestial. Se jogarmos bem o suficiente, se impressionarmos o Cara com nossa técnica e nosso desempenho, se nos sairmos melhor que a maioria dos outros cristãos, entraremos no céu. Mas é claro que cometemos erros já nas primeiras tacadas e passamos o restante da partida loucos da vida por termos estragado tudo.

Deus não quer que façamos a vida girar em torno de nossos esforços amadores em busca da santidade. Ele quer que desfrutemos a vida. Só temos uma vida, afinal. O pecado tentou arruiná-la, e o diabo tentou roubá-la, mas Deus desceu por iniciativa própria, por seu poder, com base em sua justiça, motivado por seu amor, e nos salvou. Isso sim são boas notícias! Se isso não deixar você empolgado, é melhor começar a comprar um caixão, pois você já deve estar morto.

Feliz e santo

Tudo isso não quer dizer que devemos permanecer no pecado. Por que desejaríamos isso? Por que decepcionaríamos intencionalmente aquele que tanto nos ama? Quão ridículo seria pecar de propósito, sabendo que o pecado custou a vida de Jesus, produz dor e morte e sabota a vida feliz e abençoada que Deus criou para nós!

Os mandamentos de Deus são todos motivados por seu desejo de nossa felicidade, por seu desejo de nos proteger e nos abençoar. Mesmo sua correção e suas repreensões são provas de seu amor.

Quando seguimos o evangelho verdadeiro, até mesmo os mandamentos e as restrições de Deus trazem alegria a nosso coração. Eles nos mostram o caminho da vida. Eles nos ensinam a evitar armadilhas. Eles nos dão sabedoria.

Quando deixamos de ser inseguros em relação a nosso desempenho e passamos a confiar na obra consumada de Jesus, ficamos livres para viver um novo tipo de santidade. É uma santidade motivada internamente, uma santidade capacitada pelo amor, não pela culpa. "Porque nisto consiste o amor a Deus: em obedecer aos seus mandamentos. E os seus mandamentos não são pesados. O que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé" (1Jo 5.3-4).

É incrível, de fato — quando deixamos Jesus nos amar e aprendemos a amá-lo de volta, a santidade acontece. Mas, quando nos fixamos em nosso pecado... aquela outra coisa acontece. Você sabe o que quero dizer. Eu li no adesivo de seu carro.

Eu acho que *cristão mal-humorado* deveria ser uma contradição em termos. Como declarei antes, a santidade resulta em felicidade, e a felicidade é uma expressão da santidade. As duas andam juntas. Sou mais feliz porque sou santo, e é mais fácil ser santo porque sou feliz. Por causa das boas-novas, por causa de Jesus, posso ser santo e feliz — e isso é incrível!

Você está falando conosco?

O evangelho é uma boa notícia porque pode ser sintetizado na expressão "Deus conosco". Mateus 1.23 cita uma passagem profética do Antigo Testamento: "A virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e o chamarão Emanuel, que significa 'Deus conosco'".

Esse é o evangelho: Deus está conosco. Jesus é Deus encarnado, aqui na terra, andando com gente pecaminosa.

É fascinante saber que as primeiras pessoas a ouvirem sobre o nascimento de Jesus eram pastores. Devido à natureza de seu trabalho, os pastores eram incapazes de cumprir partes da lei cerimonial religiosa, incluindo as rigorosas práticas de lavar as mãos. Com efeito, eram desprezados pelos religiosos da época, pois nunca podiam cumprir a lei por completo.

O anjo veio àqueles que não poderiam cumprir a lei e lhes disse que alguém veio para cumprir a lei por eles.

— Você está falando conosco? — os pastores devem ter perguntado ao anjo.

— Sim, com vocês, seus transgressores da lei! Essa criança nasceu para vocês. Ela é um presente para vocês. Ela é por vocês. Ela está com vocês.

Não é de admirar que os pastores estivessem tão empolgados. Eles estavam pensando: "Será que foi um erro? Aposto que eles pretendiam ir à casa de um dos rabinos. Talvez o GPS deles estivesse com defeito ou algo assim. Nós nem mesmo guardamos a lei — por que eles vieram até nós?".

Para realmente apreciar o significado da expressão "Deus conosco", é preciso entender que os pastores viviam num tempo em que Deus não estava prontamente acessível. Mas agora, de repente, ele estava entre eles. Um Deus santo, justo e perfeito havia descido para viver com os pecadores, com pessoas incapazes de cumprir a lei. Eles podiam vê-lo, podiam ouvi-lo, podiam tocá-lo. Ele estava com eles.

Apesar de Jesus estar no céu agora, nós vivemos sob uma nova aliança, um novo acordo entre Deus e o homem, instituído por Jesus mediante sua morte e ressurreição. Não vivemos sob a lei, que mantinha Deus e o homem separados. A nova aliança que Jesus instituiu diz que Deus sempre estará *conosco*. É a promessa dele à humanidade. Ele está sempre disponível para nós.

Essas são as boas-novas do evangelho.

JESUS É presente.

11

Aquele a quem amas

Alguma vez, no calor do momento, você disse algo de que depois se arrependeu?

Chelsea e eu nos casamos mais de uma década atrás. Alguns meses antes, passamos por aconselhamento pré-matrimonial, que supostamente prepara o indivíduo para o casamento. Como se alguma coisa pudesse nos preparar para o casamento.

A propósito, minha pergunta favorita para casais de noivos é a seguinte: "Vocês estão prontos para se casar?". Em geral, o sujeito abre a boca e diz: "Sim!". E você sabe com certeza que ele definitivamente não está pronto.

Numa tentativa de nos preparar para o casamento, Chelsea e eu lemos um livro chamado *As 5 linguagens do amor*, do dr. Gary Chapman. Foi bastante útil.

O dr. Chapman diz que toda pessoa tem uma ou mais "linguagens do amor". Demonstramos nosso amor às pessoas usando essas linguagens e nos sentimos amados quando outros usam as linguagens de nossa preferência. As cinco linguagens são: atos de serviço, palavras de afirmação, presentes, toque físico e tempo de qualidade.

Cada pessoa tem uma principal linguagem do amor, diz o livro. É possível, por exemplo, ter um *top* três. Meu *top* três é o seguinte: palavras de afirmação, toque e depois toque de novo. Com certeza alguns homens se identificam comigo.

Na infância, eu era muito influenciado por minha mãe e minha irmã mais velha. As três principais linguagens do amor de minha mãe são atos de serviço, atos de serviço e atos de serviço. Não há o que discutir. As linguagens de minha irmã também são bem fáceis de descobrir: presentes, presentes e presentes. Tendo crescido com essas mulheres, comecei a pensar: "É disto que as mulheres gostam: atos de serviço e presentes".

As 5 linguagens do amor diz ainda, e me parece verdadeiro, que tendemos a oferecer o tipo de amor que desejamos. Então lá estou eu no primeiro ano de nosso casamento, derramando palavras de afirmação. E estou tentando tocar minha esposa, sabe como é, e ficamos brincando de pega-pega. E estou dando presentes e comprando coisas, e não parece surtir efeito.

Certa tarde, as coisas chegaram a um ponto crítico.

Cheguei em casa depois de ter jogado golfe, se bem me lembro. Tinha feito uma boa partida e estava pensando: "Esta vai ser uma noite ótima. Vamos jantar e depois fazer algo diferente, e vai ser incrível!".

Então eu entro em casa e imediatamente percebo que Chelsea parece um pouco distante, meio desligada. Por fim, começo a perguntar:

— Querida, há algo errado? Qual o problema?

— Nada, não tem nada errado. Nadinha.

Pois é, quando uma mulher diz que não há nada errado, significa que está tudo errado; ela só não sabe por onde começar. Descobri isso do jeito mais difícil, portanto confie em mim.

— Nada.

Ah, sim, acredito.

Então continuo a pressionar.

— Não, querida; sério, o que há de errado?

A situação começa a crescer. Ela fica emotiva. Permaneço estável, sabe como é, mas ela sai de si. Tudo bem, talvez seja o oposto.

Continuo a insistir. Minha voz deve ter alcançado outra oitava.

— Ei, qual o problema? O que eu fiz? Pode falar!

— Não é o que você fez.

Agora eu fico tipo "O quê? Então é quem eu sou?". E me sinto confuso. É como se ela estivesse dando sinais que não consigo entender. Estou cada vez mais frustrado, até que ela finalmente deixa as coisas bem claras, pois sou homem e preciso que desenhem para mim.

— É que sinto que não passamos tempo suficiente juntos.

— Como assim? Estamos juntos neste exato momento. Dormimos juntos. Vivemos juntos. Comemos juntos. O que mais você quer, afinal?

— Não passamos tempo de verdade juntos.

Foi então que, no calor do momento, as palavras saíram. Não sei se eu pretendia dizê-las, mas escapuliram mesmo assim.

Avance o tempo. Recentemente eu estava preparando uma mensagem e disse a Chelsea:

— Preciso de uma ilustração de algo que eu disse no calor do momento e de que depois me arrependi.

Sem hesitar, ela disse:

— Ah, sei o que é! Sei bem. Por que você não diz à igreja sobre aquela ocasião, anos atrás, quando estávamos na sala e você disse: "Por que você não pode ter outra linguagem do amor em vez de tempo de qualidade?". Diga isso para eles.

— Meu Deus, mulher, vá se tratar! Você precisa de aconselhamento. Isso foi há uma década. Sou uma pessoa melhor agora.

Ou seja: "Eu não digo mais coisas desse tipo. Agora eu só penso nelas".

Brincadeirinha.

Não muito, na verdade.

De volta à nossa experiência de recém-casados.

— Não passamos tempo de verdade juntos — diz minha esposa.

— Sério? — Estou irritado agora. Isto é, o nível de minhas emoções subiu até o teto. — Sério mesmo? Você não pode ter outra linguagem do amor em vez de tempo de qualidade? Seja como minha irmã: a gente dá um presente e não precisa passar tempo com ela durante uns três meses. Não é maravilhoso?

Não deu muito certo. Ainda estou pagando por essa.

Talvez você tenha agido da mesma forma. Você está no calor do momento e não quer dizer aquilo, mas algo brota em seu interior e transborda de sua boca. A Bíblia diz que a boca fala daquilo que o coração está cheio. Sigmund Freud diz a mesma coisa com outras palavras, o tal do ato falho.

No calor do momento, aquilo em que você realmente acredita salta para fora. O que você de fato deseja dizer escapa, e você não consegue trazer de volta. Pode ser doloroso ou constrangedor, mas também revelador.

Aquele a quem amas

Em João 11, há uma história comovente sobre três irmãos: Marta, Maria e Lázaro. A maioria dos estudiosos acredita que Marta era a mais velha, Maria a do meio e Lázaro o caçula. Interessante notar que não há nenhuma palavra de Lázaro registrada nas Escrituras. Aparentemente suas irmãs mais velhas tomavam conta da conversa. Pobre sujeito.

Nesta passagem, Marta e Maria se encontram no calor do momento. A vida do irmão corre risco. Assim narra a Bíblia:

> Havia um homem chamado Lázaro. Ele era de Betânia, do povoado de Maria e de sua irmã Marta. E aconteceu que Lázaro ficou doente. Maria, sua irmã, era a mesma que derramara perfume sobre o Senhor e lhe enxugara os pés com os cabelos. Então as irmãs de Lázaro mandaram dizer a Jesus: "Senhor, aquele a quem amas está doente".

> Ao ouvir isso, Jesus disse: "Essa doença não acabará em morte; é para a glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por meio dela". Jesus amava Marta, a irmã dela e Lázaro.
>
> João 11.1-5

Além de seus discípulos, Marta, Maria e Lázaro eram talvez os melhores amigos de Jesus. Ele os amava profundamente.

O fato de que Jesus tinha amigos pode surpreender quem pensa que ele flutuava no ar e só tinha tempo para curar pessoas e pregar. Ele era um sujeito de aparência comum e jeito de agir normal. Só que ele curava doentes, ressuscitava mortos e nunca pecava. E ele era Deus. Detalhes.

Nessa história, Lázaro está a horas da morte. Está no limiar da vida. Marta e Maria, como era de esperar, estão se apresentando em favor do irmão. Elas precisam chamar a atenção de Jesus. Só têm uma oportunidade de convencê-lo. Precisam do melhor argumento, do apelo mais direto. Então escrevem um bilhete. Tem de ser um bom bilhete — a vida do irmão depende disso.

É o calor do momento, e elas não estão preocupadas em ser educadas e corteses e prolixas. Aquilo em que realmente acreditam está prestes a ser revelado. Como vão apelar a Jesus? Qual será sua súplica?

Agora, se estivéssemos no lugar delas, muitos de nós teríamos começado a listar todas as coisas boas que Lázaro havia feito. Falaríamos de como ele amava e admirava Jesus e como era um cidadão exemplar que não merecia morrer.

Não foi o caso de Marta e Maria.

Elas sabiam o que comoveria o Mestre.

— Senhor, aquele a quem *amas* está doente.

Foi essa a percepção que brotou do coração delas. Jesus amava Lázaro.

Não foi o amor delas por Jesus, nem o amor de Lázaro, nem suas boas ações que comoveram Jesus. Era inútil recitar uma lista de

feitos de seu irmão. Não foi isso que mobilizou o coração de Jesus, mas sim seu amor. Foi seu desejo de abençoar, curar e restaurar.

A sequência da história diz que Jesus respondeu ao pedido de Marta e Maria e se dirigiu à casa delas. Quando chegou, porém, Lázaro já estava morto. Isso não o incomodou — ele sabia que aquilo iria acontecer. Ele simplesmente ressuscitou Lázaro dentre os mortos. Vale a pena ter amigos assim.

João, um dos discípulos de Jesus, registrou a história. João entendia a importância do amor de Jesus. Cinco vezes em seu livro ele chama a si mesmo de "o discípulo a quem Jesus amava". Ele nem mesmo usa seu nome. Apenas se gaba de ser o favorito de Jesus.

Ele era o favorito de Jesus? Não sabemos. E na verdade não importa, pois ele acreditava que sim. E havia algo estranhamente saudável nessa percepção. Todos nós somos favoritos de Deus.

Alguns poderiam chamar as declarações de João de arrogantes, mas ele não se importava. Nem Deus, aparentemente — elas estão em seu livro, afinal. João definia sua identidade por meio do amor de Jesus. Acho isso fascinante.

Décadas mais tarde, João escreveu cartas que também fazem parte da Bíblia. Elas são manifestos do amor de Deus por nós. Segue um exemplo:

> Foi assim que Deus manifestou o seu amor entre nós: enviou o seu Filho Unigênito ao mundo, para que pudéssemos viver por meio dele. Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados.
>
> 1João 4.9-10

João descobriu algo observando Jesus. Não se trata de quanto amamos a Deus. Trata-se de quanto ele nos ama.

Essa pequena verdade transforma nosso modo de pensar, falar e orar. Para muitos de nós, a vida diz total respeito a quanto podemos

realizar. Trata-se completamente de nossos planos, trabalhos, méritos e feitos. É gratificante para o ego, mas em última análise é um beco sem saída. Entramos em situações das quais não conseguimos sair, necessitados de favores que não merecemos. Quando fazemos a vida girar a nosso redor, perdemos bem rápido nossa perspectiva.

Marta e Maria eram duas dentre os principais amigos de Jesus. João, segundo estudiosos, era possivelmente o discípulo mais íntimo de Jesus. Ao que parece, as pessoas mais próximas de Jesus tinham uma consciência avassaladora do amor dele. Acho que devemos captar a mensagem.

Contar-te-ei quanto

A mensagem que Marta e Maria enviaram era uma súplica, uma oração. E repare no fundamento de sua oração: "aquele a quem amas".

Você pode descobrir muita coisa sobre aquilo em que realmente acredita quando presta atenção à sua oração, quando ouve suas palavras no calor do momento. Quantas vezes fiz oração como esta: "Ó Deus, preciso de ajuda. Sou fiel. Ajudo pessoas. Sou generoso. Sou santo. Leio a Bíblia. E estou orando bem, mas bem alto mesmo, com palavras imponentes e versículos bíblicos e louvor em alta quantidade. Então vamos lá, Senhor, me ajude com minha necessidade".

Em outras palavras: "Senhor, com base no que faço, agora, por favor, faça isto...". Achamos que isso comove Deus. Não, o que faz Deus agir é seu Filho. O que move Deus é o amor dele.

Um dos poemas amorosos mais famosos de todos os tempos, o Soneto 43 de Elizabeth Barrett Browning, começa assim: "Como te amo? Contar-te-ei quanto".

Não conte quanto você ama a Deus; conte quanto ele ama você. Nosso amor empalidece em comparação ao dele. Portanto, quando orar, ore como Marta e Maria: "Jesus, aquele a quem amas precisa de ti".

Estava me sentindo cansado uma tarde dessas. Não era nada de mais, mas tinha algumas coisas a fazer naquela noite e realmente precisava de força. Então fiquei sozinho alguns minutos e disse: "Senhor, aquele a quem amas está cansado. Dá-me energia".

Foi um jeito muito revigorante e saudável de orar. Foi incrível. Comecei a pensar: "Uau, isso foi demais. Estou me sentindo ótimo".

Ele é movido por seu amor. Lembre-o do amor que ele tem por você.

"Senhor, aquele a quem amas está precisando pagar as contas este mês. Não consigo fazê-lo, mas sou teu favorito. Sou aquele a quem amas, portanto ajuda-me com minhas contas, Senhor."

Isso é bem melhor que tentar falar com Deus tendo por base as obras ou os méritos pessoais.

Talvez você esteja pensando: "Eu não conheço Jesus de verdade. Sou um péssimo exemplo de seguidor de Jesus".

Ninguém é pior que os outros nesse tipo de oração. A base é o amor dele, não o nosso. Não temos ideia de quão profundo é o amor dele por nós. Não importa quem você seja ou do que precise, tente fazer essa oração. Oro para que seu coração irrompa em entendimento e revelação do maravilhoso amor de Deus por você.

"Deus, por eu ser objeto de tua obsessão, por ser aquele a quem amas, vem agora e cuida de minhas necessidades."

Qual o ponto central da Bíblia? O homem amando a Deus ou Deus amando o homem?

Muitos responderiam no automático: "É o homem amando a Deus. É o homem deixando para trás um estilo de vida pecaminoso e se voltando para Deus". E mesmo que não digamos isso, é nisso que acreditamos — basta olhar para nosso modo de orar e de agir.

E estaríamos errados.

Todos os 66 livros da Bíblia, todos os mais de 40 autores ao longo de 1.600 anos, apontam para a mesma coisa: o amor de Deus pela humanidade.

Se você for como eu, vez após vez sente-se obcecado por suas inconsistências e seus defeitos, por seu amor por Jesus ou a falta dele. Contudo, se passássemos mais tempo na Bíblia, descobriríamos que ela trata sobretudo do amor de Deus por nós. Na verdade, o amor de Deus criou nosso amor.

Vou dizer uma coisa louca: o amor de Deus é tão extravagante e inexplicável que ele nos amou antes mesmo de sermos quem somos. Ele nos amou antes que existíssemos. Ele sabia que muitos de nós o rejeitaríamos, o odiaríamos, o ofenderíamos e nos rebelaríamos contra ele. Ainda assim, ele escolheu nos amar. Deus nos ama porque ele é amor.

A mensagem está clara nas Escrituras. O evangelho diz respeito a Deus amando o homem, quer esse amor seja recíproco, quer não. João, "aquele a quem Jesus amava", disse: "Nós amamos porque ele nos amou primeiro" (1Jo 4.19).

A razão de estarmos interessados em Deus é que ele está seguindo nosso rastro. Somos seus favoritos, e ele nos busca apaixonadamente. Ele não nos ama como um amigo, um tio ou uma tia, nem mesmo como um pai. Seu amor é muito mais perfeito que qualquer amor terreno.

Na verdade, não compreenderemos plenamente seu amor enquanto não adentrarmos a eternidade com ele. E, quando chegarmos à eternidade, seremos desfeitos. Seremos arrebatados e vencidos e consumidos pela enormidade de seu amor.

Imagine isso na próxima vez que orar, na próxima vez que falhar, na próxima vez que enfrentar uma situação difícil — revolucionará sua vida.

Vá em frente e tente descrever a altura, o comprimento, a amplitude e a profundidade desse amor. Nossas metáforas empalidecem em comparação. Temos casamento, filhos, amigos, mas nada se compara ao amor de Deus por nós.

Nunca conheci alguém que exagerasse o amor de Deus. Nunca. É impossível. Ele nos amou primeiro, ele nos amou melhor e ele nos amará para sempre.

Como ele me ama?

Passarei o resto da vida a contar.

12

Sou feliz

As últimas palavras de uma pessoa costumam ser significativas. Quer estejam partindo para uma longa viagem, quer em seu leito de morte, elas usam seus últimos momentos para dizer aquilo que lhes é extremamente importante.

Os últimos capítulos de Mateus descrevem a crucificação e a ressurreição de Jesus, assunto que discutirei adiante. O capítulo 28 registra algumas das últimas palavras de Jesus na terra. Ele está prestes a deixar seus discípulos e retornar para o céu. Os discípulos, obviamente, têm sentimentos variados a respeito. Estão cheios de alegria por Jesus estar vivo, mas agora ele está indo embora outra vez.

Consciente de que não os verá novamente nesta vida, Jesus os deixa com diversos pensamentos importantes. Ele não está falando apenas com eles, é claro — está falando conosco. Suas últimas exortações a seus seguidores são tão válidas hoje quanto eram dois mil anos atrás.

De todas as coisas que Jesus provavelmente disse naquele dia, Mateus, o cobrador de impostos que se tornou discípulo, escolheu finalizar seu livro com as seguintes palavras: "E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos". Claramente essa promessa significava muito para ele.

Sempre com vocês

Tenho certeza de que Mateus estava inconsolável com a ideia de perder Jesus, especialmente após a pancada emocional que foi vê-lo crucificado e depois vivo novamente. Jesus havia alterado o curso da vida de Mateus de forma indelével. Porque Jesus acreditou nele, porque Jesus separou tempo para ele, Mateus passou de um notório pecador para um dos doze discípulos do Messias. Agora Jesus estava partindo fisicamente, mas prometia estar sempre ali por eles — e aqui por nós.

O que isso quer dizer? Não podemos vê-lo. Não podemos ouvi-lo. Não podemos conversar com ele, nem abraçá-lo, nem rir ao seu lado, pelo menos não no sentido físico. Quando Jesus disse que estaria com seus discípulos, não se referia a estar fisicamente presente. Isso seria impossível, porque, embora fosse Deus, ele havia assumido a forma humana e se limitado a estar num lugar por vez.

Muito antes de ser crucificado, Jesus disse a seus discípulos que um dia morreria, mas retornaria dos mortos e voltaria para o céu. Eles se recusaram a acreditar. Chegaram a repreendê-lo por ser tão negativo. Ele, porém, lhes assegurou de que era melhor assim. Disse que Deus enviaria o Espírito Santo, que seria consolador, conselheiro e mestre para eles.

O Espírito Santo é talvez o membro menos compreendido da Trindade, termo que descreve a forma de a Bíblia revelar Deus para o ser humano. As Escrituras ensinam que Deus é um só Deus que consiste em três pessoas: o Pai, o Filho (Jesus) e o Espírito Santo. Cada pessoa é distinta e plenamente Deus, porém só existe um Deus. É por isso que Jesus podia ser Deus ao mesmo tempo que se referia a seu Pai como Deus e prometeu que estaria sempre presente com eles por meio do Espírito Santo, que era Deus.

Confuso? Tudo bem. Deus quis assim. Ele não fica com crise de identidade porque não o compreendemos plenamente. Nós, humanos, somos limitados por nossa experiência e sistema de

referência, de modo que temos dificuldade de entender um ser infinito. Na verdade, isso é um eufemismo. Não é difícil entender Deus plenamente. É impossível. Se pudéssemos entendê-lo, ele não seria Deus.

É interessante notar como as pessoas tentam redefinir Deus a seu bel-prazer. Elas o rebaixam até seu nível a fim de que possam entendê-lo e depois rejeitá-lo porque ele é muito parecido com elas.

A criança tem mais facilidade com isso, porque para a criança o mundo é um total deslumbre. Acredito que nós, adultos, precisamos de mais deslumbre em nossa vida. Precisamos relaxar um pouco e nos permitir simplesmente reverenciar Deus.

A vida de alguns de nós, neste exato momento, anda fora de ordem. Talvez estejamos enfrentando problemas, dores, doenças ou crises financeiras e sabemos que precisamos ser renovados em nossa perspectiva pela magnitude e majestade de Jesus. Precisamos reverenciar Deus, não os nossos problemas.

Jesus é a ressurreição e a vida. Jesus é o rei vitorioso de todas as eras. Jesus governa e reina e ele é soberano, grandioso, majestoso, poderoso e capaz de nos ajudar em nossos problemas.

Jesus nos trouxe a presença de Deus de modo permanente. Como mencionado antes, o pecado já não é uma barreira como nos dias de Moisés e da lei. Não precisamos implorar a Deus que venha até nós. Não precisamos lhe suplicar que preste atenção em nós. Ele está conosco o tempo todo.

Jesus está com você no lar, no trabalho, nas fraquezas, nas tentações e nos fracassos. Pode ser que você esteja enfrentando a situação mais difícil de sua vida, mas tenha a certeza de que Deus está do seu lado. A voz dele acalma a tempestade e lhe dá descanso.

Jesus não está do seu lado apenas quando as coisas vão bem e você está cheio de fé ou vivendo em santidade. Ele o amava quando você o odiava, e ele o ama agora. Ele está completamente

apaixonado por você. Ele está com você não por quem você é, mas por quem ele é. O amor dele é incondicional e avassalador. Ele é seu advogado, seu defensor e seu maior apoiador.

Nenhum problema é grande demais, nenhum fracasso é tão permanente e nenhum inimigo poderoso o bastante de modo que Jesus não possa lhe dar vitória. Jesus fala conosco hoje, assim como falou com seus discípulos tanto tempo atrás.

"Eu estarei sempre com vocês."

Por que você está aqui?

Você já recebeu uma visita inesperada em sua casa? É hora do jantar, e você está se preparando para sentar e comer, e então ouve a campainha. Abre a porta e lá está aquele seu amigo.

Você diz:

— E aí.

— E aí, sou eu.

— Opa. Legal.

E você vasculha freneticamente em seu cérebro tentando lembrar se convidou seu amigo e acabou esquecendo ou algo assim. Por fim, pergunta:

— Então, por que mesmo você veio para cá?

— Como assim? Eu vim para cá, ué.

— Você veio para cá? Então, minha família, nós estamos jantando e...

— Legal. Legal.

— Ah, então você veio para comer?

— Não, só resolvi aparecer.

Estranho assim.

Temos de perguntar a nós mesmos: Por que Jesus está conosco?

É aí que chegamos ao próximo nível, e muita gente não consegue entender. As pessoas concordam que Deus está com elas, mas não sabem por quê.

A Bíblia é enfática ao declarar que Deus está conosco *porque Deus é por nós.* Ele está aqui para nos pôr de pé e nos animar. Ele está aqui para prover, proteger e capacitar.

O apóstolo Paulo deixa isso bem claro:

> Que diremos, pois, diante dessas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós, como não nos dará juntamente com ele, e de graça, todas as coisas?
>
> Romanos 8.31-32

Algumas pessoas ainda discutem isso. É incompreensível para mim. Por que você discutiria que Deus não é por você?

Bem, dizem eles, às vezes ele entra em cena com a ira divina, e com julgamento, e com...

Calma lá. Você quer me dizer que não acha que Deus é por você, mesmo ele tendo entregado o próprio Filho por sua causa? Ele é tanto por você que morreu em seu favor! De que outra prova você precisa?

Meu pai costumava dizer às pessoas: "Quanto Deus precisa ser bom para você antes de você ser feliz?". Não é uma declaração condenatória. É um chamado para despertar. Temos um Deus bom e um bom Salvador. Nossa vida é boa. Temos muito por que ser gratos e felizes.

Algumas pessoas chegam ao ponto de pensar que Deus se agrada do nosso sofrimento.

"Sim, é bom que vocês sofram. Ponham-se de joelhos. Aprendam a lição."

Isso está errado. Isso é bizarro. Se eu fosse esse tipo de pai, seria posto na cadeia por maus-tratos infantis. E, no entanto, atribuímos essas motivações estranhas e perversas a Deus.

Gosto muito das palavras que Deus diz por meio do profeta Jeremias:

> "Porque sou eu que conheço os planos que tenho para vocês", diz o SENHOR, "planos de fazê-los prosperar e não de lhes causar dano, planos de dar-lhes esperança e um futuro".
>
> Jeremias 29.11

Em outras palavras, "Não me diga que estou aqui para lhe fazer mal. Não me diga que estou aqui para julgá-lo. Não me diga que estou aqui porque estou furioso com você. Eu sei o que penso a seu respeito, e são pensamentos bons, não maus. Conheço seu futuro, e ele é cheio de esperança!".

Deus está conosco, e ele é por nós. Esse é o evangelho.

Portanto, não importa pelo que passei, ele está comigo e é por mim. Mesmo que não faça sentido, ele está comigo e é por mim. Mesmo que eu não consiga entender cada detalhe, ele está comigo e é por mim. Não importa o que alguém diga, ele está comigo e é por mim. Não importa o que minhas emoções me digam, não importa o que minhas dores e sofrimentos me digam, não importa o que minha conta bancária me diga, ele está comigo e é por mim. Ele está do meu lado.

Na parte mais sombria de nossa jornada, o que nos mantém cheios de vida, paz e felicidade é o evangelho. É o conhecimento de que Deus está conosco e é por nós.

Salva sozinha

Suponho que alguns concluiriam que, estando Jesus conosco, tudo irá bem em nossa vida. Sutilmente, alguns presumiriam que a diferença entre os que amam Jesus e os que não o amam é o fato de as pessoas que o amam obterem todos os desejos de seu coração. Assim, eles têm carros, casas, saúde e poder. Têm vida plena porque é isso que Jesus promete.

Sim, Deus quer abençoá-lo. Sim, Deus é por você. Ele está lá por sua felicidade, sua saúde, suas finanças e seu sucesso.

Sem dúvida, porém, coisas ruins acontecem a pessoas boas. A vida nem sempre é fácil ou agradável. Nem sempre faz sentido. Há momentos em que nos sentimos sozinhos, abandonados e sem esperança.

Todavia, quando entendemos que Jesus está aqui, podemos superar qualquer coisa. As pessoas que sabem que Jesus as ama, que Jesus está com elas e é por elas, podem não só suportar dor e perda e dificuldade — podem sair mais fortes e melhores. Podem estar mais vivas que alguém numa condição próspera, mas sem Jesus.

Horatio Spafford era um advogado e empresário de destaque que vivia em Chicago, no final do século 19. Feliz no casamento, era o pai orgulhoso de quatro filhas e um garoto de 4 anos. A família Spafford era famosa em Chicago por sua hospitalidade, seu envolvimento no movimento abolicionista e seu apoio a evangelistas cristãos, incluindo D. L. Moody. Horatio investia fortemente no setor mobiliário de Chicago, o mercado se expandia e a vida era boa.

Então ocorreu a tragédia. Em 1870, Horatio perdeu seu filho de 4 anos para a escarlatina. Poucos meses depois, houve o grande incêndio de Chicago, e seus investimentos acabaram destruídos.

Dois anos depois, a família decidiu passar férias na Europa com alguns amigos. Chegada a data de embarcarem no navio, no último momento Horatio precisou resolver problemas imobiliários. Com isso, enviou a esposa e as quatro filhas à frente no navio *Ville de Havre*, pretendendo ir mais tarde.

Depois de alguns dias, recebeu um hoje famoso telegrama de sua esposa. Começava assim: "Salva sozinha. Que devo fazer...".

Não tardou para receber a terrível notícia: o navio que carregava sua família tinha colidido com outro navio no mar aberto. Dentro de doze minutos o *Ville de Havre* havia afundado. Todas as quatro filhas se afogaram. A única coisa que ele podia fazer agora era pegar o próximo navio a fim de consolar a esposa.

O navio zarpou. Horatio tinha tempo para refletir sobre os dois anos horríveis que havia vivido. A certa distância na viagem, o capitão o notificou de que haviam chegado ao lugar onde o *Ville de Havre* afundara algumas semanas antes. Era o túmulo aquático de suas amadas filhas.

Foi naquele momento, naquele lugar no mar aberto, que Horatio Spafford começou a escrever uma espécie de poema. Ele escrevia palavras para descrever onde estava em termos emocionais e espirituais.

O que ele escreveu se tornou um dos hinos mais amados de todos os tempos:

Se paz a mais doce me deres gozar,
Se dor a mais forte sofrer,
Oh! Seja o que for, tu me fazes saber,
Que feliz com Jesus sempre sou!

Como pai, não consigo imaginar como seria suportar tamanha perda. O desastre financeiro já era difícil o bastante. Mas perder um filho e, dois anos depois, quatro filhas?

E ali, na solidão e na vastidão do mar aberto, em vez de apontar o dedo contra Deus e reclamar, Horatio demonstrou que ainda estava bastante ciente de Jesus. Mesmo no meio da dor, da perda e da mágoa, ele sabia que Jesus estava do seu lado.

A Bíblia diz: "Mesmo quando eu andar por um vale de trevas e morte, não temerei perigo algum, pois tu estás comigo" (Sl 23.4).

Quando temos Jesus, temos tudo de que precisamos para qualquer coisa que viermos a enfrentar. Talvez as coisas não andem fáceis neste momento. Talvez nem tudo seja maravilhoso. Talvez estejamos no mar aberto da dor e do sofrimento e da perda.

Jesus nos concede a graça para firmar o pé e dizer: "Feliz com Jesus sempre sou", porque ele está aqui. Em meio à perda e à morte, nossa alma pode encontrar descanso e vida.

Jesus chorou

Não estou minimizando a perda. Não quero dizer que devemos suprimir nosso pesar ou criticar aqueles que ficam de luto. Longe disso. A morte de meu pai foi uma jornada de tristeza e lamento que calou fundo em mim. Passei meses processando meus sentimentos e tentando readquirir meu senso de identidade após a partida dele.

Entretanto, no meio da montanha-russa da doença, do falecimento de meu pai e da súbita descoberta de me ver responsável por liderar uma igreja de milhares de pessoas, nunca me senti sozinho.

Jesus estava vivo, e Jesus estava comigo. Ele era minha vida, minha paz, minha segurança. Eu não afirmo ter tido uma atitude perfeita; Horatio Spafford é meu herói. Contudo, encontrei uma profundidade de amor e de força em Jesus que nunca tinha conhecido. Experimentei a simplicidade do evangelho e o poder da graça.

Gostaria de expressar em palavras a presença fortalecedora de Jesus, mas talvez seja algo que precisa ser experimentado para ser compreendido. O que posso lhes dizer é que está lá quando precisamos dela. Jesus é mais real, mais presente, mais vivo e mais unido conosco do que imaginamos. Às vezes são necessárias circunstâncias trágicas para percebermos quão real é nossa fé.

"Eu lhes disse essas coisas para que em mim vocês tenham paz. Neste mundo vocês terão aflições; contudo, tenham ânimo! Eu venci o mundo" (Jo 16.33).

A história de Lázaro discutida anteriormente revela o amor e a empatia de Jesus por nossos momentos conturbados. João 11.35, um dos versículos mais curtos e profundos da Bíblia, diz: "Jesus chorou". Jesus não zomba de nossa dor. Ele chora conosco.

Se você ler o restante da história, descobrirá que Jesus sabia o tempo todo que Lázaro iria morrer e depois ressuscitar dentre os mortos. Então, por que chorar? Por que desperdiçar suas lágrimas?

Por que, em vez disso, não repreender as pessoas pela falta de fé ou aproveitar a oportunidade para exibir seu poder e divindade?

Ele chorou porque a tristeza das pessoas o comoveu. O lamento delas despertou sua compaixão.

Mas Jesus não apenas se entristeceu com elas. Ele ressuscitou Lázaro dentre os mortos, e ele também nos dá vida. A vida de Jesus é mais claramente revelada nos momentos de morte aparente. "Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá; e quem vive e crê em mim, não morrerá eternamente" (Jo 11.25-26).

O fato de Jesus estar aqui não só traz conforto nos momentos difíceis, como também nos dá coragem para que nossas circunstâncias possam mudar. Jesus, da morte, promove vida. Da tristeza, traz esperança. Transforma lamento em alegria. Jesus está lá por nós quando mais precisamos dele — saibamos disso ou não, apreciemos isso ou não.

Jesus jamais nos deixará. Ele jamais nos abandonará. Ele jamais desistirá de nós.

Jesus está sempre presente.

JESUS É vida.

13

Vida de verdade

Eu gosto de filmes. Talvez você ache isso chocante, uma vez que sou pastor e na sua mente os pastores só assistem a canais evangélicos.

Antes que você me considere alguém não espiritual, não confirmarei nem negarei se realmente vi o filme de que estou prestes a fazer uma citação. Digamos apenas que outras pessoas que assistiram a ele me contaram a respeito. Elas disseram que é violento, e eu não sou a favor da violência. Então, como eu disse, não posso confirmar nem negar que assisti a esse filme.

O filme é *Coração valente*. Ouvi falar que nesse filme William Wallace faz uma declaração profunda. Sendo assim, pesquisei um pouco. Usei alguns de meus incríveis recursos, como o Wikipédia, e descobri que não existe tanta certeza de que Wallace tenha dito de fato tal frase. Mas certamente sabemos que ela saiu da boca de Mel Gibson.

"Todo homem morre, mas nem todo homem vive de fato."

Que conceito! Vale a pena pensar a respeito.

Isso sim é vida

Você está vivo? Está respirando e funcionando normalmente, seu cérebro está mais ou menos ativo, e você está lendo este livro. Portanto, sim, você está vivo. Existem até documentos oficiais que comprovam sua existência a qualquer pessoa que o questione a respeito. Está inspirando oxigênio no planeta Terra. Você está vivo.

Mas você está *realmente* vivendo?

O apóstolo Paulo descreve assim o que significa estar vivo:

> Vocês estavam mortos em suas transgressões e pecados, nos quais costumavam viver, quando seguiam a presente ordem deste mundo e o príncipe do poder do ar, o espírito que agora está atuando nos que vivem na desobediência. Anteriormente, todos nós também vivíamos entre eles, satisfazendo as vontades da nossa carne, seguindo os seus desejos e pensamentos. Como os outros, éramos por natureza merecedores da ira. Todavia, Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, deu-nos vida com Cristo, quando ainda estávamos mortos em transgressões — pela graça vocês são salvos. Deus nos ressuscitou com Cristo e com ele nos fez assentar nas regiões celestiais em Cristo Jesus, para mostrar, nas eras que hão de vir, a incomparável riqueza de sua graça, demonstrada em sua bondade para conosco em Cristo Jesus.
>
> Efésios 2.1-7

Muitos de nós estamos sempre correndo atrás da "vida". Por exemplo, estamos presos no trânsito em cima da ponte e, olhando para baixo, vemos alguém pilotando um *jet ski* e dizemos: "Cara, isso que é vida. Preciso arranjar um desse para mim. Isso sim seria vida de verdade".

Ou então observamos o chefe sempre chegando tarde e indo embora cedo e sabemos que ele passa o dia inteiro jogando Angry Birds naquela sala enorme. Não é justo, pois trabalhamos quarenta, cinquenta, sessenta horas por semana e mal temos o suficiente para pagar as contas. Logo, pensamos: "Meu chefe sim está vivendo a vida. Quero o emprego dele. Assim eu poderia finalmente curtir a vida".

Mas será que viver "a vida" realmente nos satisfaria? Para viver de verdade, precisamos apenas de mais dinheiro? De uma promoção? De um *jet ski*?

Essas coisas são legais. Especialmente o *jet ski*. Na busca pela vida real, porém, não passam de distrações. Meros chamarizes. É por isso que muitas pessoas passam a vida inteira sem nunca viver de fato. Foi o que Salomão descobriu, como vimos antes em Eclesiastes.

Ah, sim, todos nós temos nossos momentos. Esta vida nos oferecerá boas risadas, alegria, satisfação e diversão. Mas a verdade é que no fim do dia deitamos a cabeça no travesseiro e sabemos que algo não está certo.

Um casamento não pode fazê-lo viver de verdade. Um segundo casamento não pode fazê-lo viver de verdade. Uma conta bancária não pode fazê-lo viver de verdade. A popularidade não pode fazê-lo viver de verdade. E carros com rodas imensas não podem fazê-lo viver de verdade. Podem parecer legais, mas não trazem vida.

Errando o alvo

Permita-me dar um passo adiante. Viver em pecado é viver de verdade?

Acredito que, antes de responder a essa pergunta, precisamos definir a realidade do pecado. Se você tem uma criança pequena em casa, sabe que o pecado é real. E usa fraldas. Como algo tão gracioso pode ser tão histérico e barulhento? No *shopping*? Com todo mundo olhando? Ninguém precisa nos ensinar a sermos egoístas, ingratos e raivosos. Esse é o padrão de fábrica. Nascemos inclinados para o pecado, algo que a Bíblia chama de natureza pecaminosa.

Muita gente bem-intencionada procura dar explicações acerca do pecado, mas a verdade é que existem pessoas más lá fora. Basta apenas que alguém machuque sua mãe, e você sabe que há pecado no mundo. Mesmo os "bons" fazem coisas ruins. O pecado está em toda parte. Está em mim e em você.

Deus criou Adão e Eva, o primeiro homem e a primeira mulher, com livre-arbítrio, porque ele não queria se relacionar com um

bando de pinóquios. O desejo dele era que fôssemos capazes de agir de modo consciente e tomar as próprias decisões. Ele tinha noção de que amor forçado não é amor. Assim, Deus nos deu a capacidade de escolhê-lo ou rejeitá-lo. Adão e Eva rejeitaram Deus, e agora, ao longo dos séculos, os humanos nascem com a tendência de também rejeitá-lo e viver por conta própria. Esse afastamento do plano original de Deus constitui a raiz de todo pecado.

Existem, portanto, o certo e o errado. Não sou dessas pessoas que acreditam que o certo para você é certo para você e o certo para mim é certo para mim. Isso vem abaixo bem rápido quando o que é certo para mim fere outra pessoa. De repente, você já não acha que seja assim tão certo. Há questões que são absolutas. As pessoas boas se esforçam para permanecer nelas, e os bons governos as reforçam.

Assim sendo, existem áreas que não cabem na moral — não é nem certo nem errado. Na verdade, a maioria das coisas da vida funciona desse modo. Enquanto lidarmos com elas de maneira apropriada, essas áreas poderão contribuir para nossa alegria e nosso sucesso. O dinheiro, por exemplo, não se encaixa na moral. O mesmo se dá com os carros e os esportes, talvez com exceção do críquete — qualquer jogo que demande cinco dias para ser jogado só pode ser pecado. Amigos britânicos, desculpem-me.

Há também coisas que são erradas em determinados contextos. Nesse sentido, a moralidade pode ser relativa. Em Cingapura, por exemplo, é crime mascar chiclete. Mas aqui em Seattle, temos uma atração turística chamada Gum Wall [Muro de chicletes]. Gente de todo o mundo, incluindo provavelmente de Cingapura, vem e gruda sua goma mastigada nesse muro localizado num beco. É a coisa mais nojenta imaginável. Mas não é pecado. Gostaria que fosse, mas não é.

A melhor definição que ouvi para pecado é *errar o alvo.* Existe um alvo. Deus o estabeleceu. E nós todos o erramos.

Não há nada de relativo ou contextual nisso. Pecado é pecado. Errado é errado. Não importa quanto o contornemos, não importa que nome lhe demos, todos pecamos e continuamos a pecar com mais frequência do que gostaríamos de admitir.

A primeira menção ao pecado na Bíblia está em Gênesis 4.7. Caim está furioso com seu irmão, Abel, e Deus o adverte de não ceder ao pecado. "Se você fizer o bem, não será aceito? Mas se não o fizer, saiba que o pecado o ameaça à porta; ele deseja conquistá-lo, mas você deve dominá-lo."

Se você já ouviu a história, sabe que Caim não dominou o pecado. Ele foi lá e matou o irmão. Foi o primeiro assassinato na história da humanidade.

Ter domínio sobre o pecado é uma boa atitude, mas a raça humana nunca foi muito boa nisso. A Bíblia nos diz repetidas vezes que somos todos pecadores. Romanos 3.23 afirma de forma clara: "Pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus".

Romanos 3.10 diz a mesma coisa: "Não há nenhum justo, nem um sequer". Ser justo significa que você está correto aos olhos de Deus. Ser justo significa que você pode ficar ao lado de Deus porque você é íntegro, sem pecado e perfeito. A Bíblia diz que não existe nenhuma pessoa assim.

Podemos tentar ser justos. E suponho que todos o façamos. Ajudamos uma senhora de idade a atravessar a rua, abrimos a porta para o outro passar, damos algumas moedinhas ao sem-teto da esquina. Fazemos coisas boas com o intuito de tentar preencher o vazio interior que nos diz constantemente que há algo errado. Mas mesmo com todas as nossas tentativas de sermos bons, todas as nossas horas de trabalho, todos os nossos esforços para melhorarmos o casamento e sermos pais ou mães ou tios ou tias melhores, algo permanece errado.

A passagem que citei de Efésios diz que estávamos mortos em nossos pecados. Em outras palavras, a vida sob o pecado não é vida.

É morte. Não importa quantos *jet skis* tenhamos, se somos dominados pelo pecado, não estamos vivos. Somos membros de carteirinha dos mortos ambulantes. Temos nossos momentos, fazemos nosso melhor, mas ainda não estamos experimentando vida de verdade.

A vida em pecado pode ser chamada de vida? Não mesmo. É claro, ainda respiramos. O pecado nos deixa respirar por um tempo — mas jamais nos fará viver de verdade. É assim que o pecado funciona.

Portanto, tenho boas e más notícias. A má notícia é que somos todos pecadores. A boa notícia é que, caso seja um pecador, você se encaixa direitinho no restante de nós.

E agora, quem poderá nos socorrer?

Sendo assim, para onde correr? O que fazer? Existe alguém que possamos eleger para algum cargo, de modo que tal pessoa resolva o problema do pecado? Podemos aprovar uma legislação poderosa e impactante que libertará a humanidade do problema do pecado? É essa a resposta para o nosso problema?

O problema com eleger um de nós é que essa pessoa também tem o problema do pecado. Podemos fechar os olhos e fingir que está tudo bem, mas a Bíblia diz sem rodeios que todos nós pecamos. A resposta, portanto, não está entre nós. A resposta não está em um de nós. Na verdade, partido político nenhum pode nos ajudar. Sem ofensas. O apóstolo Paulo escreveu Efésios. Antes de conhecer Deus, Paulo não era um homem bom. Ele achava que era um homem bom porque era um fanático religioso. Mas ele invadia a casa das pessoas e as arrastava até a prisão porque elas não criam nas mesmas coisas que ele. Ele era malvado. Ele foi cúmplice de assassinato.

Então Deus apareceu em sua vida, e tudo mudou. Paulo acabou escrevendo quase metade dos livros do Novo Testamento.

Entretanto, mesmo após se tornar um dos maiores líderes espirituais da história da igreja cristã, ele continua a perder a batalha

contra o pecado vez após vez. Em Romanos 7.24, ele expressa o lamento de toda a humanidade: "Miserável homem que eu sou! Quem me libertará do corpo sujeito a esta morte?".

Paulo estava expressando a natureza tenaz e ubíqua do pecado. O apóstolo sabia que o pecado se aproxima sorrateiramente e tenta nos controlar. No versículo seguinte, ele responde à própria pergunta: "Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor!".

Jesus é o único que viveu de verdade, pois o pecado não tinha domínio sobre ele. É o pecado que suga a vida de nossa existência.

Jesus apareceu no planeta transbordando vida porque não conhecia pecado. Sim, ele foi tentado; mas ele resistiu a toda tentação e viveu 33 anos sem pecar.

Por ter sido a única pessoa que viveu de verdade, é o único que poderia solucionar o problema do pecado de uma vez por todas.

Ele providenciou um jeito de termos vida de verdade.

Continue a rebater

Os primeiros versículos de Efésios 2 retratam uma visão bastante sombria de como é a vida sem Deus e sem Jesus. Logo, porém, chegamos ao versículo 4.

"Todavia, Deus..."

Adoro quando Deus aparece.

E, a propósito, quando Deus aparece aqui, não foi porque recebeu um *e-mail* nosso. Não foi porque ligamos para ele. Não foi porque mandamos alguém balançar uma bandeira branca e lhe dizer: "Lamentamos muito. Pedimos desculpas por ignorar o Senhor. Gostaríamos que o Senhor se envolvesse com a humanidade novamente".

Na verdade, nós o ignorávamos tanto quanto sempre fizemos. Gostávamos de errar o alvo. Dávamos gargalhadas com nossos pecados e transgressões.

"Todavia, Deus" — enquanto ainda éramos pecadores, Cristo morreu por nós.

"Todavia, Deus" — ele tomou a iniciativa.

"Todavia, Deus" — ele foi motivado por sua rica misericórdia e seu grande amor.

Isso não é pouca coisa. Deus é "rico em misericórdia". Ele não só tem misericórdia — ele tem misericórdia de todo tipo. Misericórdia sem fim. Misericórdia de sobra. A Bíblia diz que a misericórdia triunfa sobre o julgamento. O que merecíamos por nosso mau comportamento, por rejeitar o Criador, era o julgamento. Mas Deus é rico em misericórdia. Deus é um Deus de segundas chances.

Sei alguma coisa sobre segundas chances porque meus dois meninos jogam *T-ball*. Conhece o jogo? Parece beisebol, mas a bola fica parada num T de borracha. Ainda assim, as crianças erram a bola o tempo todo. É a oitava rebatida, e os pais nas arquibancadas estão dizendo: "Boa rebatida, Johnny!".

E eu estou pensando: "Ele ainda nem acertou o T de borracha que está a três passos à frente dele. Por que estamos celebrando essa mediocridade?".

Então, na oitava rebatida, ele acerta a parte de baixo do T, e a bola cai. E o técnico grita: "Corre!".

Muito parecido com Deus. Erramos uma, depois outra, depois outra — e todo mundo está dizendo: "Não acredito que esse sujeito ainda está vivo. Não acredito que Deus ainda o esteja abençoando".

E continuamos a rebater e rebater. E Deus, que é rico em misericórdia, pega a bola mais uma vez. "Bata de novo, rebatedor. Vamos lá, bata de novo."

Enquanto isso, as pessoas ao redor estão sacudindo a cabeça. "Ele está fora".

Deus diz: "Ele não está fora enquanto eu não disser que ele está fora".

Efésios 2 diz que Deus não só é rico em misericórdia, ele também possui "grande amor". Gosto dessa frase. Não é só amor — é grande amor. Amo algumas pessoas neste mundo, mas meu amor

está longe de ser grande. É limitado, com falhas e muitas vezes tem um caráter egoísta.

Mas Deus ama o mundo.

Quem é esse Deus com tantas camadas de misericórdia e de amor tão incrível e grandioso? Quem é esse Deus que busca pessoas que estão mortas e lhes dá vida, não por causa do mérito ou do potencial delas, mas porque ele é cheio de misericórdia e amor?

Alguns de nós pensamos que Deus nos ama porque temos potencial. "Parecemos maus agora", pensamos, "mas Deus nos salva porque um dia valeremos alguma coisa".

— Ei, Gabriel — imaginamos Deus dizendo para seu principal anjo. — Vê aquele cara ali?

— Uh, aquele desastre ambulante?

— Sim, aquele mesmo. Ele tem potencial.

— O quê? Sem chance, Deus. O Senhor está perdendo seu tempo.

— Não, é sério, consigo ver — imaginamos Deus dizendo. — Assim que eu tiver trabalhado nele alguns anos, ele será um cristão produtivo. Acho que ele pode ser útil para mim.

Isso soa espiritual. Isso soa humilde. Mas não é. Na verdade, é só outro jeito de dizer que merecemos ser salvos. Talvez ainda não tenhamos feito nada, mas nos gabamos pensando que Deus nos salvou porque sabia em que poderíamos nos tornar.

Preste atenção: Deus não nos salva porque temos potencial. Isso é ridículo. Nós temos sim potencial — isso é verdade —, mas Deus não nos resgata da morte e do pecado para lhe sermos úteis. Ele não precisa de nossa ajuda.

Ele só quer nos amar. Ele quer ser amado por nós.

Isso seria como dizer que tenho filhos só para ter alguém para limpar minha casa. Ora, convenhamos. Qualquer pessoa com filhos está rindo disso. Quando você tem crianças por perto, até mesmo a barra de sabão fica suja. Mas não tem problema. Não nos importamos, pelo menos não na maior parte do tempo. Os filhos são

absolutamente a coisa mais gratificante na vida depois de Deus e do casamento.

Minha esposa e eu escolhemos ter filhos porque ansiávamos por um relacionamento familiar. Num sentido bastante real, nós os amávamos antes mesmo de eles existirem. Não tem nada a ver com o potencial deles para limpar a casa ou pagar as contas. Foi a nossa iniciativa, motivada pelo nosso amor.

Deus nos viu mortos em nossos pecados e não poderia ficar parado. Sua rica misericórdia e seu grande amor o impeliram a providenciar um jeito de nos trazer de volta à vida.

É por isso que ele enviou Jesus.

Em Jesus, toda pessoa pode realmente viver.

14

Jesus zumbi

O evangelho de Mateus se encerra com uma observação espetacular. Anteriormente, citei o versículo final, em que Jesus promete estar conosco para sempre. Todo o capítulo final, na verdade, é um ponto de exclamação que celebra a maior vitória na vida de Jesus e nos desafia a um futuro glorioso.

A cena ocorre logo após a morte de Jesus. O governo romano respirava aliviado, pois o sujeito responsável por tamanha agitação civil já não era problema dele. Os fariseus estavam em êxtase, pois seu concorrente havia sido eliminado. Os discípulos se sentiam assustados e confusos, pois não imaginavam que as coisas terminariam assim.

Eis o capítulo 28:

> Depois do sábado, tendo começado o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro.
>
> E eis que sobreveio um grande terremoto, pois um anjo do Senhor desceu dos céus e, chegando ao sepulcro, rolou a pedra da entrada e assentou-se sobre ela. Sua aparência era como um relâmpago, e suas vestes eram brancas como a neve. Os guardas tremeram de medo e ficaram como mortos.
>
> O anjo disse às mulheres: "Não tenham medo! Sei que vocês estão procurando Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui; ressuscitou, como tinha dito. Venham ver o lugar onde ele jazia. Vão depressa e digam aos discípulos dele: Ele ressuscitou dentre os mortos

e está indo adiante de vocês para a Galileia. Lá vocês o verão. Notem que eu já os avisei".

As mulheres saíram depressa do sepulcro, amedrontadas e cheias de alegria, e foram correndo anunciá-lo aos discípulos de Jesus. De repente, Jesus as encontrou e disse: "Salve!" Elas se aproximaram dele, abraçaram-lhe os pés e o adoraram. Então Jesus lhes disse: "Não tenham medo. Vão dizer a meus irmãos que se dirijam para a Galileia; lá eles me verão".

Enquanto as mulheres estavam a caminho, alguns dos guardas dirigiram-se à cidade e contaram aos chefes dos sacerdotes tudo o que havia acontecido. Quando os chefes dos sacerdotes se reuniram com os líderes religiosos, elaboraram um plano. Deram aos soldados grande soma de dinheiro, dizendo-lhes: "Vocês devem declarar o seguinte: Os discípulos dele vieram durante a noite e furtaram o corpo, enquanto estávamos dormindo. Se isso chegar aos ouvidos do governador, nós lhe daremos explicações e livraremos vocês de qualquer problema". Assim, os soldados receberam o dinheiro e fizeram como tinham sido instruídos. E esta versão se divulgou entre os judeus até o dia de hoje.

Os onze discípulos foram para a Galileia, para o monte que Jesus lhes indicara. Quando o viram, o adoraram; mas alguns duvidaram. Então, Jesus aproximou-se deles e disse: "Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos".

Eu voltei

Num instante, tudo mudou. Esse foi o final feliz definitivo, o gol de vitória nos acréscimos do segundo tempo. Todos tinham certeza de que Jesus estava morto. Viram os soldados romanos executarem-no, e os soldados romanos eram profissionais no que se referia a matar gente.

Agora, porém, Jesus está vivo. Ele aparece em lugares aleatórios, assustando seus já assustados discípulos e dizendo: "Eu voltei". Por algum motivo, eu sempre imagino um sotaque cavernoso.

Os romanos e os fariseus estão atônitos, e os discípulos, por sua vez, não conseguem disfarçar a alegria. Alguns dos seguidores de Jesus precisaram ser convencidos, pois, como muitos de nós, eram mais propensos a acreditar em más notícias que em boas notícias.

"Sério?", Jesus deve ter pensado. "Eu volto dos mortos e meus amigos não me reconhecem. Isso não é legal."

Mas Jesus estava de volta, exatamente como tinha prometido.

E, falando de apocalipses e zumbis — não era bem o assunto, mas é assim que meu cérebro funciona —, poderíamos chamar Jesus de o zumbi supremo. Ele morreu, retornou dos mortos e agora está indo na sua direção.

OK, esqueçam o que eu disse. Mas alguns de vocês fariam bem se tivessem algum senso de humor. Talvez vivessem mais.

Enfim, a questão é a seguinte. Se Jesus apenas morresse e acabasse por aí, não haveria nada de extraordinário nisso. Pessoas morrem o tempo todo — inclusive pessoas boas. Faz parte do que é ser humano.

Muita gente já entregou a vida por suas crenças. Elas vivem em nossa lembrança como mártires, e seu legado nos serve de inspiração. Em alguns casos, temos até um dia de folga em homenagem a elas. As coisas são assim.

Todavia, se é verdade que Jesus ressuscitou dentre os mortos, isso muda tudo. Significa que ele venceu o último inimigo — a morte. Significa que tudo o que ele disse a respeito de si mesmo é verdade. Ele não é apenas humano. Ele é Deus. Ele é a resposta para os problemas da humanidade. Ele é o Salvador.

Os fariseus descobriram isso mais depressa que a maioria de nós. Se eles realmente acreditavam que ele voltara à vida, não sabemos dizer. Suspeito que era o caso de alguns, mas eles não conseguiam

processar o fato. Não eram capazes de ajustar seu modo de pensar. Não desejavam uma perspectiva superior. Não queriam bagunçar com o *status quo*.

Eles sabiam o que aconteceria caso o rumor da volta de Jesus se espalhasse. Todo o estilo de vida deles seria comprometido. As autoridades religiosas já não seriam o caminho para Deus; Jesus seria o caminho para Deus. Os pecadores já não seriam excluídos da salvação; eles seriam os principais candidatos à salvação. As pessoas já não se esforçariam para seguir leis impossíveis; elas seguiriam Jesus, aquele de jugo suave e fardo leve, e viveriam nos vastos e amplos espaços da graça.

Então eles mentiram. E subornaram os guardas romanos para espalhar a mentira. E prometeram proteger os guardas que haviam subornado. Sim, era sujeira, mas era melhor que aceitar o fato de que as leis do universo haviam sido abaladas porque o próprio Deus, o criador das leis, estivera no meio deles, e eles não o reconheceram.

Não é minha intenção criticar pessoas sinceras, mas muita gente boa não mede esforços para evitar a conclusão de que Jesus é Deus. Conseguem aceitar que ele era um homem bom — até mesmo um grande homem. Lamentam o fato de um sujeito tão bom ter morrido por aquilo em que acreditava. "É triste. As pessoas são às vezes horríveis umas com as outras." Gostariam que ele tivesse prosseguido sua carreira de iluminado mestre espiritual. Apegam-se a seus ensinos sobre amor e justiça como um ideal a ser buscado pela humanidade. E sentem-se mal, e andam com uma expressão séria no rosto, e voltam para sua vida e seus problemas com a mesma perspectiva limitada de todo mundo ao redor.

Acontece que Jesus não morreu somente. Ele ressuscitou dentre os mortos.

Foi o que Deus faria, pois um Deus eterno e infinito não pode ser morto por sua criação — ao menos não de forma permanente.

A ressurreição prova que tudo o que ele disse era verdade. Ela nos dá esperança de que podemos viver em vitória nesta vida. É a confirmação de que a vida continua após o fim de nosso tempo aqui na terra.

O evangelho é uma boa notícia por causa da ressurreição. O evangelho não é apenas o fato de Jesus ter morrido por nossos pecados. Essa é a primeira metade. A segunda é que ele ressuscitou, provando de uma vez por todas que o pecado e a morte foram vencidos e podemos ter vida eterna.

Coelhinhos de chocolate

Em minha infância, na Páscoa, todos os anos meus pais me compravam coelhinhos de chocolate. E, ano após ano, eu abria a caixa, pegava o coelhinho e mordia uma orelha, esperando que naquele ano o coelho fosse realmente de chocolate sólido. Nunca era. Era oco. Todo infeliz ano. Por que nunca me era permitido o luxo de ter um coelhinho da Páscoa de chocolate sólido? Por quê?

O apóstolo Paulo escreveu:

> Pois, se os mortos não ressuscitam, nem mesmo Cristo ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, inútil é a fé que vocês têm, e ainda estão em seus pecados. Neste caso, também os que dormiram em Cristo estão perdidos. Se é somente para esta vida que temos esperança em Cristo, somos, de todos os homens, os mais dignos de compaixão. Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dentre aqueles que dormiram.
>
> 1Coríntios 15.16-20

Paulo está dizendo aos cristãos em Corinto que, se Jesus não ressuscitou dentre os mortos, sua fé era tão vazia quanto um coelhinho de chocolate. Sem substância. Sem significado. Sem sentido. Apenas farsa.

Se Jesus não ressuscitou, significa que ainda estamos em nossos pecados. A morte dele não teve efeito. Não foi boa o suficiente. Ele não era forte o bastante para derrotar o inimigo final, a morte.

É preciso entender que a morte não fazia parte da criação original de Deus. Ela é um efeito do pecado. Se a morte derrotou Jesus, então o pecado ainda não foi resolvido e continuamos perdidos nele.

Paulo chega ao ponto de dizer que, se o cristianismo consiste em sermos bons rapazes e boas garotas nesta vida e nada mais, então somos as criaturas mais infelizes do planeta.

Em outras palavras, o foco não está nesta vida. É uma vida maravilhosa, e Deus nos reserva boas coisas enquanto estivermos aqui na terra. Mas Jesus não entregou sua vida a fim de promover um código de conduta moral. Ele não sofreu e morreu pela paz mundial. Nossa fé não diz respeito a estudar a Bíblia, fazer orações ou ir à igreja. Todas essas coisas são boas em si, mas a vitória de Jesus é maior que tudo.

Jesus veio para que pudéssemos viver para sempre com ele. Isso é vida de verdade.

Seja o que for, nós venceremos

A Bíblia diz muita coisa sobre milagres e cura divina. Em nossa igreja, oramos por enfermos e presenciamos curas reais, mesmo em situações de grande dificuldade. Nem todos são curados, mas muitos sim. Estou convencido da vontade de Deus e de seu poder para curar os doentes, assim como fez Jesus tantos anos atrás.

Assim sendo, quando meu pai recebeu o terrível diagnóstico de câncer, minha família e nossa igreja lutaram o bom combate da fé. Oramos sem cessar por meu pai. Ficamos firmes nas promessas bíblicas e cremos que Deus curaria seu corpo e prolongaria sua vida.

Vou lhe dizer uma coisa: as pessoas de nossa igreja são maravilhosas. O amor delas transbordou de tal modo naquela época que ainda hoje me leva às lágrimas. Minha família sempre lhes será

grata. Atravessamos o vale da sombra da morte juntos, e mesmo nos momentos mais sombrios eles não vacilaram na fé.

Por muitos anos, meu pai praticamente não teve nenhum sintoma do câncer. O tratamento por vezes produzia difíceis efeitos colaterais, mas o câncer propriamente dito parecia estar controlado. Nossa fé era grande. Nossas orações eram intensas e cheias de confiança.

Depois de alguns anos, porém, ele começou a adoecer gravemente. Seu quadro hematológico se deteriorou. O sofrimento aumentou. O tratamento retardava o progresso do câncer, mas sua saúde havia tomado um rumo definitivo para pior.

Com a mudança da situação, fomos todos forçados a questionar no que realmente críamos sobre Deus, a morte e o sentido da vida. Não acho que duvidássemos da bondade de Deus ou de seu poder para curar, mas tivemos de lutar contra dúvidas que jamais imaginaríamos enfrentar.

"E se o pastor Wendell não for curado?" Era o que se passava na mente de todos. "Passamos anos orando por sua cura, crendo em sua cura, pensando em sua cura, falando sobre nossa certeza de sua cura — mas e se ele morrer? O que acontecerá com nossa fé?"

Naquela época, tornei-me o pastor de púlpito de nossa igreja. Meu pai ainda era o pastor sênior, mas em vista de sua saúde ele raramente conseguia pregar. Assim, todo fim de semana eu me colocava diante da igreja e declarava a bondade e o poder de Deus. E todo fim de semana eu podia ver as dúvidas nos olhos das pessoas.

Meus pais, porém, tinham uma fé inextinguível, e todos nos animávamos e crescíamos em fé ao observá-los. Meu pai dizia: "Seja o que for, nós venceremos".

Foi isso que eu afirmava do púlpito às pessoas, semana após semana. Quer Deus o curasse, quer o levasse para casa, não seríamos derrotados. Se ele fosse curado, seria uma vitória tremenda. Do

contrário, o céu não seria uma concessão. O céu não seria uma derrota.

Em 2010, poucos dias antes do Natal, meu pai faleceu. Ele está hoje num lugar melhor — um lugar infinitamente melhor. Ele concluiu sua corrida, lutou o bom combate da fé e passou o bastão para a geração seguinte. Neste momento, acredito que ele está olhando para mim e para nossa igreja com aplausos.

Ficamos tristes, é evidente, e a perda foi difícil. Ainda sentimos falta dele todos os dias. Mas nossa perspectiva nesta vida se baseia na eternidade. Sabemos que o encontraremos novamente. Sabemos que a bondade, o amor e o poder de Deus permanecem verdadeiros como sempre.

A Bíblia chama a morte de o último inimigo. Trata-se de um inimigo maior que a doença, a dúvida, o medo, o pecado, a pobreza e o sofrimento. Jesus venceu esse último inimigo na ressurreição. Isso significa que não temos nada a temer — nem mesmo a morte. Acredito firmemente que o céu foi a vitória definitiva para meu pai. A morte não o derrotou, pois Jesus já havia derrotado a morte.

Romanos 5.21 diz o seguinte: "A fim de que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reine pela justiça para conceder vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor". O pecado, a morte e o diabo não oferecem ameaça quando sabemos quem somos em Jesus.

É assim que obtemos perspectiva na vida. É o evangelho que nos faz enxergar as coisas na medida correta. As más notícias existem aos borbotões, mas as boas-novas do evangelho as superam toda vez. Os obstáculos podem se avultar, mas Jesus é maior que todos eles.

O céu (não) está caindo

Às vezes os cristãos são os maiores pessimistas do mundo. Isso não é saudável. Para ser sincero, não é nem mesmo cristão. O medo é uma ofensa a nosso Deus.

Algumas pessoas entram num estado de completa consternação quando o sujeito em quem votamos não se elege ou quando ouvimos falar de guerras e desastres. Achamos que é o fim do mundo. É o Armagedom.

Desculpe-me, mas não concordo com a ideia de que o mundo está uma bagunça total e só precisamos aguentar firmes até Jesus voltar. Eu me recuso a estocar armas e ouro, construir uma casa de árvore no meio do mato e esperar o mundo virar fumaça.

Nossa tendência de reagir com exagero às más notícias é, infelizmente, lendária. Basta gritarmos "É o fim mundo!" certa quantidade de vezes para as pessoas nos confundirem com o menino que gritava "Olha o lobo!".

É bizarro, mas algumas pessoas realmente gostam de más notícias, incluindo pessoas que afirmam crer que Deus está no controle. São fabricantes do medo. Imaginam os piores cenários. Traficam terror e comercializam pânico.

Atenção às últimas notícias: seja qual for o estado do mundo ou os resultados da eleição de seu político favorito, Jesus continua no controle. Ele não ganhou nem perdeu a eleição. Ele governa e reina sobre todos os assuntos da humanidade.

Porque Jesus vive, posso viver diferente. Posso seguir minha vida alicerçado na paz e na segurança.

Jesus está no controle de meu passado, presente e futuro. O desespero por minhas falhas do passado e o medo dos problemas do futuro são incapazes de controlar meu presente, porque Jesus me governa com paz.

Deus diz numa passagem poética em Isaías: "O céu é o meu trono, e a terra, o estrado dos meus pés" (Is 66.1). Em outras palavras, Deus é muito maior que nós. A perspectiva que ele tem do planeta não está limitada ao tempo e ao espaço.

Em outra passagem em Isaías, ele diz:

> Pois os meus pensamentos não são os pensamentos de vocês [...]. Assim como os céus são mais altos do que a terra, também os meus caminhos são mais altos do que os seus caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os seus pensamentos.
>
> Isaías 55.8-9

Estou convencido de que, na comparação com Deus, não é possível tornar nossos problemas pequenos o suficiente. Não é possível tornar Satanás pequeno o suficiente. Não é possível tornar o pecado e a doença pequenos o suficiente. Quando consideramos a magnitude e a majestade de nosso onipotente e onisciente Deus, quando nos damos conta de que Jesus está aqui conosco, não importa quantas voltas dê a vida, encontramos paz.

Algumas pessoas pensam que Jesus e Satanás são equivalentes em poder. Elas acreditam que o bem e o mal estão se digladiando num ringue de boxe cósmico, e o destino do universo depende dessa luta. Estamos no décimo quinto *round*, assistindo da arquibancada, na esperança de que Jesus vencerá, mas a situação não parece nada boa. Aparentemente, o mal está vencendo.

Cada vez que Jesus é acertado no queixo, fazemos expressões de dor e gememos. Alguém grita: "Por favor, parem a luta! Ele está sangrando! Ele está tomando muitos socos!".

Jesus se senta no canto junto a seu treinador, o Espírito Santo. O Espírito está dizendo: "Não pare de se mexer. Continue gingando. Talvez ainda haja uma chance".

Na arquibancada, as pessoas pensam: "Cara, eu espero mesmo que Jesus dê a volta por cima!".

Espere aí — como é? Dar a volta por cima? De onde tiramos esse absurdo? Jesus é Deus. Deus não dá voltas por cima. Quando você é Deus e ninguém mais é Deus, você nunca é derrubado.

Meu pai costumava dizer: "Nós servimos a um Deus grandioso e sofremos oposição de um diabinho pequenino". Não despreze essa realidade. Não há nenhuma dúvida de quem será o vencedor no

conflito entre o bem e o mal, pois a morte e a ressurreição de Jesus já desferiram um golpe fatal em Satanás. O demônio não passa de um cão preso na coleira. Ele é um leão sem dentes. É um mágico escondido atrás de uma cortina, tentando nos manipular por meio de fumaça e espelhos. Basta ler o final da Bíblia. Nós venceremos.

Não estou preocupado com a situação do governo, do universo ou de minhas finanças. Vou dormir hoje à noite com um sorriso no rosto não só porque durmo ao lado da mulher mais linda do mundo, mas porque Jesus está no controle.

Isso não é irresponsabilidade, ignorância ou ingenuidade. É a vida real.

15

Jeito novo de ser

Quero prepará-los para o que estou prestes a dizer. Não quero que pensem mal de mim, mas serei honesto e transparente.

Quando Michael Jackson faleceu alguns anos atrás, eu costumava ouvir todas as suas canções. Inúmeras vezes. E eu gostava delas.

Tudo bem? É a verdade. Precisava dizer isso.

Não estou dizendo que as canções têm as letras mais devotas do mundo. É por essa razão que alguns de vocês estão dizendo "Michael quem?".

Por favor, não me olhe desse jeito religioso. Eu sei que você tem a música-tema do *Free Willy* em seu celular.

O fato é que uma de suas canções ilustra aquilo que quero dizer neste capítulo. O nome da música é "Human Nature" [Natureza humana] e faz parte do álbum *Thriller*, sobre o qual você certamente nunca ouviu falar, já que passa todo o seu tempo lendo a Bíblia e ouvindo Pavarotti. Mas esse álbum fez muito sucesso, mesmo que você não conheça nada a respeito dele.

Às vezes lamento por minha esposa, pois tenho diversas músicas no cérebro e vivo cantando o tempo todo. Meu único desafio é lembrar as palavras corretas da canção, de modo que fico repetindo a mesma coisa ou invento a letra. É um verdadeiro teste para minha esposa e sua fé.

O refrão diz o seguinte: "Se eles dizem 'Por quê? Por quê?', diga-lhes que é a natureza humana".

É um verso pegajoso, mas é claro que é tudo que consigo lembrar da música. Então, por alguns dias andei pela casa cantando "'Por quê? Por quê?', diga-lhes que é a natureza humana...".

E minha esposa ficava dizendo: "Chega, Judah. Por favor".

Na época eu estava passando muito tempo pensando num trecho de Colossenses. E percebi que, na verdade, essa canção do Rei do *Pop* ilustra muito bem a premissa dessa passagem. Assim diz o apóstolo Paulo:

> Portanto, já que vocês ressuscitaram com Cristo, procurem as coisas que são do alto, onde Cristo está assentado à direita de Deus. Mantenham o pensamento nas coisas do alto, e não nas coisas terrenas. Pois vocês morreram, e agora a sua vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, que é a sua vida, for manifestado, então vocês também serão manifestados com ele em glória.
>
> Assim, façam morrer tudo o que pertence à natureza terrena de vocês: imoralidade sexual, impureza, paixão, desejos maus e a ganância, que é idolatria. É por causa dessas coisas que vem a ira de Deus sobre os que vivem na desobediência, as quais vocês praticaram no passado, quando costumavam viver nelas. Mas agora, abandonem todas estas coisas: ira, indignação, maldade, maledicência e linguagem indecente no falar. Não mintam uns aos outros, visto que vocês já se despiram do velho homem com suas práticas e se revestiram do novo, o qual está sendo renovado em conhecimento, à imagem do seu Criador. Nessa nova vida já não há diferença entre grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro e cita, escravo e livre, mas Cristo é tudo e está em todos.
>
> Colossenses 3.1-11

Todos somos passíveis de nos identificar com a música de Michael Jackson porque, infelizmente, somos todos incrivelmente familiarizados com a natureza humana. É parte de quem somos.

Mas aqui vai a grande ideia dessa passagem. Trata-se, aliás, da base deste livro. Para você ver a importância de entender esse conceito.

Jesus nos proporciona um jeito novo de ser.

Em Jesus, e somente nele, um novo modo de ser nos é oferecido. Quando ele ressuscitou dentre os mortos, nós também ressuscitamos dentre os mortos, no nível espiritual. Algum dia ressuscitaremos também fisicamente, mas por enquanto temos uma nova vida espiritual, uma nova natureza.

Nós podemos de fato transcender a natureza humana. Não precisamos viver sujeitos a todos os nossos impulsos e anseios, a todos os nossos desejos e paixões.

Agora eu não sou apenas um humano "normal". Eu tenho um novo jeito de ser. Eu sou um novo tipo de homem. Por causa de Jesus, nós temos uma nova humanidade.

Jesus na segunda-feira

Muitos de nós vamos à igreja no domingo para ouvir um pregador falar sobre Jesus. Ouvimos sobre como Jesus nos ajuda a transcender nossa humanidade e a viver em santidade. Ouvimos que Jesus nos concede graça.

Então acordamos na manhã da segunda, e algo acontece. Passamos do lema "Eu sou quem sou pela graça de Deus" para "Deus ajuda quem ajuda a si mesmo".

Para sua informação, só o primeiro lema tem base bíblica.

Em seguida, pensamos: "Bem, Jesus foi ótimo para o domingo, mas agora é segunda, por isso tenho de ir trabalhar. Se eu conseguir algo na vida, é porque vou trabalhar para isso. E Deus me abençoará porque ele abençoa quem trabalha duro".

Assim, trabalhamos com afinco a semana inteira e ficamos cansados e frustrados. Então, voltamos à igreja no domingo seguinte e dizemos: "Uau, que bela mensagem sobre Jesus".

Parece meio esquizofrênico, não é? E a razão de nosso desgaste é que pensamos que Jesus serve para o domingo e o trabalho serve para o restante da semana. Não quero apenas falar de Jesus, cantar

sobre Jesus e pregar a respeito de Jesus no domingo. Quero Jesus todos os dias, em todas as áreas de minha vida.

Sente-se

Em Colossenses 3, Paulo nos descreve como é viver a graça de segunda a sábado. Atenção às palavras iniciais: "Portanto, já que...". São três palavras simples com enormes implicações. Significa: "Com base em tudo que estou dizendo, faça o seguinte".

Se você retroceder algumas páginas da Bíblia, descobrirá que Paulo acabou de usar dois capítulos para exaltar a incrível graça de Deus atuando em nossa vida. Ele fundamentou um alicerce com base em Jesus e em sua obra na cruz. Descreveu como Jesus está no centro de tudo. Afirmou que nossa velha natureza pecaminosa morreu e foi sepultada com Jesus. Quando Jesus ressuscitou, nós também ganhamos vida, espiritualmente falando, e agora temos uma nova natureza — uma natureza divina.

Então ele começa o capítulo 3 dizendo: "Assim, levando em conta tudo que estou dizendo a respeito de Jesus, da graça e de sua nova natureza, isto é o que vocês precisam fazer".

Estou feliz por Colossenses 3 não ser Colossenses 1. Se Paulo tivesse começado a carta recitando uma lista de afazeres — sem antes estabelecer o alicerce teológico de Jesus no centro —, ainda estaríamos vivendo pela lei, dependentes de nossas obras para nos abrir a porta para Deus.

Gosto muito de como Paulo joga a responsabilidade para cima de nós:

— Então você foi ressuscitado com Cristo ou não? Sim ou não?

— Bem, sim.

— Tem certeza? Você não parece convicto.

— Sim, tenho certeza. Eu fui ressuscitado.

— Ótimo, você foi ressuscitado com Cristo. Então, com base nesse fato, busque as coisas que são do alto.

Em outras palavras, certifique-se de que você não baseia sua obediência em nada, exceto na obra consumada de Jesus. Não continue a se esforçar e lutar para ser justo com base em seus méritos, como fazia antes. Você agora possui uma nova natureza.

A passagem citada utiliza uma palavra estranha para descrever Jesus. Diz que ele está *assentado* nos céus. Assentado? Como assim? Ele está sentado? Relaxando com os pés para cima e com uma bebida gelada na mão? Ele não deveria estar andando de um lado para o outro, ordenando aos gritos que sua equipe corra, dê o passe e vença a oposição?

Estar em pé implica ação. Urgência. Atividade. Jesus deveria estar em pé.

Mas Jesus está sentado.

Sentado é a posição de quem reina. Jesus não está em pé. Ele não está andando de um lado para o outro, preocupado e acelerado. Ele não está roendo as unhas. Ele não está transpirando.

Jesus está sentado, relaxando e descansando. Ele está no céu, e está tudo bem. Tudo está consumado. Ele se senta lá à direita de Deus, diz a Bíblia, rindo de seus inimigos e fazendo do mundo inteiro seu pufe.

Se guiássemos nossa vida em torno do fato de que Jesus está sentado no céu, isso afetaria nossas segundas-feiras.

A primeira posição de um cristão é não andar. É não acelerar. É não marchar. É não correr loucamente de uma atividade para outra.

É sentar-se. Quando nascemos de novo, somos chamados a descansar na obra consumada de Jesus.

Deus nos diz:

— Sentem-se.

E nós retrucamos:

— Não, Deus, tenho que fazer isso e aquilo.

— Sente-se.

— Mas, Deus, eu tenho que...

— Sente-se.

Quando você acorda de manhã, ou quando está trabalhando duro para sustentar a família e pagar as contas, ou quando começa a se estressar com o futuro, lembre-se de se sentar. Lembre-se de orientar sua vida em torno da realidade de Jesus. Não se esqueça: não é por sua força, seu poder, sua ingenuidade ou sua educação. É pela obra de Jesus.

É quem eu sou

O diabo adoraria que acreditássemos que o pecado não está completamente derrotado, que de algum modo nosso pecado particular escapuliu da cruz e nem mesmo Jesus seria capaz de exterminá-lo. Agora, portanto, estamos presos com ele. Ele nos possui. Ele nos define. É nosso pecado de estimação, nosso demônio interior, nosso vício pessoal.

O diabo é um mentiroso. O pecado foi derrotado. Deus é por nós, Jesus está conosco e a graça é suficiente.

Em algum ponto da vida, pecaremos novamente. E a probabilidade é que não vai demorar. Mas Jesus sabia disso e mesmo assim nos salvou. Num momento de graça e fé, ele perdoou todos os pecados que você cometeu, está cometendo e vai cometer.

Pensar nisso faz minha mente rodopiar: Deus enxerga falhas de caráter em mim que nem eu mesmo consigo ver, e ele não está estressado por isso. Ele não está planejando passar trinta anos trabalhando numa dessas áreas de minha vida. Eu estarei com mais de 60 anos, e, certa manhã, Deus me dirá: "Judah, vamos começar a trabalhar nesta área". E, nesse meio-tempo, ele não ficará frustrado comigo. Ele não me repele quando tento me aproximar. Ele não me põe em quarentena antes que eu infecte outra pessoa. Ele me diz que está feliz comigo, que se agrada de mim, que eu sou incrível.

Somos tão obstinados em nos aperfeiçoar porque pensamos que, tão logo o fizermos, Deus nos amará mais.

Mas ele nunca nos amará mais do que nos ama neste momento. Ele nunca nos aceitará mais do que nos aceita agora.

Deus não tem pressa de nos consertar. Nosso comportamento não é sua prioridade. Nós somos sua prioridade. Amar-nos, conhecer-nos, afirmar-nos, proteger-nos, esses são seus principais objetivos e suas principais preocupações.

Nossa luta contra o pecado é nobre e boa, mas não se deixe enganar: não estamos lutando para sermos justos. Nós já somos justos. Estamos simplesmente aprendendo a viver exteriormente como a pessoa que já somos por dentro.

Na passagem citada de Colossenses, Paulo diz que devemos nos despir da velha natureza e nos revestir da nova natureza. Em outras palavras, pare de agir como quem você não é e passe a agir como quem você é de fato.

É desgastante agir como se fôssemos alguém que não somos. E, no entanto, é assim que muitas vezes lidamos com as ordens de Deus.

A opinião popular diz que a santidade é difícil. A devoção é difícil. A generosidade é difícil. A compaixão é difícil. A evangelização é difícil. Mas não se eu agir como quem sou. De repente, só tenho de ser eu. Não é tão difícil assim. Consigo fazer isso.

Muitas vezes dizemos a nós mesmos: "Tudo bem, seu humano egoísta, vá amar alguém para Jesus hoje". E depois respondemos: "OK, esse não é quem eu realmente sou, mas vou tentar. Vou fingir um sorriso, mesmo não querendo sorrir".

Por alguma razão, tendemos a pensar que "ser cristão" significa "ser o que eu não sou". Mas isso não é verdade.

Jesus me proporcionou um novo jeito de ser. No âmago de meu ser, eu sou santo, justo, devoto, compassivo, generoso, amável e sensível. Tenho uma nova natureza, que espelha o Deus que me criou.

Temos de parar de nos ver como pecadores. No céu não há nenhum conceito de pecadores a nosso respeito. Assim como o Oriente está longe do Ocidente, diz a Bíblia, Deus afastou nossos pecados de nós. Ele não se lembra deles. Quando Deus nos vê, ele não vê um pecador. Ele vê um santo.

É isso que somos.

Estou falando sério.

Não digo isso para iludi-lo a pensar melhor a seu respeito. Não é um jogo de palavras para justificar o pecado. São as boas-novas da graça.

Às vezes o pecado pode parecer tão grande e imutável que pensamos: "Esse é quem sou de verdade. Essa é a realidade. Eu sou um ser caído. Sou profano. Sou luxurioso. Sou mentiroso. Sou uma pessoa negativa. Vem de família. É minha natureza. Nasci com essa tendência".

Então pecamos. E odiamos isso. E tentamos lutar contra, mas é como se estivéssemos lutando contra nós mesmos.

"Diga-lhes que é a natureza humana. Por quê? Por quê?"

Não vou agradecer desta vez, Michael. Eu já não faço as coisas assim. Não é quem eu sou. Quando faço coisas que não vêm do alto, não estou agindo como quem sou.

Sim, os pecados são reais. Mas eles não nos definem. Raiva, ódio, malícia, calúnias — isso não é quem somos. Temos de enxergar essas coisas como intrusas. O pecado é um alienígena, um invasor, um parasita. Não é parte da criação de Deus.

O verdadeiro eu é o eu justo, e isso é mais real do que o pecado jamais poderia ser.

Para salvar a humanidade, Deus se fez homem na pessoa de Jesus. No processo, ele redefiniu o que significa pertencer à raça humana.

Jesus veio para nos mostrar um jeito novo de ser.

Conclusão: JESUS É

Meu objetivo neste livro foi ajudar você, leitor, a enxergar quem Jesus é de fato e a entender o significado disso para sua vida. É a reflexão de uma jornada pessoal em que venho caminhando há muitos anos, uma jornada que me transformou de dentro para fora. Estou mais apaixonado por Jesus e mais empolgado com a pregação do evangelho do que nunca.

Minha oração é que o amor de Jesus absorva você, permeie sua vida e traga luz à sua existência. Não existe nada igual.

Esse é só o começo. Estou convencido de que o amor de Jesus e a beleza da graça são tão imensas, tão extraordinárias e extravagantes, que passaremos a vida inteira descobrindo suas implicações.

Se determinados tópicos neste livro acenderam uma luz, eu o encorajo a responder. Isso talvez signifique juntar-se a uma igreja nas redondezas que o ajudará a crescer em Jesus. Pode ser que signifique ir mais devagar e passar mais tempo deixando Jesus amar você. Ou quem sabe signifique fazer algumas mudanças em seu estilo de vida.

Se eu pudesse lhe dar um único conselho, seria este: não permita que nada o impeça de ficar em paz com Deus. Não importa o que você tenha feito, não importa quem você seja, nunca é tarde demais para a graça.

A Bíblia diz que a salvação é uma dádiva. É gratuita. Não precisamos purificar nossos atos antes de nos aproximarmos de Deus. Não precisamos fazer um sacrifício para pagar por nossos pecados. Nós recebemos perdão pela fé, o que significa simplesmente que escolhemos crer na morte de Jesus em nosso lugar.

Eu sei que soa bom demais para ser verdade.

É por isso que o nome é graça.

E é isso que Jesus é.